

Universidade Federal de Juiz de Fora
Pós-Graduação em Ciência da Religião
Mestrado em Ciência da Religião

Manoel Mendonça Souza

**A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DOS PAPÉIS DE J. MORENO PARA
O BIBLIODRAMA**

Juiz de Fora

2014

Manoel Mendonça Souza

**A IMPORTÂNCIA DA TEORIA DOS PAPÉIS DE J. MORENO PARA
O BIBLIODRAMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, área de concentração: Filosofia da Religião, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Souza, Manoel Mendonça.

A importância da teoria dos papéis de J. Moreno para o Bibliodrama / Manoel Mendonça Souza. -- 2014.
109 p.

Orientador: Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2014.

1. Bibliodrama. . 2. Psicodrama. . 3. Hermenêutica. . 4. Psicologia da Religião. . 5. Teoria de Papéis de Moreno..
I. Noé, Prof. Dr. Sidnei Vilmar, orient. II. Título.


Manoel Mendonça Souza

A importância da teoria dos papéis de J. Moreno para o Bibliodrama

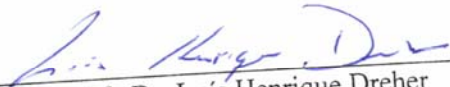
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração em Filosofia da Religião, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em 14 de março de 2014.

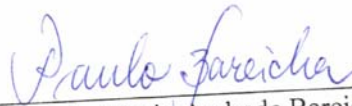
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé (Orientador)
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Luís Henrique Dreher
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Paulo Sérgio Andrade Bareicha
Universidade de Brasília

À Silvana, Pedro, Mariah e Paula, protagonistas da
minha história.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer, ser grato e compartilhar os louros da vitória alcançada.

À minha família (Silvana, Pedro, Mariah e Paula), pelo sonho compartilhado, pela paciência, pela compreensão da minha ausência, em tantos momentos, e do mau humor em virtude da execução desta tarefa; à Luciana, pela dedicação e apoio.

Ao prof. Dr. Sidnei Vilmar Noé, pela orientação e confiança em mim depositada.

Ao prof. Dr. José Fonseca, pela amizade, pelo material disponibilizado, pelo modelo de sabedoria e humildade.

Ao prof. Dr. Dr. Luís Henrique Dreher e ao prof. Dr. Paulo Bareicha, por participarem da banca.

Aos amigos Adilson Barros, Beatriz Week, Carlos Rubini, Heloisa Barbosa, Marilene de Carvalho, Valéria Lopes e Tereza Cristina Kalil, pela parceria ao longo da caminhada nas trilhas do psicodrama.

Aos professores Dr. Ronaldo Duarte, Dr. Luís Dreher, Dr. Eduardo Gross e Dra. Maria Inês Millen, pelas sugestões que facilitaram percorrer os caminhos da filosofia.

Mas Javé Deus chamou o homem e lhe disse:
“Onde estás?” (Gn 3,9).

RESUMO

O tema central desta pesquisa consiste no estudo da importância da teoria dos papéis, de Jacob Levy Moreno, para o bibliodrama. Considerado como a arte de interpretar textos sagrados, o bibliodrama é abordado a partir das concepções teóricas da autora Anete Roese, sendo complementadas com as contribuições de Esly Carvalho e Pitzele. Iniciando com a delimitação de seu conceito, seguem-se a abordagem de sua origem no psicodrama, sua metodologia e sua função hermenêutica, enfatizando-se o papel do bibliodramatista como diretor, coordenador e facilitador de todo o processo. Em função da importância da teoria de papéis para o bibliodrama, em seguida, serão explicitados temas específicos do psicodrama que revelam os conceitos antropológicos morenianos: a concepção de sujeito como um ser cósmico, seu desenvolvimento psicológico e a construção da sua personalidade. Tais conceitos auxiliarão na forma de compreender a ação hermenêutica bibliodramática, ou seja, aquela que emerge da dramatização. Essa hermenêutica encontra-se em ressonância com a hermenêutica bíblica proposta por Ricoeur, retomando a hermenêutica de Schleiermacher, cujo foco de interpretação fundamenta-se na compreensão psicológica do sujeito, tal como hoje é recomendado por Drewermann. Ao revelar a importância da teoria de papéis como contribuição ao bibliodrama, fundamentada na antropologia psicodramática, esta pesquisa, além de inserir o bibliodrama na psicologia da religião, também constrói outra possibilidade: ela permite ao bibliodrama contribuições à teoria do psicodrama, por meio de uma série de reflexões sobre sua origem filosófica, ou seja, sobre a relação direta com Deus. Enfim, essa relação dialógica do sujeito, por meio dos papéis bibliodramáticos, com a Bíblia torna-se agente de transformação, instrumento da mensagem bíblica, em busca de crescimento, tanto pessoal quanto profissional, possibilitando o resgate da fé, facilitadora do encontro com Deus e consigo mesmo.

Palavras-chave: Bibliodrama. Psicodrama. Hermenêutica. Psicologia da Religião. Teoria de Papéis de Moreno.

ABSTRACT

The central theme of this research is to study the importance of Jacob Levy Moreno's role theory to the bibliodrama. Considered as the art of interpreting sacred texts, the bibliodrama is approached from the theoretical conceptions of the author Anete Roesse, being complemented with contributions from Esly Carvalho and Pitzele. Beginning with the delimitation of its concept, following the approach of its origin in psychodrama, its methodology and its hermeneutic function, emphasizing the role of bibliodramatist as director, coordinator and facilitator of the whole process. Because of the importance of role theory to the bibliodrama, specific topics of psychodrama that reveal the Morenian anthropological concepts will be explained: the conception of the subject as a cosmic being, his psychological development and the construction of his personality. These concepts will assist in the way of understanding bibliodramatic hermeneutic action, i.e., one that emerges from the drama. This hermeneutics is in resonance with the biblical hermeneutics proposed by Ricoeur, resuming the hermeneutics of Schleiermacher, whose focus of interpretation is based on the psychological understanding of the subject, as it is recommended by Drewermann today. By revealing the importance of role theory as a contribution to bibliodrama, based on psychodramatic anthropology, this research, in addition to inserting the bibliodrama in the psychology of religion, also builds another possibility: it allows the bibliodrama contributions to the theory of psychodrama, through a series of reflections on its philosophical origin, i.e., a direct relationship with God. In short, this dialogical relationship of the subject, through bibliodramatic roles, with the Bible becomes an agent of transformation, instrument of the biblical message, in search of growth, both personal and professional, allowing the rescue of faith, facilitator of the encounter with God and himself.

Keywords: Bibliodrama. Psychodrama. Hermeneutics. Psychology of Religion. Moreno's role Theory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - O BIBLIODRAMA.....	14
1.1 BIBLIODRAMA: O CONCEITO.....	14
1.2 BIBLIODRAMA: A ORIGEM.....	20
1.3 BIBLIODRAMA: O MÉTODO.....	23
1.3.1 Primeira fase: abertura.....	28
1.3.2 Segunda fase: sensibilização.....	29
1.3.3 Terceira fase: aprofundamento.....	31
1.3.4 Quarta fase: partilha.....	33
1.3.5 Quinta fase: fechamento com despedida.....	33
1.4 BIBLIODRAMA: UMA HERMENÊUTICA.....	34
1.5 BIBLIODRAMA: LIMITES E TENSÕES.....	37
1.6 NOTAS CONCLUSIVAS.....	40
CAPÍTULO 2 - A TEORIA DOS PAPÉIS DE J. L. MORENO.....	41
2.1 JACOB LEVY MORENO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	42
2.2 TEORIA DOS PAPÉIS: O CONCEITO.....	46
2.3 O TEATRO DA ESPONTANEIDADE: O PONTO DE PARTIDA.....	49
2.4 A ESPONTANEIDADE: FUNDAMENTO DA TEORIA DOS PAPÉIS.....	52
2.4.1 O homem moreniano: o ser espontâneo.....	52
2.4.2 As conservas culturais.....	54
2.5 TEORIA DOS PAPÉIS: O INSTRUMENTO.....	56
2.5.1 A Matriz de identidade: a origem dos papéis.....	58
2.5.2 Os papéis psicossomáticos.....	62
2.5.3 Os papéis psicológicos.....	63
2.5.4 Os papéis sociais.....	65
2.6 REALIDADE SUPLEMENTAR.....	66
2.7 NOTAS CONCLUSIVAS.....	68
CAPÍTULO 3 - AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS PAPÉIS PARA O BIBLIODRAMA.....	71
3.1 BIBLIODRAMA: A HERMENÊUTICA PSICOLÓGICA DE SCHLEIERMACHER.....	72
3.2 O BIBLIODRAMA E A HERMENÊUTICA BÍBLICA.....	74
3.2.1 O Bibliodrama e o mundo do texto.....	76
3.2.2 O Bibliodrama e o mundo do leitor.....	79
3.3 BIBLIODRAMA: UMA HERMENÊUTICA DRAMATIZADA.....	81
3.4 INSTRUMENTALIZAÇÃO DE PAPÉIS MORENIANOS: AS TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS.....	84
3.4.1 O desempenho de papéis: o resgate da espontaneidade.....	86
3.5 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO BIBLIODRAMA E AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS PAPÉIS.....	90
3.6 O PAPEL DO BIBLIODRAMATISTA COMO HERMENEUTA.....	93
3.7 CONTRIBUIÇÕES DO BIBLIODRAMA AO PSICODRAMA.....	95
3.8 NOTAS CONCLUSIVAS.....	98
CONCLUSÃO.....	100
REFERÊNCIAS.....	105

INTRODUÇÃO

“No princípio criou Deus os céus e a terra” (Gn, 1,1). Assim tem início a Bíblia Sagrada, em que a Palavra de Deus se dirige aos homens na terra. Após ter criado as luzes e as trevas, os dias e as noites, a terra e todas as coisas que nela passaram a habitar, Deus criou o homem e a mulher, possibilitou-lhes conhecer o bem e o mal. Não resistiram ao desejo e caíram em tentação: comeram do fruto proibido. Passaram, então, a ter os olhos abertos, tomaram consciência do pecado, tiveram medo e se esconderam.

A partir daí, homens e mulheres adquiriram a dimensão do risco de não mais pertencerem ao paraíso, de viverem a ameaça de perda da sua infinitude, isto é, o conflito existencial dominou o homem ao viver em pecado. Ao serem questionados, ao serem interrogados por Deus, os homens esconderam-se. Não mais seria possível estar na presença de Deus sem sentimentos de pecado, de culpa, de conflitos. O questionamento “Onde estás?” transformou-se para o homem em “Quem sou eu? O que fiz? Para onde vou?”. A busca pelo sentido da sua existência, a razão de sua conduta, a consciência de suas culpas e arrependimentos passam a predominar na vida humana.

Esses conflitos, a princípio, eram considerados a causa dos males do mundo. Sob o domínio dos deuses das forças do bem e do mal advindas da natureza, restou aos homens a sorte de serem contemplados com a boa vontade divina. O mundo girou, o conhecimento evoluiu, a história aconteceu, Deus se fez presente na terra: Jesus Cristo, o Filho de Deus, veio ao mundo dos homens, para trazer a paz e a boa ventura. Morreu crucificado, retornou aos céus, deixando aos homens Seus Apóstolos, que escreveram as Palavras de Deus, Sua mensagem, Seus ensinamentos compilados em forma de “Livro Sagrado”: a Bíblia.

Estabelecendo um diálogo existencial com a Sagrada Escritura, os homens criam as possibilidades de construir perguntas e respostas na busca da cura dos males da alma através de seu sentimento de fé. Em contrapartida, se tais questionamentos são feitos no aqui-e-agora existencial de cada sujeito, mais de vinte e um séculos nos separam desses fatos, dos relatos bíblicos, da vinda do Filho de Deus aos homens na terra.

Como superar esse distanciamento histórico-cultural? Como possibilitar uma compreensão de todos esses relatos míticos, das parábolas e metáforas constitutivas das narrativas bíblicas, como novas possibilidades da existência humana? Uma grande evolução do conhecimento, das diversas maneiras de viver a vida apresenta-se como

formas de estar-no-mundo. Como, na atualidade, traduzi-las, torná-las assimiláveis e passíveis de sentido para cada um em sua singularidade?

Dentro desse espírito de busca, de compreensão de si mesmo e da procura de sentido da vida, os homens têm necessidade de ler e interpretar as mensagens da Bíblia. A essa metodologia de princípios norteadores de interpretação e orientação bíblica chama-se hermenêutica. No século XVII, foi denominado hermenêutico, “o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e de explicação, sendo sistema que o intérprete tem para encontrar o significado oculto do texto” (PALMER, 1987, p. 16). A partir dessa hermenêutica geral, surgiram as hermenêuticas específicas cujos estudos e princípios gerais de interpretação foram aplicados a determinadas formas de conhecimento, encontrando-se nisso a especificidade da hermenêutica bíblica.

Nesse contexto de busca pela Palavra de Deus, nasceu, no final do século XIX, um jovem que se tornaria médico-psiquiatra, transformando sua vida na busca por uma melhor capacidade de ajudar as pessoas a também falarem com Deus, em razão da felicidade e da paz no mundo. Trata-se de Jacob Levy Moreno, de origem judaica que, quando criança, brincava de ser Deus. Conta-se que, certa vez, empilhou cadeiras, nelas subiu e, por ser Deus, voou e quebrou o braço. Mesmo assim, jamais abandonou seu propósito de estar com Deus, de O ter em si mesmo e possibilitar às pessoas que fizessem o mesmo. Acreditava ser esta a fonte de paz e felicidade na terra e no mundo. Para compreender o ser humano e propor uma nova maneira de intervenção, Moreno construiu o psicodrama: uma teoria psicológica social e individual¹.

No encontro desses dois caminhos, isto é, da hermenêutica e do psicodrama, dentro de suas especificidades, inclui-se o bibliodrama², objeto de estudo desta pesquisa. Definido como “a arte de interpretar os textos sagrados” (ROESE, 2007), bibliodrama consiste na aplicabilidade dos conceitos e da prática psicodramática à exegese bíblica. Constitui-se, então, como resultado do diálogo estabelecido entre a hermenêutica bíblica e o psicodrama.

¹ Para Pierre Weil e Anne Schutzenberger (1977, p. 120) “psicodrama é essencialmente um método ativo de exploração daquilo que foi vivido por um indivíduo, adulto ou criança, normal, com problemas de caráter, com neurose ou psicose. Pode ser utilizado na psicoterapia, na educação ou na reeducação. Dirige-se a uma pessoa [...] ou a um grupo de pessoas [...] É centrado num indivíduo (o herói ou protagonista principal da ação) ou num grupo, mas se torna às vezes coletivo. O psicodrama é feito no grupo, pelo grupo e com o grupo”.

² Peter Pitzele (1998) propõe que o Bibliodrama seja escrito com a inicial “B” em letra maiúscula para designá-lo como o psicodrama dos textos sagrados. Assim, faz distinção de outras formas de psicodrama os quais com a inicial “b” minúscula são referentes às obras literárias. Carvalho (2002) também opta por usar Bibliodrama. Apesar disso, optamos por adotar as iniciais minúsculas (bibliodrama), em conformidade com Roese (2007), por ser a principal referência desta pesquisa.

Tal relação dialógica possibilitou uma maneira específica de interpretar a Sagrada Escritura. A partir da utilização de conceitos e práticas psicológicas propostas por Jacob Levi Moreno (1899-1974) para a hermenêutica bíblica, insere-se o bibliodrama no seio particular das ciências humanas, especificamente na psicologia da religião, já que esta é caracterizada pela “aplicação da psicologia ao estudo da religião”, tendo como um dos seus objetivos “conhecer as estruturas internas das experiências e dos comportamentos religiosos” (ÁVILA, 2007).

Segundo Pitzele (1998, p. 14), bibliodrama é uma forma de *role-playing*³ em que os papéis dramatizados são tomados, a partir do texto bíblico, possibilitando àqueles que se aventuram a esse desafio utilizar-se de uma hermenêutica bíblica específica, a qual exigirá uma postura determinada e coerente com a proposta psicodramática.

A especificidade hermenêutica desenvolvida no bibliodrama constituiu a motivação desta pesquisa. Ao utilizar a dramatização com a função de uma hermenêutica bíblica, surge o questionamento que fundamenta todas as argumentações apresentadas ao longo deste trabalho: a importância da teoria dos papéis, de J. Moreno, para o bibliodrama.

Como o objetivo primeiro do bibliodrama é interpretar o texto bíblico, de modo significativo para a vida dos participantes do grupo que o vivenciam, instalam-se outras indagações: como alcançar tal objetivo? A Bíblia deve ser usada como instrumento para o autoconhecimento? Como contextualizar no mundo atual a narrativa bíblica referente à vida ocorrida há mais de vinte e um séculos? De que maneira ocorrem as possibilidades e tensões entre os pressupostos religiosos de Moreno e o bibliodrama? Existiriam diferenças entre o bibliodrama e o teatro bíblico? Ao se constituir como uma relação dialógica, quais as contribuições do bibliodrama à teoria e à prática psicodramática?

Para buscar possíveis respostas que contemplem essas questões, este trabalho baseou-se em pesquisa de cunho bibliográfico. Dessa forma, sem a pretensão de ser um estudo que contemple toda a teoria e prática bibliodramática, serão usadas como recortes necessários para maior objetividade as características fundamentais que possibilitam melhor compreensão do bibliodrama. Os aspectos teóricos e práticos apresentados foram selecionados para contextualizar as reflexões que embasam as argumentações posteriores.

Para isso, este estudo terá como delimitação o conceito de bibliodrama e suas especificidades, as quais consistem na sua metodologia (diversas fases em que se

³ *Role-playing* ou jogo de papéis é uma das técnicas psicodramáticas cuja abordagem será melhor desenvolvida na 2ª parte deste trabalho.

desenvolve) e no seu caráter hermenêutico. Constituem a base referencial da primeira parte, ponto de partida das argumentações, as obras de Anete Roesse (2007), Esly Carvalho (2002) e Peter Pitzele (1998).

Será abordada, na segunda parte, a teoria psicodramática, de Moreno (2008, 2006, 1999, 1996, 1992, 1984, 1983, 1978, 1972), no que se aplica ao bibliodrama: a teoria dos papéis. Após uma contextualização da história de Jacob Levy Moreno, foram conteúdos de tais reflexões o conceito, as origens, as características da teoria dos papéis aplicadas à prática bibliodramática. Além de Moreno, outros autores, como Camila Gonçalves (1988), Eugênio Martín (1996), José Fonseca (2010, 2008, 2000), Max Clayton (1998), Pierre Weil (1977) foram pesquisados.

Na terceira e última parte desta pesquisa, discutiu-se como a teoria dos papéis, de Moreno, pode contribuir para a prática do bibliodrama, ao enfatizar a função hermenêutica do bibliodramatista⁴. Para isso, serão analisadas as concepções hermenêuticas que podem embasar essa prática, especificamente aquelas aplicáveis à hermenêutica bíbliodramática.

Embasados na compreensão do ser humano, a partir da concepção moreniana, a hermenêutica bíblica e os conceitos hermenêuticos de “mundo do leitor” e “mundo do texto”, de Paul Ricoeur (2011, 2006, 1989), foram aplicados à hermenêutica bibliodramática. Além da origem psicodramática, a utilização de outros referenciais teóricos fez-se necessária, como a categoria diltheyana de vivência (Erlebnis) e sua correspondência com a categoria moreniana de encontro. Somando-se a essas fontes, outros ensinamentos hermenêuticos serão consultados, principalmente as concepções de Schleiermacher abordadas por Pereira (2012), e as de Eugen Drewermann (2004, 1989), entre outras, que auxiliarão a articular a hermenêutica bíblica com a hermenêutica desenvolvida na ação bibliodramática.

Por outro lado, essa tarefa tem suas limitações. Uma delas é que **Bibliodrama, a arte de interpretar textos sagrados** (2007), de Anete Roesse, em que são citados autores alemães (Andriessen, Bobrowski, Brandhorst, Fallner, Warns entre outros), constitui a

⁴Essa denominação “bibliodramatista” é utilizada por Carvalho (2002) e Pitzele (1998) referindo-se ao diretor/coordenador do bibliodrama, cuja função será melhor delimitada na 3ª parte. Roesse (2007), dada a utilização da hermenêutica de gênero, no bibliodrama, define esse papel como diretora/coordenadora. Para Pitzele (1998, p. 34), diretor é o facilitador do bibliodrama, responsável pela sua preparação e coordenação, sendo aquele que poderá guiar os participantes a penetrarem no mundo interno dos arquétipos bíblicos. Diretor, cujo papel é o de um orquestrador ou facilitador do fenômeno teatral, é um dos cinco instrumentos utilizados no método psicodramático. Algumas escolas psicodramáticas preferem utilizar a palavra coordenador para enfatizar a aceção de facilitador de um processo (MENEGAZZO et al., 1995, p. 72).

única obra completa em língua portuguesa, para fundamentar esta pesquisa. Em virtude do não domínio da língua alemã, a presente pesquisa não enveredou pelos autores alemães.

Dessa maneira, o que se pretende é, a partir da função hermenêutica do bibliodrama, abordar o papel do bibliodramatista⁵, fundamental às argumentações que ressaltam a importância da teoria dos papéis, de J. Moreno, a essa maneira específica de interpretação dos textos sagrados. Ressalta-se, entretanto, o caráter de amplitude do tema, de modo que esta pesquisa pretende possibilitar aos que se aventuram à compreensão do bibliodrama algumas reflexões pertinentes a uma prática compatível com os pressupostos que o fundamentam, sem, contudo, ter a pretensão de abarcar integralmente a teoria e a prática do bibliodrama. Esse recorte tem como objetivo propor uma reflexão sobre um dos aspectos fundamentais nessa prática: as contribuições que a teoria dos papéis moreniana poderá agregar ao bibliodrama, no Brasil, bem como o caminho inverso: as contribuições que o bibliodrama poderá oferecer ao psicodrama.

⁵ A definição de bibliodramatista e o seu papel serão contemplados na primeira sessão deste trabalho.

CAPÍTULO 1 - O BIBLIODRAMA

Construir uma fotografia, um recorte de um processo que se propõe dinâmico, inovador, ágil e espontâneo é uma tarefa árdua. Eis o desafio de se escrever sobre bibliodrama, cuja especificidade fundamenta-se na rapidez processual, na dinamicidade, espontaneidade e criatividade com que se desenvolve.

A originalidade desse estudo encontra-se na maneira pela qual o processo de leitura acontece, indo além das interpretações tradicionais. Em se tratando de um grupo de pessoas, sentadas em círculo, estudando a Bíblia, a interpretação realizada a partir de cada integrante ganha nova dimensão, em virtude do fato de que a grupalidade constitui um elemento determinante nesse processo interpretativo, ao proporcionar elementos subjetivos específicos resultantes da dinâmica grupal⁶.

Nessa dinâmica, é fundamental que o grupo seja constituído de, no mínimo, três pessoas a mais ou menos vinte, correspondendo à chamada microsociologia (estudo de grupos reduzidos), referida por Grinberg, Langer e Rodrigué (1976): “na realidade, apenas com os grupos reduzidos conseguimos manter um contato mais ou menos íntimo, constituindo os verdadeiros padrões de nossa vida social”⁷.

Faz-se necessário ressaltar que, por desviar o foco desta pesquisa, não serão abordadas as implicações teóricas que resultam do fato de ser o bibliodrama uma intervenção grupal, já que o objetivo desta pesquisa encontra-se na função hermenêutica desse processo, especialmente no papel do bibliodramatista como um hermeneuta. Dessa maneira, para efetivar este trabalho, serão privilegiados, em detrimento de outros, os aspectos teóricos do bibliodrama que facilitarão os argumentos necessários.

1.1 BIBLIODRAMA: O CONCEITO

Bibliodrama (biblio = livro, drama = ação/movimento) é um instrumento de intervenção em um grupo de indivíduos que se propõe a dialogar com os textos sagrados. Segundo Roese (2007), trata-se de um processo espiritual, em que a interpretação é

⁶ A dinâmica grupal é abordada através da Dinâmica de Grupo, não constituindo foco de interesse nesta pesquisa, entretanto para eventuais pesquisas, sugerimos a obra de Cartwright e Zander (1975).

⁷ Pitzele (1998, p. 9) escreve como exemplo da constituição de um bibliodrama: “um grupo de quinze adultos sentados em círculo, estudando a Bíblia” (tradução nossa).

traduzida por meio da dramatização de textos bíblicos, sendo uma atividade multidimensional cujos integrantes têm a possibilidade de descobrir e experimentar uma nova maneira de vivenciar o poder espiritual da Bíblia. Nesse contexto, a história pessoal de cada participante em relação à tradição da fé, bem como a história comum a todos do grupo, adquirem melhor esclarecimento e intimidade com a leitura bíblica. Em *Manual de Bibliodrama*, Carvalho (2002) traz uma definição bem simples: “Bibliodrama é a dramatização de uma história ou porção bíblica”⁸.

Constitui-se, assim, em uma hermenêutica específica que tem o grupo como espaço de interpretação desses textos. No bibliodrama, a partir da leitura de um texto sagrado, de forma criativa e espontânea, utilizam-se métodos de interpretação dinâmica, para construir uma leitura atualizada da vida: cria-se um ambiente que se transforma em palco de experiências vividas pelas pessoas. Nesse palco, a mensagem sagrada torna-se norteadora e inspiradora de todas as emoções e ensinamentos que emergem da leitura.

O bibliodrama constitui-se, dessa forma, como a descoberta da revelação do drama cuja criação e vivência drama manifestam-se na expressão criativa do movimento inerente ao texto sagrado, contextualizando-o e remetendo-o às experiências da vida atual. Torna-se, então, uma metodologia de cunho teológico, terapêutico, social e político. Tendo o grupo como espaço desses acontecimentos, a vivência bibliodramática transforma a leitura dos textos sagrados numa experiência de vida, revelando suas dimensões singulares e universais. O bibliodrama desenvolve-se em quatro níveis: espiritual (revelação), cognitivo (conhecimento), emocional (sentimentos) e social (ação).

Segundo Roesse (2007, p. 13), para o bibliodramatista Brandhorst, bibliodrama é “uma abordagem criativa e multidimensional de textos bíblicos”. Trata-se de uma ferramenta específica para o ensino da Bíblia, prestando-se, também, para a formação de indivíduos que pretendem desenvolver um tipo específico de aprendizagem dos ensinamentos bíblicos. Apesar de incluir uma interpretação literária e diferente da tradicional, não tem a pretensão de suplantiar o estudo bíblico tradicional; apenas propõe um novo método e uma nova maneira de se nutrir dos ensinamentos bíblicos.

Por se tratar de um modo criativo e expressivo de interpretação bíblica, em que o jogo dramático se desenvolve, o bibliodrama, partindo de seus parâmetros, torna-se aberto

⁸ Dramatização, aqui, adquire o sentido da categoria diltheyana de vivência (*Erlebnis*), conforme será abordado na terceira parte desta pesquisa.

e adaptável a novos públicos e a diversas circunstâncias e situações, de forma que, sob as variadas direções que desenvolvem e criam a experiência bibliodramática, assume diferentes formas:

Tratar de textos sagrados é falar da intimidade da fé, é tocar na alma e se ocupar com cuidado do mundo. O bibliodrama coloca-nos no caminho para um reencontro com o sagrado e acende e desperta algo que há em nós, profundo como o mundo: nossa autenticidade mais plena e nossa humanidade mais divina (ROESE, 2007, p. 7).

Não se trata de criar uma maneira correta e específica de realizar um bibliodrama, mesmo porque existem diversas formas de realizá-lo, de modo que sua especificidade encontra-se no fato de que toda a vivência bibliodramática ocorre no “aqui-e-agora” do grupo. A experiência desenvolve-se com os sujeitos do grupo, assumindo o papel dos diversos personagens bíblicos, dos objetos e demais elementos que emergem da leitura do texto. A unicidade da experiência, na diversidade do processo bibliodramático, é expressada pelo uso da primeira pessoa do singular, do tempo presente, por parte dos sujeitos, no acontecer da vivência.

Em todo o jogo bibliodramático, essa metodologia pode ser explicitada de maneira mais simples: os leitores do texto bíblico são envolvidos em uma atmosfera grupal, de forma que, sensibilizados e mobilizados pela vivência emocional emergente da leitura, entram no papel do personagem bíblico que está por se manifestar. Ao atuarem e agirem como esse personagem, tornam-se jogadores desses papéis, e a história passa a se desenrolar no tempo presente. Nisso existe uma figura que se torna primordial nessa experiência: o diretor do bibliodrama, ou seja, o bibliodramatista.

Segundo Pitzele (1998, p. 34), para que a vivência bibliodramática tenha coerência, sentido específico e pertinente, o diretor é definido como o elemento responsável pela condução de todo o processo e pelo desdobramento das cenas. Apesar de ser o coordenador responsável pelo processo, sua função é tornar a vivência bibliodramática significativa para cada participante da experiência. Embora, nessa vivência, os participantes sejam o foco do trabalho, são fundamentais a habilidade e a competência do bibliodramatista para que esse objetivo seja alcançado.

Por mais imaginativas e criativas que tais cenas possam ser, essas respostas podem não ser bibliodramáticas ou, pelo menos, não estão redigidas em termos bibliodramáticos. Caso sejam respostas indiretas ou o intérprete não esteja no papel, e a história não esteja no

tempo presente, descaracteriza-se o bibliodrama. Se o leitor posiciona-se fora da história bíblica, olhando-a como algo que aconteceu no passado, em desarmonia com o contexto sagrado, não está vivenciando a experiência bibliodramaticamente. A autenticidade dessa vivência encontra-se na maneira como esses jogos de papéis são experienciados. Desse modo, o *role-playing* acontece quando papéis são criados e reproduzidos autenticamente e tomados a partir do texto bíblico:

As cenas do texto que revividas e atualizadas no processo bibliodramático são processos de criação. Esta criação é revisão, avaliação e reinvenção de conceitos e modelos da vida cotidiana. Ao vivenciá-las, novas cenas surgem, se interiorizam e se tornam uma imagem para a vida real cotidiana, uma nova verdade, uma nova realidade, melhor que a anterior. O bibliodrama tem um sério caráter de transformação de contextos atuais. A partir de textos sagrados, escritos, “Escritos sagrados”, o bibliodrama propõe transformar textos da vida atual – textos ainda não escritos, textos apenas vividos, textos vivos – em vida que pode ser mais digna, mais justa. (ROESE, 2007, p. 32).

Segundo Pitzele (1998), esses papéis podem ser as personagens que aparecem explicitamente na Bíblia, tomados pelo nome (Adão e Eva), ou mesmo alguns cuja presença pode ser inferida a partir de uma leitura criativa das histórias, como a esposa de Noé ou a mãe de Abraão, por exemplo. Ocorre uma disponibilidade infinita de criar personagens que se desenvolverão como papéis disponíveis ou elementos que passam a ter vida. Elementos como a serpente, a maçã, a arca, além de imagens, podem ser incorporados no drama, passando a ter voz, movimento e ação. Da mesma forma, locais como o rio Jordão ou o Monte Sinai podem ter vida, tornando-se falantes, tendo sentimentos e expressando ideias e posicionamentos. O mesmo ocorre com figuras espirituais, como os anjos, Deus e o demônio. Eles passam a contracenar e ganham vida e voz através dos jogos de papéis. Partindo da criatividade e da espontaneidade, uma série de personagens da tradição lendária bíblica, como Lilith, ou comentaristas, como Santo Agostinho, podem ser trazidos para o palco bibliodramático.

Para o mesmo autor (1998, p. 11), bibliodrama é um jogo interpretativo ou uma forma de “midrash”, de raiz hebraica, cujo significado é investigar ou explorar. Usado com o artigo definido e letra "M" maiúscula, é um produto e um processo classicamente associado às obras exegéticas dos rabinos da antiguidade tardia. No Midrash, o texto escrito é examinado em busca dos significados e percepções que enriquecerão nossa compreensão e nossa relação com a Bíblia. Para os rabinos, esse engajamento

interpretativo bíblico manifestou-se em palavras-peças, em analogias e mesmo em trocadilhos que intensificaram a experiência ativa de leitura de textos. A partir de uma perspectiva mais liberal, pode incluir ações extraliterárias em atos de interpretação, como movimento, música, artes visuais e teatro que, como seus antepassados clássicos, servem para iluminar o significado da narrativa bíblica.

Compreendido dessa maneira, isto é, associado ao Midrash, o bibliodrama desenvolve e aprofunda toda a parte da hermenêutica do texto sagrado, possibilitando uma experiência prática e metodológica de interpretação bíblica criativa e original. Apesar de a construção da cena bibliodramática relacionar o texto sagrado com a experiência de vida, o momento vivido com a espiritualidade e a religiosidade, entrelaçados com o cotidiano de cada um dos participantes, todo esse processo deve ser precedido por uma exegese, como uma tarefa complementar. A criatividade e a espontaneidade do grupo constituem o fator comum de ligação da Bíblia a

Uma aproximação de Deus, à fé, à espiritualidade pessoal e comunitária; conduz a um reconhecimento mais amplo e profundo da vida criada e da interação de toda a vida do cosmo; implica um confronto de seres humanos e de toda outra vida do universo. A partir dessa vivência podem surgir outras relações dos seres humanos entre si e desses com a vida que os cerca, uma nova cosmovisão da vida em suas micro e macro manifestações. Essa experimentação acontece de forma subjetiva e objetiva simultaneamente (ROESE, 2007, p. 25).

No bibliodrama, mesmo que o ponto de partida seja um texto antigo, o que se encontra em jogo é, essencialmente, o aqui-e-agora grupal do dia-a-dia vivenciado, de forma que a realidade daqueles que estão reunidos em grupo é contaminada pelas histórias, pelos mitos, pelas parábolas reveladas, sendo todos mobilizados pelas vivências transcorridas há mais de dois mil anos. Presentifica-se o passado, resgatando suas mensagens, e aponta-se para um futuro, na busca de melhor qualidade de vida e maior comprometimento com as convicções religiosas, com a espiritualidade e com a fé. Nessa vivência em grupo, o encontro com o outro, mediado pelas mensagens bíblicas, cria possibilidades de promover o processo de resgate do cuidado com o próximo, do cuidado consigo mesmo e com os vínculos afetivos, sociais, em uma dimensão maior de relação com o todo, com o cosmo, com o universal.

Pode-se, então, definir todo o processo bibliodramático como uma forma de, partindo de um texto bíblico, despertar uma experiência infinita de sentimentos, novos

significados e novos sentidos existenciais. Todo esse contexto interno de um grupo, dialogando com o texto sagrado, desperta um confronto entre a pessoa e sua religiosidade, fé e espiritualidade. No grupo, emerge uma nova realidade em que afinidades, questionamentos e dúvidas são ressignificados com o sagrado, estabelecendo uma nova visão de si mesmo e do mundo.

Embora seja um processo vivenciado no encontro entre cada pessoa com o texto bíblico, o bibliodrama difere do teatro bíblico, já que não implica mera encenação ou repetição, não prescinde de ensaio ou “script”, não dispõe de texto previamente preparado para dar direção ao espetáculo. Tudo que é dramatizado, vivido no aqui-e-agora do grupo somente a ele está direcionado. Caso exista alguma plateia, esta fará parte integrante de todo o processo bibliodramático. Enfim, todas as personagens, bem como suas falas seu comportamento, suas ações emergem, espontânea e criativamente, no aqui-e-agora grupal.

O bibliodrama difere também dos jogos teatrais, que estão mais próximos das técnicas de dinâmica de grupo⁹ do que de uma experiência processual. Por ser um processo, passo a passo, com início, meio e fim, em constante interação, com dimensão vivencial, seu objetivo final é o resgate de emoções, sentimentos e conflitos interiorizados em cada sujeito. Trata-se, acima de tudo, de viver, dramatizar personagens, cenas, sentimentos e situações, de modo que tal vivência construirá uma rede de relações novas e de ressignificados com os textos bíblicos, possibilitando uma nova busca de sentido para a vida e novos caminhos de encontro com o divino, com a espiritualidade.

O bibliodrama torna-se, dessa forma, um laboratório de interpretação bíblica, de crítica, ensaio e experiências possíveis para a busca de um dia-a-dia de batalhas, de convivência política e social, integrando as dimensões cognitiva, corporal e espiritual. Mobiliza os participantes a redescobrirem e re-experimentarem o poder espiritual da mensagem bíblica, encorajando-os à palavra de Deus para o cotidiano da vida e a viver de acordo com Seus ensinamentos.

⁹ A dinâmica de grupo surgiu a partir dos estudos de Kurt Lewin, o qual propõe a aplicabilidade de técnicas grupais para estudo e pesquisas dos fenômenos coletivos e sociais (CARTWRIGHT e ZANDER, 1975).

1.2 BIBLIODRAMA: A ORIGEM

Segundo Roese (2007), inicialmente, bibliodrama era uma técnica de dramatização de textos literários proposta por Jacob Levy Moreno para se trabalhar com grupos e, embora se tenha desenvolvido e aprofundado nos meios teológicos e eclesiais, sua origem remete-se ao psicodrama. Deve-se ressaltar que, a partir de 1970, no Brasil, o bibliodrama foi desenvolvido e aprofundado dentro dos círculos eclesiais que exercitam hermenêuticas libertadoras de interpretação bíblica:

Desenvolveu-se também sob várias ênfases e correntes, tais como a pedagogia, o teatro, a meditação, a liturgia, sempre em relação à teologia, e continua sendo abordado ao lado e de forma interdisciplinar com o psicodrama (ROESE, 2007, p. 13).

Para aprofundar sobre a origem do bibliodrama, é fundamental expor os conceitos básicos e os princípios norteadores da teoria psicodramática que possibilitam o ponto de partida para a compreensão de sua origem bem como sua inserção na teoria e na aplicabilidade do psicodrama.

Criado em 1921, pelo médico psiquiatra austríaco Jacob Levi Moreno, radicado nos Estados Unidos, a partir de 1925, psicodrama (psyche = alma, e drama = ação) pode ser compreendido como um método de intervenção grupal e também individual. O ressoar da vivência, através do que é contado e dramatizado, mobiliza e cria um clima (“warming up”) grupal, que propicia a todos os integrantes do grupo uma nova experiência, uma troca de emoções e reflexões sobre o vivido no aqui-e-agora.

Para Moreno (2006, p. 18), criador do psicodrama, este, desde sua origem, teve como objetivo criar um conjunto de instrumentais terapêuticos de intervenção, social e individual, num construto teórico-técnico para o trabalho psicodramático com os grupos. Seu ponto de partida ou sua inspiração foi usar a vida em todas as suas dimensões, buscando integrar, nesse modelo de intervenção, todas as modalidades de viver. Como pressupostos dessa modalidade, ele elegeu quatro universais: tempo, espaço, realidade e cosmos. Tais universais determinam as intervenções psicodramáticas aplicando-os a “todos os detalhes e nuances da vida e da realidade prática”.

Desse modo, tal como na vida, no psicodrama, as três dimensões do tempo – passado, presente e futuro – são enfocadas e vividas na unicidade da vivência

psicodramática. Ao descrever o tempo como um dos universais do psicodrama, Moreno, desde seu primeiro livro,¹⁰ em 1914, passou a “sublinhar o momento, a dinâmica do momento presente, o aquecimento para o momento presente, o ‘aqui-e-agora’ e todas as implicações imediatas, pessoais, sociais e culturais” (MORENO, 2006, p. 19).

Na abordagem do espaço como universal, enfatiza-se a busca do espaço concreto e vivido para que todas as dimensões da vida possam ser integradas. Na intervenção psicodramática, a descrição, a delimitação e a atualização do espaço, em suas dimensões horizontais e verticais, os objetos neles contidos, a distância e a relação que estabelecem entre si são contextualizados em toda a vivência.

Como universal psicodramático, a realidade é compreendida em três categorias: a) infrarrealidade ou realidade reduzida: o que está sendo descrito e vivido como realidade nada mais é do que o resultado do processo mental descrito e objetivado pelo sujeito; b) realidade da vida real: presente que afeta os indivíduos e o mundo como um todo; c) realidade suplementar¹¹: as dimensões intangíveis e invisíveis da vida intra e extrapsíquica trazidas para o “aqui-e-agora” do psicodrama: realidade presente.

O cosmos, quarto universal, implica a visão filosófica do homem moreniano não apenas um homem social ou individual, mas como um sujeito cósmico, ou seja, o homem é um ser cósmico:

O homem tem sido frequentemente chamado de animal criador de símbolos [...] A capacidade de transcender o aqui-e-agora por meio de símbolos tem que ser substituída pela capacidade de integrar os símbolos mais complexos ao aqui-agora imediato. Portanto, podemos distinguir três fases na evolução do homem: 1) o aqui-agora do animal, 2) o animal criador de símbolos que transcende o aqui-agora e 3) a criatividade simbólica integrada ao aqui-agora concreto. Este novo homem pode ser chamado de “homem cósmico”. Ele é tão real quanto o animal e tão simbólico quanto o homo sapiens, mas também uma síntese de ambos (MORENO, 1983, p. 239).

No mundo psicodramático, as diferenças são abolidas: não há distinção de gêneros nem de idades. A vida e a morte, o céu e terra, os homens, os objetos e os animais, enfim, tudo e todos têm a mesma importância e o mesmo valor. Na cosmodinâmica

¹⁰ A expressão “seu primeiro livro” necessita ser esclarecida: trata-se do livro **Psicodrama** (1978), conhecido nos meios psicodramáticos como “o livro preto” (em virtude de sua capa de cor preta), em que Moreno, pela primeira vez, descreve toda a base científica (teórica) de seu projeto psicodramático. Os livros anteriores continham mais as bases filosóficas e místicas de suas ideias.

¹¹ Em virtude da grande importância que desempenha dentro do processo psicodramático, a categoria “realidade suplementar” será melhor abordada na segunda seção desta pesquisa.

psicodramática, o homem é o senhor de sua existência, e, através da fé na infinita criatividade do cosmo, associa-se à criatividade do universo, criando a possibilidade de a vida incorporar-se ao mundo psicodramático: “Deus não está morto, Ele está vivo no psicodrama [...]. Cada um pode representar sua versão de Deus através de seu desempenho e desta forma comunicar sua versão aos outros” (MORENO, 2006, p. 34). Nessa proposta moreniana, Deus torna-se vivo no psicodrama:

Líderes, profetas e terapeutas de todos os tempos sempre tentaram se fazer de Deus e impor aos pobres, ao homem comum, seu poder magnífico e sua superioridade. No mundo psicodramático, viramos a mesa. Não é mais o mestre, o grão-sacerdote, o grande terapeuta que incorpora Deus. A imagem de Deus pode tomar forma através de cada homem – o epilético, o esquizofrênico, a prostituta, o pobre e o rejeitado. Todos eles podem, a qualquer tempo, subir no palco, no momento em que a inspiração chegar, dando sua versão do significado que o universo tem para eles. Deus está sempre em e entre nós, como acontece com as crianças. Em vez de baixar do céu, Ele entra pela porta do palco (MORENO, 2006, p. 35).

Na concepção moreniana, o Deus que está no céu, no universo, que está acima dos homens ou no outro é um Deus sem sentido. Em outras palavras, esse Deus invisível perdeu seu significado, ganhando um novo, ao não mais vir do outro, não mais vir daquilo que é dado, mas de si mesmo, isto é, da própria pessoa:

Eu comecei, então, a relacionar eu mesmo ao começo, ao Gênesis, à Bíblia, como o Velho e o Novo Testamento. No Velho Testamento deus é Ele, e no Novo Testamento Ele é Tu, mas agora há um novo Deus, uma nova voz de experiência, uma nova comunicação com Deus que vem através do Eu propriamente dito, através de mim, através de você, através de cada mim, os milhões de mim [...] (MORENO, 1972, p. 200, tradução nossa).

Para Moreno, assim como o mundo passa por constantes transformações, assim também é o sentido de Deus: o primeiro sentido era o de Deus cósmico; em seguida, veio o Deus do Amor, que inclui o Deus cósmico; na contemporaneidade, o sentido de Deus na interioridade de cada sujeito vem a partir do próprio eu: “Você e eu somos as peças, as forças contribuintes, as redes, para estabelecer um dia o momento em que as palavras do Gênesis vão se tornar realidade” (MORENO, 1972, p. 200).

Essa concepção moreniana do homem como um ser cósmico, em consonância com sua visão de Deus e sua relação com o ser humano, possibilita a aplicabilidade do

bibliodrama. Se, por um lado, Deus está presente em todas as coisas, inclusive na interioridade de cada sujeito, por outro lado, ao mesmo tempo, cada um de nós está presente em todo o universo, como uma “essência cósmica”¹². Somos todos unidos pela responsabilidade, “elo que nos une e que nos liga ao cosmos [...] todos sendo capazes de, através da responsabilidade, tornarem-se deuses” (MORENO, 1992, p. 14).

As considerações acima realizadas remetem ao embasamento da teoria psicodramática e nos auxiliam a revelar as raízes do bibliodrama. A concepção antropológica de Moreno, coerente com sua proposta de intervenção social e individual, possibilita e fundamenta também a teoria bibliodramática. Os objetivos propostos para a realização de um bibliodrama encontram-se em total ressonância com a proposta psicodramática, na medida em que ambos procuram promover um contato direto de cada sujeito com sua fé, de sua relação com Deus, diretamente, sem intermediários. Diante de todas essas considerações, ainda restam algumas indagações. A primeira delas é de que maneira acontece o bibliodrama? A segunda é como ele se torna possível?

1.3 BIBLIODRAMA: O MÉTODO

Tendo o texto bíblico como sustentação da vivência, o bibliodrama promove profunda interação entre o texto sagrado e a vida em todo seu significado, propondo uma hermenêutica geradora de um movimento entre o texto sagrado, os símbolos religiosos e as pessoas. Desenvolvendo-se o bibliodrama, desenvolve-se o psicodrama em que acontecem os universais: tempo (experiências de vida, em uma contextualização do passado com o presente a partir da vivência religiosa grupal); realidade (profunda interação das realidades cognitiva, emocional e espiritual dos participantes); cosmos (metáforas contínuas com o Divino e o cosmos); espaço (o aqui-e-agora do grupo).

Apesar das diversas maneiras de estudar, comentar e compreender a Bíblia, seja teológica, literária e historicamente, na proposta bibliodramática há uma forma específica de interpretar a Sagrada Escritura: o texto bíblico ganha vida, numa relação de mão dupla, do leitor para o texto, e do texto para o leitor; a narrativa bíblica ganha ação e movimento: os objetos falam, as imagens e as personagens respondem diretamente ao que lhes é

¹² Essência cósmica ou biológica é a expressão que Fonseca utiliza para descrever a origem do ser humano. Segundo Fonseca, “a criança nasce como essência biológica ou cósmica a ser envolvida pelas camadas psicológicas das influências ambientais. A essência constitui o núcleo central que será recoberto pela persona-(máscara)-lidade” (FONSECA, 2010).

questionado. Os leitores passivos passam a jogadores ativos, assumindo papéis emergentes da criatividade e da ressignificação reveladas na vivência bibliodramática, emergindo reflexões profundas, complexas e significativas a respeito da vida, com seus valores éticos e morais. Nesse movimento, o fruto proibido a Eva pode remeter à temática de traição, obediência, desafio à autoridade, legalidade e submissão às normas em nossos dias:

Podemos ser felizes, assim como surpresos, ao descobrir que a Bíblia pode manter o seu poder como um livro sagrado não porque a sua autoridade nunca é questionada, mas porque as questões que levanta tem a autoridade para nos levar a algumas das questões mais importantes de nossas vidas . A história de Eva comer o fruto é, afinal, uma história em que os temas da tentação, desobediência e coragem estão todos interligados (PITZELE, 1998, p. 27, tradução nossa).

A especificidade do bibliodrama é o fato de ser um processo vivencial, com princípio, meio e fim, em que os fenômenos, não sendo estáticos, encadeiam-se. Toda metodologia possibilita tais especificidades, embora o conteúdo de cada vivência seja pré-determinado pelas mensagens bíblicas reveladas. Para Roesse (2007, p. 50), o bibliodrama é um processo que se desenvolve em diferentes etapas, que não acontecem de forma linear, mas sobrepondo-se e readaptando-se em diferentes momentos.

A possibilidade de tais características fundamentais que demarcam e definem o processo encontra-se na criatividade e espontaneidade dos papéis assumidos tanto pelo diretor quanto pelos integrantes. Esses papéis que emergem do texto bíblico são criados a partir das personagens, sejam pessoas, objetos, animais, situações ou qualquer elemento que desperta no participante um significado capaz de mobilizá-lo. A história é vivida no tempo presente, no aqui-e-agora do grupo, conforme pode ser visto a seguir.

Tomemos como exemplo sucinto a descrição de um bibliodrama que Roesse (2007, p. 86 a 96) relata em sua obra, realizado a partir do texto da dracma perdida (Lucas 15.8-10). Ao descrever o preparo do processo bibliodramático, a autora aponta como protagonista¹³ uma mulher com suas características: sua postura de independência ou de dependência, sua relação com dinheiro, tendo suas amigas e vizinhas como outras personagens, a casa onde morava:

¹³ Protagonista, assim como o diretor, constitui-se como um dos cinco instrumentos do psicodrama. Refere-se ao personagem principal da dramatização, segundo Menegazzo, Zuretti e Tomasini (1995, p. 171- 172).

Convido para andar devagar e perceber o sentimento que perpassa o corpo neste momento. O que você está pensando neste momento? Qual a sensação da perda? Como se sente? Mostre com uma expressão corporal um gesto, o que perpassa seu corpo? [...] Cada qual dá um nome à sua sensação, ao seu sentimento [...] Uma mulher mostra seu gesto e fala: perdi meu filho, perdi meu marido. Ela chora de forma contida. [...] cada pessoa do grupo pode se identificar com uma das etapas do processo da mulher que perdeu a dracma. Seja com o momento da perda (objetos ou valores, pessoas, igreja, emprego); seja com a etapa da procura (talvez associado com um vazio, a busca de algo novo - uma relação nova) ou o momento de achar o perdido, o encontro a celebração. [...]. O cíclico (do bibliodrama) manifesta-se na fala de Olga: 'Perdi meu esposo há oito anos, e há quatro anos perdi o meu filho, e eu não consigo mais dar o passo seguinte, eu não consigo acender a candeia da minha vida!' (ROESE, 2007, p. 87-103).

A autora aponta como atitudes da personagem, no processo bibliodramático, a percepção de perda, procura, reunião e celebração, relatando ainda a situação e os respectivos sentimentos de perder, ter e ganhar, de pecar e arrepender, de ansiedade, desespero e alegria. Realça os elementos (objetos e símbolos) envolvidos: dracmas-moedas, vassoura, candeia, luz, explicitando os valores e as capacidades a serem trabalhados: a amizade, a celebração. Após todo esse processo de sensibilização do grupo, a coordenadora promove vários movimentos grupais e corporais para que cada integrante do grupo possa entrar em contato consigo mesmo, com sua história de vida, com suas singularidades, num momento de reflexão, de conscientização de seus sentimentos e afetos.

Embora a história tenha ocorrido no passado remoto, ela é desenvolvida no presente imediato, sendo recriada a partir das experiências do leitor. Aqui encontramos a característica que fundamenta o bibliodrama: a recriação de novas histórias, ou mesmo das velhas histórias, encenadas de maneira original, criativa e única. Nenhuma ação, nenhuma personagem é predeterminada, exceto as que já estão no texto sagrado. As escolhas do que será dramatizado emergem da própria experiência vivida, despertada após a leitura dos textos sagrados. Tudo que vai sendo construído, a partir da experiência vivida, aos poucos, transforma-se, recria-se, ganha ressignificados, com novos enredos, novas personagens e novos sentidos. Isso é o que possibilita ao texto ganhar vida, passar a ter voz e ação, transformando-se em uma história viva, humana, universal.

Apesar de as palavras bíblicas permanecerem imutáveis, canonizadas, o que se transforma é a forma como elas são interpretadas, o novo sentido que passam a ter, a partir da vida que esse mesmo texto passa a explicitar. O leitor não será apenas um crítico ou um intérprete passivo diante do texto. Pelo contrário, transforma-se em leitor criativo que, ao

tomar intimidade com o texto, amplia sua imaginação e seus sentimentos, os quais emergem de sua proximidade com a leitura e de suas novas formas de percepção e improvisação. Todo esse processo bibliodramático necessita ser espontâneo e criativo.

Nesse aspecto encontra-se a grande diferença entre o bibliodrama e a teatralização do texto bíblico, que consiste em repetir diálogos, reconstruir cenas, seguir o roteiro teatral. Trata-se, portanto, da espontaneidade e da criatividade das cenas dramatizadas, cuja originalidade e unicidade são desenvolvidas no aqui-e-agora grupal. A história construída, ao longo do processo bibliodramático, não se repete em outro contexto, sendo impossível um “fazer-de-novo”, na medida em que, ao fazer de novo, será um novo bibliodrama.

Por se tratar de uma experiência construída no aqui-e-agora grupal, onde os participantes, levados pela espontaneidade/criatividade, jogam papéis que emergem de seus sentimentos e emoções, não há possibilidade de reprise. Por se tratar de um “teatro de improviso”¹⁴, todos os presentes no grupo tornam-se atores em potencial. Como a denominação de ator transmite a ideia de alguém treinado e capacitado para representar um papel em determinada encenação teatral, ela não é muito adequada ao bibliodrama.

O responsável pelo desenrolar desse processo é denominado “bibliodramatista”, definido como diretor e sujeito habilitado a desempenhar a tarefa de promover a experiência grupal sem desviar do objetivo maior: construir uma experiência bibliodramática capaz de criar ressignificados de vida e novos sentimentos em relação a si e ao mundo, em sintonia com a mensagem bíblica.

Nos jogos de improvisação é fundamental que ele tenha habilidade de construir competências baseadas nas habilidades de criatividade/espontaneidade. Além de ser um líder do grupo, capaz de levá-lo às experiências desafiadoras do aqui-e-agora vivido, o bibliodramatista deverá ter familiaridade com a Bíblia, capacidade de leitura desse grupo, bem como dos diversos papéis que cada membro desempenha e competência para gerenciar os riscos que tais experiências despertam no momento vivido.

Em sintonia, bibliodramatista, texto e grupo inciam o processo bibliodramático, em que as histórias pessoais fundem-se com histórias bíblicas, por meio de memorizações, associações, fantasias e emoções. Dado o fato de que esses sujeitos (o bibliodramatista e os membros do grupo) são os autores da interpretação bíblica, suas implicações mobilizam, na sua interioridade e corporeidade, uma gama de sentimentos e emoções.

¹⁴ A expressão “teatro de improviso” foi usada por Moreno como a primeira designação para o teatro da espontaneidade, o qual posteriormente deu origem ao psicodrama. (MARINEAU, 1992).

Simultaneamente, a experiência grupal possibilita momentos de alegria, revelação e satisfação e desperta reações emocionais súbitas, levando os participantes a vivências antes não esperadas, seja de tristeza, raiva, constrangimento e mesmo agressividade. Os riscos de tais vivências no grupo exigem a qualificação do diretor para o papel a que se propõe, como elemento de prevenção daquilo que possa surpreender. É preciso que o ele tenha esclarecimento prévio de sua proposta de trabalho, explicitando seus objetivos, métodos desenvolvidos, clareza na proposta, tanto para si quanto para o grupo, adotando sempre uma conduta ética e comprometida com a mensagem bíblica.

A exploração dos sentimentos, afetos, emoções, bem como os valores éticos e morais, a partir da leitura bíblica, põem em evidência, em relação aos que vivem tal experiência, a necessidade de clareza, conhecimento dos riscos e das possibilidades de vivências a que estarão expostos. Sabe-se que o conteúdo bíblico possibilita uma vasta experiência humana, tanto nos aspectos positivos quanto nos negativos. Participar de um momento grupal, em que todas as formas de existência humana podem, simplesmente, emergir, sem qualquer prenúncio ou sinal, em que subitamente tomam de assalto as mais variadas emoções e sentimentos, pode desencadear reações emocionais e físicas.

Compete ao bibliodramatista definir o caminho que o bibliodrama trilhará, apropriando-se das limitações de tempo e espaço, em que a ação bibliodramática está se desenvolvendo, bem como da disponibilidade do grupo para a tarefa. É prioritário que tenha habilidade e competência para gerenciar situações de crises e de grandes emoções, mobilizadas pela experiência bibliodramática. O *warm-up* (aquecimento) exige o desenvolvimento de algum jogo psicodramático como forma de atingir seus objetivos. Para seguir o caminho do bibliodrama, compete ao bibliodramatista definir o que será lido, as intervenções (jogos dramáticos) e os questionamentos que poderão ser levados ao grupo como forma de preparar os participantes, a direção do grupo quando este passa por momentos de grandes emoções, agressividades e catarses de integração¹⁵.

O bibliodrama¹⁶, para Pitzele (1998, p. 34), é composto de três etapas: aquecimento (*the warm-up*), ação (*the action*) e revisão (*reviewing*). Já segundo Roese (2007, p. 51), ele

¹⁵ Catarse de integração consiste em atos de compreensão, ou seja, atos fundantes de transformação, com seus três momentos: intelectual, emocional e axiológico (MENEGAZZO; ZURETTI; TOMASINI, 1995, p. 46). Segundo Duric e Veljkovic (2005, p. 32), a catarse de integração, ou catarse mental, “efetua mudanças oriundas do íntimo de cada um. Cada catarse é específica, única, não passível de repetição, pelo fato de ligar-se a um problema específico”. Tais características possibilitam a aproximação da vivência moreniana à vivência diltheyana, conforme será abordado na 3ª seção.

¹⁶ Deve-se esclarecer que Pitzele (1998) acrescenta às três etapas do bibliodrama idênticas ao psicodrama, uma quarta denominada de “de-roling”, ou deixar o papel, que será abordada na terceira seção.

é constituído de cinco fases: abertura, sensibilização, aprofundamento, partilha e fechamento com despedida. Esse processo pode ocorrer em um único encontro ou em vários, dependendo da proposta do bibliodramatista, em comum acordo com o grupo. Independentemente de se desenvolver em um ou vários encontros, a metodologia é a mesma, permanecendo a especificidade de sua fluidez em seu desenrolar.

1.3.1 Primeira fase: abertura

O início do bibliodrama transcorre efetivamente a partir da abertura e da sensibilização, considerada por Roese (2007, p. 51), como a primeira fase. A abertura se dá com o acolhimento e recepção dos participantes do grupo ao *setting* grupal (espaço físico). Sendo o ponto de partida, é fundamental que transcorra com espontaneidade, alegria e sinceridade. Deve haver uma recepção individual, criando uma sintonia de reciprocidade, de forma que cada um possa se sentir acolhido, seguro e confiante na tarefa que se dispõe a vivenciar. É imprescindível que todos tenham conhecimento da proposta, sabendo com clareza seu conteúdo, mesmo que nunca tenham vivenciado um bibliodrama. Os objetivos, a metodologia a ser empregada, o número de encontros e horários a serem cumpridos devem ser explicitamente afirmados. Um bom contrato de trabalho, em que todas as regras do jogo são claramente expostas e acordadas com o grupo, no primeiro encontro, facilita o desenvolvimento do processo. A construção e explicitação das regras do jogo poderão facilitar a acolhida, motivando e preparando o grupo para o desenrolar de todo o trabalho.

No acolhimento, quando o encontro com o texto sagrado vai acontecendo, o grupo vai sendo preparado para as etapas posteriores: “Começar: é deixar que a alma tome conta do corpo” (ROESE, 2007, p. 52), sintonizando o grupo para dialogar com o texto, em uma antecipação simbólica. Nessa antecipação, ocorre o momento de sensibilização e mobilização corporal, emocional e espiritual do grupo:

Criar, inventar, provar, transmutar-me, ensaiar espontaneamente não é apenas uma experiência de jogo lúdico e prazeroso; trata-se de um processo que implica também dificuldades, vazios, confrontos, esforço árduo de busca por outras possibilidades não experimentadas antes. Há espaço e tempo para tatear o estranho, aproximar-se dele, relacionar-se com ele e distanciar-se novamente para avaliar o encontro (ROESE, 2007, p. 55).

Com essas palavras, a autora aponta para a importância do momento a que ela denominado ela sensibilização. Na linguagem psicodramática, essa etapa pode ser nomeada como aquecimento inespecífico. Trata-se de um momento fundamental para a criação do contexto grupal, mobilizador das emoções e estabelecendo condições de possibilidade para dialogar com o texto:

A sensibilização propõe-se a abrir o espírito para que haja, depois, espaço de ir além dos protótipos e dos estereótipos culturais e textuais, e criar algo que vá além do já estabelecido, do já conhecido, ou que aprofunde crítica e criativamente o já criado (ROESE, 2007, p. 55).

Estando o grupo aquecido, isto é, preparado e amadurecido para um contato genuíno, único e vivo com o texto bíblico, passa-se às leituras bíblicas, na busca de novos significados, sentidos e revelações. Para isso, as leituras são feitas de várias maneiras: individuais, silenciosas, em voz alta, em duplas, trios, cantadas, entre outras. A partir da leitura, o grupo vai definindo o tipo de relação com o texto, criando-se uma intimidade ou aproximação capaz de revelar os conteúdos possíveis e a contextualização necessária para uma nova interpretação da mensagem bíblica. Os diversos personagens, as mais variadas formas de compreensão, os detalhes do espaço, o tempo vivido, as estruturas, os sentimentos e imagens evocados do texto são explicitados através das leituras. Gradativamente, são construídas possibilidades de reconhecimento e encontro com a realidade do texto.

Procede-se a uma exegese, fazendo uma revisão textual, enfatizando um comentário, utilizando-se métodos tradicionais de explicação e de interpretação. Mesmo que o diretor esteja afastado do seu papel de bibliodramatista, exercendo um papel mais próximo de professor, e o grupo no papel de alunos, sua função de importância fundamental é preservada: aproximar o grupo para o encontro com o texto. Muitas vezes, condicionado pela especificidade do grupo, o bibliodramatista terá que recorrer a consultas de outras fontes, utilizar outros intérpretes para contextualizar o grupo com a tarefa primordial: o diálogo com o texto sagrado, de significado milenar.

1.3.2 Segunda fase: sensibilização

É a fase de contato e confronto com o texto. Procede-se às leituras, releituras e quantas forem necessárias para criar o clima grupal. A cada nova leitura, cria-se uma nova possibilidade de encontro. Este é o grande objetivo das diversas formas e repetidas

maneiras de se ler o texto: evocar emoções, criar novas maneiras de percebê-lo, contextualizado no aqui-e-agora do grupo, no tempo vivido, na atualidade, de forma que novos e velhos personagens passam a conviver na harmonia do presente. Uma capacidade interior, uma nova escuta, um novo jeito de perceber as diversas cenas escondidas no texto necessitam ser desenvolvidos:

O texto tem a função do terapeuta. Ele muitas vezes toca com sua energia cênica uma camada mais profunda de mágoas, desesperos, desejos e esperanças. O texto tem também poder de cura. Ele aponta caminhos e chances de vida. Ele consola e encoraja para o trabalho nas perspectivas pessoais do aqui e agora da vida (FALLNER, 1999 apud ROESE, 2007, p. 59).

Torna-se um encontro entre os diversos contextos, de modo que os textos bíblicos são contemplados não só do ponto de vista sagrado, religioso e espiritual, mas também do ponto de vista político, social, histórico, individual e coletivo. Por mais que, a princípio, tal encontro revele um estranhamento ao texto, em virtude de seus mistérios e historicidade, essa estranheza se converte em instrumentos de intervenção e possibilidades de dramatizações. Essa etapa desperta dificuldades, bloqueios e limitações, dadas as emoções revividas e lembranças pessoais reativadas, mobilizando defesas emocionais. Todas essas reações, mesmo bloqueando a criatividade e espontaneidade, vão convertendo-se em novas descobertas, novos significados, novos instrumentos de intervenção bibliodramática:

O encontro da pessoa com o texto é uma experiência existencial. O texto interpela, desinstala, provoca, lança questionamentos para a pessoa, pergunta sobre a vida, o modo de ser, de se relacionar, de confiar; sobre a espiritualidade, a situação familiar, social, a inserção na comunidade; pode remeter a cenas e experiências da infância (ROESE, 2007, p. 60).

Todas as leituras e encontros com o texto provocam, mobilizam, despertam e convidam cada um do grupo a um encontro consigo mesmo. Um encontro em que a personalidade, sua historicidade, seus vínculos relacionais, seu passado, seu presente e seu futuro misturam-se, evocando sentimentos profundos e primitivos de sua existência.

Trata-se de uma fase fundamental em que se estabelece todo o clima do grupo. A partir desse momento, este encontra-se apto para mergulhar em toda a vivência. Caso esse clima não se estabeleça, corre-se o risco de toda a experiência transcorrer como uma mera representação, sem mobilizar os sentimentos e as emoções significativas e sem atingir as emoções necessárias para o processo evoluir para o aprofundamento.

1.3.3 Terceira fase: aprofundamento

Estando o grupo familiarizado, identificado e mobilizado pelas leituras dos textos sagrados, avança-se para a terceira fase de identificação e aprofundamento. O momento de identificação com o texto possibilita, por meio de jogos dramáticos, aprofundar-se em suas mensagens, em seus novos significados. Após a sensibilização e o aprofundamento (os aquecimentos inespecíficos e específicos)¹⁷, passa-se a desenrolar toda a dramatização com os papéis psicodramáticos já assumidos pelos participantes envolvidos. O aquecimento dá lugar à ação (dramatização), envolvendo todo o grupo especificamente. No momento em que uma personagem bíblica passa a ser presença no aqui-e-agora, adquirindo vida e voz, a ação se desenvolve. Essa ação não deve ser tomada no sentido teatral de gestos, movimentos ensaiados ou formalizados. A fase de ação começa quando um membro do grupo dá voz a uma personagem bíblica¹⁸. Basta dar voz aos personagens, falar como sendo as personagens bíblicas, com o pronome pessoal na primeira pessoa.

A dramatização bibliodramática tem seu início. Mesmo permanecendo sentados e quietos, todos os membros do grupo acabam envolvidos e mobilizados pela atmosfera grupal. As pequenas mudanças posturais, a entonação da voz, a expressão facial são maneiras de agir bibliodramaticamente, ou seja, de assumir o papel bibliodramático. O bibliodramatista, como facilitador da vivência, deverá ser capaz de reconhecer tal postura, o engajamento e a mobilização ocorrida, para promover e incentivar o desenrolar do processo, mantendo os personagens aquecidos e engajados nos papéis que desempenham.

Nesse momento, a Bíblia ganha vida, passa a ter voz e ação por intermédio de novos personagens, objetos e espaços descobertos na nova forma de ser lida. Esse aprofundamento é possibilitado pela criatividade do grupo e do bibliodramatista, com jogos dramáticos e técnicas empregadas, com o objetivo de revelação e expressão de novos significados. A espontaneidade e a criatividade estão a serviço das interpretações construídas no encontro com o texto. Vão sendo reinventados novos papéis e novas expressões de sentimentos e emoções, até então inimagináveis de ser vivenciados. As

¹⁷ Aquecimento inespecífico e específico são subetapas do psicodrama. É a preparação para a sessão que torna possível o aparecimento do protagonista e a preparação para a cena a ser dramatizada (MENECAZZO; ZURETTI; TOMASINI, 1995, p. 21).

¹⁸Esse momento é definido por Pitzele (1998, p. 36) como *Voicing*, uma forma de *role-playing*, cuja especificação será contemplada na segunda parte desta pesquisa.

ações (dramatização) bibliodramáticas são facilitadas pelo uso de determinadas ferramentas que fomentam e incentivam o grupo na busca de suas tarefas.

Criatividade e espontaneidade constituem as ferramentas fundamentais para o alcance dos objetivos finais, podendo ainda ser usados outros instrumentos, como cadeiras vazias, que podem servir para delimitar espaços, representar personagens ou evocar lembranças. O importante é trazer para o aqui-e-agora toda e qualquer situação ou elemento cênico que possa complementar o drama vivenciado. A criação de imagens, fotografias, esculturas corporais, a utilização de pinturas, músicas, danças e outras formas de expressão corporal poderão ser usadas para dar maior clareza e vivacidade ao contexto vivido. O não-verbal ganha importância como manifestação de seus desejos de comunicação, de forma que o ir além do verbal e o expressar emoções das mais diversas maneiras criadas pelos participantes possibilitam o sentimento de unicidade e especificidade à dramatização.

Construir uma ponte entre o passado bíblico e o presente vivido, entre “uma paisagem exterior” e uma “imagem interior”, possibilita maior encontro com o sagrado. A “paisagem do texto” cria uma correspondência com a vida interior revivida no aqui-e-agora. Os cenários simbólicos e imaginários, as memórias evocadas pelas leituras tomam corporeidade, visibilidade, tornam-se reais no momento, no “como se” do grupo. Os papéis são tomados pelos participantes, que criam uma personagem: Adão, Eva, serpente, árvore saem do texto, ganham vida, passam a ter voz, andam, gesticulam, tomam atitudes num jogo de papéis, numa inversão: Adão passa a ser Eva; Eva passa a ser serpente.

Tais diferenciações e delimitações (entre o bibliodramático e o psicoterapêutico) dão ao papel do bibliodramatista uma dimensão de responsabilidade e comprometimento de sua função de coordenador de todo o processo de atualização do texto. Essa atualização desenvolve-se por meio das dramatizações das diversas cenas que surgem com a criatividade e espontaneidade do grupo, revelando ambivalências, como sentimento de abandono, agressividade, separação, saudade, raiva e medo concomitantes com sentimento de esperança, alegria, descoberta, plenitude, satisfação, carinho e afeição.

O bibliodramatista cuidadoso e comprometido com sua função não deve deixar de finalizar o desempenho do seu papel, sendo imprescindível que, após cada desempenho de papéis, cada personagem deixe o papel vivenciado, “despedindo-se” dele, saindo do “como se” da dramatização e retornando à personalidade existencial. Isso é fundamental para que o papel não permaneça na ilusão do personagem, podendo refletir sobre a experiência e as

analogias criadas. Compreender as articulações entre o passado do texto e o cotidiano atual, explicitar os questionamentos construídos na dramatização é o que possibilita beneficiar-se do bibliodrama. É o momento de compartilhar as experiências vividas, quando o individual toma a dimensão do coletivo. Chega-se à quarta fase: a partilha.

1.3.4 Quarta fase: partilha

Trata-se do momento de maior emoção do grupo. Evocam-se os sentimentos e os nexos afetivos mobilizados por toda a experiência. Ao falar na primeira pessoa do singular, ao assumir todos os sentimentos e emoções revelados, efetiva-se o verdadeiro encontro com o texto vivo. Evitam-se conselhos, desencorajam-se dar receitas prontas, não se incentivam críticas e moralidade. Cria-se um ambiente de intimidade, de solidariedade, de identificação entre os pares, aumentando e beneficiando a vivência. É como se o participante pensasse consigo mesmo: “Não estou sozinho com meus questionamentos e nem mesmo com minha solidão. O próximo é meu igual. Vivemos coisas semelhantes com significados parecidos”. Tais percepções emergem em cada participante a partir da experiência bíblica, do sentimento de religiosidade e de sagrado.

O grupo acaba sendo mobilizado pela experiência vivida, mesmo os que permaneceram como espectadores do drama encenado. O que foi mobilizado em cada um? Como tal experiência foi internalizada? Quais os sentimentos vividos? Como tudo pode ser interpretado sob essa nova ótica? O que pode ser apreendido com a nova experiência? Todos esses questionamentos efetivados pelo bibliodramatista conduzem o processo bibliodramático à quinta e última fase: encerramento, conclusão e fechamento do processo.

1.3.5 Quinta fase: fechamento com despedida

Fundamentais para síntese dos trabalhos com o ritual de despedida, nessa etapa são refletidas algumas questões para concluir o processo: as experiências mais significativas; o que pode ser levado para a vida presente e futura; a imagem que sintetiza a experiência; enfim, o que permanece e o que pode ser descartado. Tais reflexões possibilitam compreender e avaliar o processo e saber se os objetivos propostos foram alcançados.

Quando a vivência bibliodramática tem um caráter didático, outra etapa é acrescentada ao processo. Trata-se do processamento¹⁹.

Nessa etapa, descrevem-se ao grupo os procedimentos e movimentos percorridos pelo diretor e pelo grupo para a construção do processo. Cada fase, cada passo da direção, as leituras e intervenções realizadas são descritas e esclarecidas. É o momento em que a argumentação teórica é articulada ao procedimento prático, respondendo-se aos questionamentos teóricos que mobilizaram o grupo: Por que tal personagem tornou-se o protagonista?²⁰ Por que determinada cena foi privilegiada em detrimento de outras? Essa etapa de processamento possibilita o treinamento de futuros bibliodramatistas, desenvolvendo as habilidades e competências necessárias ao desempenho do papel de futuro diretor de bibliodrama.

1.4 BIBLIODRAMA: UMA HERMENÊUTICA

Como a Bíblia não é um tratado científico nem uma biografia impessoal, mas uma proclamação e uma mensagem, a especificidade do bibliodrama encontra-se na hermenêutica que possibilita a busca da interpretação dessa mensagem. A originalidade bibliodramática está na proposta em relação ao texto sagrado. Trata-se de uma postura criativa, profunda, em busca de novos valores, no reafirmar da fé e do resgate de sentimentos espirituais e religiosos, que necessitam ser reafirmados no cotidiano dos indivíduos, ecoando as propostas hermenêuticas de Ricoeur²¹ e de Gadamer. Este, segundo Palmer (1987, p. 202), propõe um diálogo hermenêutico com o texto, “dando e tirando” do diálogo um caminho que “interroga o texto” e “interroga o intérprete”, num movimento de “conversação”, ao tornar o texto vivo, presente nesse diálogo.

O processo hermenêutico é o de revelar do sentido oculto à transcendência e os questionamentos apontados pelo texto, construindo uma ponte do tempo, ao ligar o intérprete ao texto. Gadamer, afirma que “a compreensão inclui sempre uma aplicação ao presente” (PALMER, 1987, p. 194), já que, por meio dessa compreensão aplicada ao vivido na atualidade, podemos compreender uma obra. Faz-se necessário dialogar com o

¹⁹ Processamento é uma etapa do psicodrama que ocorre ligada ao ensino (pedagógico). É um tipo especial de elaboração, referindo-se aos aspectos técnicos da sessão psicodramática (GONÇALVES, 1998, p. 102).

²⁰ Protagonista é um dos cinco instrumentos do processo psicodramático, é o ator central da dramatização (MENEGAZZO; ZURETTI; TOMASINI, 1995, p. 171- 172).

²¹ As propostas de Ricoeur para a hermenêutica bíblica serão objeto de estudo e aprofundamento na terceira parte desta pesquisa.

texto à procura daquilo que realmente se quer mostrar, além do observável. Esta é a tarefa da hermenêutica: ir além do texto na busca do que está escondido por detrás do explícito.

Se “o bibliodrama pretende uma hermenêutica de contato com o texto bíblico – numa perspectiva cognitiva, emocional e corporal” (NAURATH, 2002 apud ROESE, 2007, p. 43), indo além de uma exegese histórico-crítica, ao recriar as velhas cenas em novos cenários e contextos atuais, essa hermenêutica ganha novas dimensões, criando analogias e ressignificados que possibilitam novas relações com Deus e novos sentidos da existência e cuidados com o próximo.

Tendo a Bíblia como fonte inspiradora e norteadora de todas as emoções, paixões e ressignificados, o bibliodrama, num conjunto de cenas para formar um todo, reflete sobre temáticas envolvendo morte, separação, ciúme, submissão, bem como amor, encontro, amizade, felicidade, liderança e todos os sentimentos e reações afetivas da narrativa bíblica²². Enfim, todos os eventos de vida, do nascer ao morrer, da esperança à desilusão, do casamento à separação, todas as passagens vividas ressurgem no aqui-e-agora bibliodramático. Essas experiências despertam a espiritualidade, possibilitam novas posturas de vida, tomando dimensão transformadora e de renovação da fé e da esperança, reatualizando as experiências mais primitivas de cada participante.

Como já se afirmou, segundo Pitzele (1998, p. 84), tal como o Midrash, que consiste na tradição judaica de contar histórias, de comentar e interpretar imaginativamente a Bíblia, o bibliodrama procura preencher as lacunas na narrativa, resolver as contradições e as inconsistências textuais, tecendo aplicações na vida contemporânea. Para o autor, ao ler as páginas, observa-se o que ele denomina de “fogo negro” e “fogo branco”: enquanto o primeiro consiste nas palavras, no impresso, no que permanece fixo, na passagem do tempo, o segundo consiste nos espaços que se revelam entre as palavras, entre as frases, em torno do que é negro. Se o “fogo negro”, que permanece imutável ao longo da história, é o ponto de partida do bibliodrama, é exatamente no “fogo branco” que toda a hermenêutica bibliodramática desenvolve-se, representando infinitas possibilidades de leituras e de ressonâncias com a interioridade de cada membro.

Essa possibilidade de articulação da vida contemporânea com a mensagem bíblica está em consonância com a proposta de Drewermann (2004), que nos convida a interpretar a Bíblia a partir do modelo deixado por Jesus Cristo ao se fazer humano: Deus, que se faz

²² Trata-se das experiências-limite, denominadas por Ricoeur (2006), cuja abordagem será feita na terceira seção desta pesquisa.

presente entre os homens, deixa a mensagem de esperança aos cristãos como o fundamento da forma de viver a vida. O autor aponta a interioridade como o caminho para o diálogo com Deus, e a saúde mental como condição de possibilidade para uma vida mais cristã: “Deus não é uma criatura tão desvalida a ponto de precisar de porta-vozes o tempo todo. E quando ele quer falar, ele o faz na alma de cada pessoa” (DREWERMANN, 2004, p. 134).

A utilização de uma exegese, assegurando e conservando o sentido e os limites sócio-histórico-religiosos do texto sagrado, impede que a hermenêutica afaste-se do contexto bíblico, criando uma relatividade desviante da sacralidade. Não se trata de descrever histórias pessoais, de criar interpretações críticas para definir normas e comportamentos sociais e políticos. Trata-se, acima de tudo, de uma interpretação provocada pelo texto, construída passo a passo, palavra a palavra, com encontros e desencontros, mobilizando vivências internas dos presentes no aqui-e-agora grupal, ou seja, é um encontro lento, às vezes harmonioso, às vezes conflituoso:

O texto é traduzido em sua plasticidade para nosso imaginário para nossos sentidos, e é experimentado, porque ele já vem conosco [...] A interpretação bíblica faz sentido somente se ela serve, antes de tudo, para as pessoas que procedem à leitura do texto. Posteriormente, ela envolverá, em sua interpretação do texto, seus vínculos, o átomo social no qual está inserida, a comunidade mais próxima e, depois, a sociedade ampla (ROESE, 2007, p. 37).

Roese (2007, p. 38) descreve instrumentos que facilitam a tarefa hermenêutica bibliodramática, considerando-os “chaves para a interpretação do texto”, tais como a observação e o estudo da pluralidade contextual bíblica. Para isso, sugere que cada palavra, cada frase seja criteriosamente lida, procurando, por todas as personagens do texto, identificando, inclusive, os que estão ausentes, mas que complementam o drama vivido. Essas chaves de interpretação levam ainda perceber as relações afetivas explicitadas, as contradições e os vínculos paralelos, identificando os sentimentos descritos, imaginando os que porventura estariam ocultos, observando o espaço, o tempo histórico, os símbolos, os costumes e comportamentos sociais, enfim, indagando sobre o que acontece no texto.

Decorrentes dessas chaves de interpretação sugeridas por Roese, emergem questionamentos sobre as leis presentes no texto, sobre as regras que marcam o comportamento dos personagens, sobre a imagem de Deus e do ser humano revelada pelo texto, sobre as estruturas sociais apresentadas ao longo da história descrita, sobre as diferenças e semelhanças entre o passado revelado pelo texto e a vida contemporânea:

Além disso, ao texto bíblico, por ser texto sagrado, é comumente conferida uma onipotência em termos de mensagem. A mensagem do texto, no entanto, não existe por si só, mas depende da interpretação humana. O bibliodrama pressupõe que a desconstrução de discursos, experiências e interpretações enrijecidas deve ser feita não somente através de outros discursos, mas também através da simbolização, da vivência de outras experiências possíveis. Desta forma o Bibliodrama pratica a hermenêutica; testa a interpretação na prática (ROESE, 2007, p. 44).

Propondo a busca da revelação por meio da ação e dos jogos de papéis que emergem na dramatização, o bibliodrama provoca a possibilidade de reflexão sobre essas mudanças de papéis, de costumes, de modelos perante a fé e a espiritualidade que. Se o texto é o orientador, sinalizando a busca de sentido de vida, é na dramatização e nos diversos papéis que esse sentido concretiza-se. Ao dar vida e voz ao texto, manifesta-se a hermenêutica. Ou seja, é no “como se” grupal, no aqui-e-agora vivencial, que a interpretação ganha novos contornos e novas revelações, de forma que, por meio dos papéis que são tomados, criados e jogados (*role-taking*, *role-playing* e *role-creating*)²³, são realizadas as condições necessárias de hermenêutica. Dialoga-se com o texto, dando-lhe vida; preenchem-se os espaços vazios; aproxima-se o humano do sagrado.

1.5 BIBLIODRAMA: LIMITES E TENSÕES

Os limites e tensões do bibliodrama são reconhecidos, respeitados e abordados na condução do processo, não devendo, como já se afirmou, confundir representação com desempenho de papéis. Tal distinção é fundamental porque o que caracteriza o bibliodrama é a necessidade de viver o personagem, dando-lhe força de vida, desempenhando o papel que emerge dos textos sagrados, ou seja, é a dimensão da vida:

Exige um bom conhecimento bíblico, especialmente das histórias que se pretenda desenvolver. Muitas vezes as pessoas pensam que certas coisas aconteceram na Bíblia, e não é verdade. O Bibliodramatista precisa saber o que realmente está escrito e o que **não** está. Devido ao próprio respeito às Sagradas Escrituras, não podemos mudar o que realmente está escrito. O Bibliodrama vai acontecer nas entrelinhas: naqueles espaços em branco onde a Bíblia não dá determinados detalhes (CARVALHO, 2002, p. 10).

²³ As expressões “role-taking”, “role-playing” e “role-creating” referem-se ao desempenho de papéis que serão abordados na terceira seção.

Poder assumir o papel de um personagem bíblico, estar no Jardim do Éden, ser Adão dialogando com a serpente e questionando suas razões, tudo isso mobiliza na pessoa uma gama de sentimentos e emoções, levando-a a reviver situações experienciadas, seja num passado remoto, seja no presente. Cria ainda expectativas e fantasmas em relação ao futuro, desperta culpa, alegria, satisfação ou frustração. Cria barreiras e temores, desenvolve autoconfiança e mobiliza a responsabilidade.

A capacidade criativa e inovadora de cada um vai, aos poucos, sendo vivenciada, correndo-se um dos grandes riscos da vivência bibliodramática: revivência de experiências emocionais e primitivas (já que o bibliodramatista não tem como evitá-las por se tratar de algo individual, estruturalmente psicológico) pode acarretar consequências emocionais e reações psicológicas imprevisíveis. Caso ocorram, exigirão uma atitude do diretor, muitas vezes, com intervenção terapêutica, embora não seja objetivo direto do bibliodrama. O reconhecimento de tais situações, a leitura adequada dos limites da ação bibliodramática poderão evitar as diversas situações de cunho psicoterapêutico, impondo respeito ao limite entre o processo psicoterápico, desenvolvido em grupos terapêuticos, e o bibliodrama²⁴: Aliás, os psicodramatistas que decidem fazer Bibliodramas precisam ter um treinamento especial para manter as pessoas no papel bíblico e **não** ir aonde o Psicodrama os levaria: à arena da investigação pessoal (CARVALHO, 2002, p. 9).

Em contrapartida, os conhecedores e experientes na condução e coordenação de trabalhos grupais sabem que os grupos mobilizam poderosas forças nos indivíduos que os compõem, forças estas que podem ser positivas ou negativas, causando o bem ou o mal a seus membros (CARTWRIGHT; ZANDER, 1975, p. 42-43). As pessoas que têm intimidade com os textos bíblicos sabem que nem sempre o “final feliz” está presente nas histórias bíblicas, de forma que está refletido no texto sagrado todo o drama humano. Ao viver todas essas histórias, os participantes estarão, na verdade, revivendo o drama de sua própria história. Se, por um lado, isso é carregado de aspecto positivo de reflexão, questionamentos de valores, reconhecimento das semelhanças e diferenças com o próximo e valorização do outro, por outro lado, corre-se o risco de essa vivência ser negativa.

²⁴ Embora Roesse (2007, p.13) aponte que, na Alemanha, existem duas correntes no movimento bibliodramático, uma ligada “à psicoterapia – psicodrama, *gestalt* e psicologia profunda”, e outra “à pedagogia somática, lúdica e de teatro”, no Brasil, não temos conhecimento dessas duas correntes.

Sob o ponto de vista psicológico, a vivência grupal provoca em seus membros um movimento regressivo²⁵ às situações primitivas de sua existência. De acordo com a estrutura psíquica que cada indivíduo apresenta, essa experiência acarretará consequências positivas ou negativas, de acordo com a postura adotada pelo coordenador do grupo, que não tem como impedir que as experiências mobilizem os sentimentos, emoções e reações em seus membros, restando-lhe apenas saber como manejar, como conduzir a situação.

Caso uma experiência bibliodramática desperte reação de agressividade, de conflitos entre os pares ou em todo o grupo, caberá ao coordenador adotar atitudes capazes de manter a vivência coerente com sua proposta. Sabendo lidar com essas situações caóticas de conflitos entre os pares, não há como se afastar dos objetivos propostos. Deve-se ressaltar que não se pode priorizar uma vivência feliz, principalmente pelo fato de, além de a vida não trazer somente felicidade, é a mobilização de situações de conflitos, de fortes emoções e sentimentos que impulsiona o bibliodrama a alcançar sua proposta.

Em contrapartida, se toda essa situação possibilita a grandeza do processo, por outro lado, exige conhecimento por parte do bibliodramatista, responsável ético por tudo que porventura possa ocorrer no aqui-e-agora do grupo. Ele precisa valer-se de um arcabouço teórico que lhe dê consistência, segurança, habilidade e competência para lidar com situações de conflitos, não se restringindo apenas à experiência.

Embora aprender com a experiência seja fundamental, os conhecimentos teóricos podem evitar experiências práticas dolorosas e desnecessárias. Se, por um lado, dominar uma teoria facilita o reconhecimento do movimento grupal, por outro, saber das possibilidades de ação e reação dos indivíduos e do grupo promove a leitura necessária para prever os acontecimentos. Tais situações conflituosas, por isso de difícil manejo, são fundamentais num processo bibliodramático profundo, mobilizador das experiências individuais e grupais, e reveladoras dos objetivos a que se propõe a vivência²⁶.

²⁵ Movimento regressivo refere-se à regressão que, em psicanálise, é concebida como um retorno a formas anteriores do desenvolvimento, do pensamento, das relações de objeto e da estruturação do comportamento (LAPLANCHE; PONTALIS, 1985, p. 568).

²⁶ Tais situações conflituosas remetem à “experiência humana centrada em torno das experiências-limite que correspondem às expressões-limites do discurso religioso” (RICOEUR, 2006, p. 137), as quais serão abordadas na 3ª seção.

1.6 NOTAS CONCLUSIVAS

Sendo a Bíblia uma revelação de Deus, o bibliodrama propõe uma maneira própria e específica de traduzir essa revelação aos indivíduos que, em grupo, dispõem-se a vivenciá-la. Essa experiência é realizada a partir da vida que o texto sagrado adquire, ao falar diretamente, por meio dos personagens, pela criação de novas situações e novos elementos. Objetos, pessoas, natureza, tudo se transfere para o aqui-e-agora do grupo, num diálogo que produz novos questionamentos, novas mensagens, até então camufladas nos espaços vazios do texto, num diálogo entre o “fogo negro” e o “fogo branco” do texto.

A leitura da Bíblia, agregada à experiência de viver as mensagens implícitas, cria novas possibilidades de encontro com a espiritualidade, resgate de sentimento de religiosidade e sacralidade da vida, possibilitando também a busca por novos sentidos dos textos bíblicos. A partir dessas experiências, desenvolve-se a construção, o aprimoramento e o resgate dos sentimentos de solidariedade, dignidade e integridade da pessoa humana. Torna-se uma condição de reflexão e de busca por superar dificuldades nas relações interpessoais, muitas vezes, fonte de sofrimento e de angústia.

Nessas situações de conflitos psicológicos, evidencia-se a necessidade de maior compreensão e melhor conhecimento da teoria dos papéis, de Moreno, já que a base teórica do bibliodrama é o psicodrama: exige-se aprofundar-se nos aspectos antropológicos dessa base teórica para agregar conhecimento, aumentar a confiança e facilitar a prática.

Para fomentar essa capacidade espontânea e criativa do diretor do bibliodrama, será estabelecido um diálogo com autores que, dentro da vertente da Filosofia da Religião, têm ideias complementares em sintonia com a antropologia moreniana que, ao possibilitarem esse diálogo, criam as condições para uma hermenêutica com o texto sagrado por meio da ação: Drewermann, Dilthey e Ricoeur.

CAPÍTULO 2 - A TEORIA DOS PAPÉIS DE J. L. MORENO

Como preconiza Dilthey (2010), toda teoria do conhecimento que aborda as chamadas “ciências do espírito”, isto é, as que se dedicam à compreensão e abordagem do ser humano, têm que, imprescindivelmente, contemplar a psicologia como seu foco de estudo, sendo fundamental a abordagem da teoria dos papéis, de Moreno, na aplicabilidade do bibliodrama. Trata-se da visão psicológica que esse autor construiu como forma de compreender o sujeito e suas diversas maneiras de se colocar no mundo.

Essa tentativa de estruturar o pensamento antropológico moreniano possibilita as reflexões sobre as várias condições com que o bibliodramatista se depara no aqui-e-agora do grupo. Isso se deve à aplicabilidade da hermenêutica bíblica à proposta psicodramática: quanto mais se apropria da teoria psicodramática, o bibliodrama torna-se fortalecido nos seus aspectos teóricos, os quais constituem um dos objetivos de todas essas reflexões.

A originalidade e a criatividade de Moreno concebem um novo modelo para compreender o ser humano, dentro de uma especificidade: a maneira de esse homem estar no mundo bem como sua busca pela religiosidade, pelo sentido de sua existência e pelo seu bem-estar na vida adquirem uma proposta de ação.

Sua aplicabilidade transcende a utilização em termos de tratamento psicoterápico, não se restringindo a uma concepção patológica do sujeito. A pretensão moreniana é a construção de uma teoria capaz de compreender o homem em toda a sua existência cósmica, isto é, em sua universalidade. Tal proposta amplia sua utilização nas inúmeras maneiras de abordagem do sujeito, em seu mundo existencial, rompendo com as ideias a respeito da dimensão psicológica do homem predominantes em sua época.

Nesta seção, serão privilegiados os aspectos teóricos que contribuirão para fundamentar os argumentos desta pesquisa, sem a pretensão de esgotar todas as abordagens e conceitos pertinentes à teoria dos papéis moreniana. Procurando-se manter fidelidade aos objetivos propostos e evitando-se correr o risco de afastar-se do foco principal, as possíveis críticas e tensões despertadas pela teoria psicodramática não serão abordadas. Em virtude dessa objetividade, não serão objeto de reflexão as demais considerações que apontem para a utilização dessa teoria na sua aplicabilidade.

Dessa forma, todas essas considerações constituirão a bússola norteadora dos passos deste estudo, cujo maior objetivo será demonstrar como a espontaneidade e a

criatividade, resgatadas, treinadas e desenvolvidas, a partir da teoria dos papéis, contribuirão para a ação bibliodramática²⁷.

Iniciando-se com alguns aspectos históricos da vida de Jacob Levy Moreno, pertinentes para contextualizar o autor e facilitar a compreensão de sua proposta teórica, seguir-se-á a uma delimitação do conceito da teoria dos papéis, para enfatizar sua pertinência ao bibliodrama. A origem dessa teoria será descrita a partir da abordagem do Teatro da Espontaneidade (*Das Stegreiftheater*), que se tornou a inspiração de Moreno na construção da cientificidade de seu legado teórico.

A teoria dos papéis constitui a estrutura da ação psicodramática e a condição fundamental na compreensão do sujeito moreniano na aplicabilidade do bibliodrama. A especificidade dos papéis (os psicossomáticos, os psicológicos – do imaginário ou psicodramático – e os sociais) será contemplada para especificar a teoria dos papéis, agregando-se a esses conceitos o conceito de conserva cultural e de realidade suplementar.

Nessa perspectiva, a Bíblia, compreendida como conserva cultural, abre espaço para uma hermenêutica psicodramática, contextualizando e delimitando os conceitos de matriz de identidade de papéis e seus diversos modos que emergem dessa matriz, na relação com a espontaneidade e a criatividade. Do mesmo modo, no bibliodrama, por se tratar de uma maneira específica de se fazer psicodrama, a espontaneidade e a criatividade deverão ser também norteadoras da conduta do bibliodramatista.

2.1 JACOB LEVY MORENO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No início do século XX, época em que Freud, em Viena, com a psicanálise, dominava todos os círculos acadêmicos e promovia uma nova maneira de se compreender o homem, Moreno desenvolvia sua proposta teórica e prática, descrevendo uma juventude vienense amedrontada e coibida pelo temor imposto pelas teorias psicanalíticas de Freud: todos os que não compartilhassem as ideias freudianas eram enquadrados em “um ato de psicopatologia da vida cotidiana”. Segundo Martín (1996, p. 48), a rebeldia do jovem Moreno não lhe possibilitaria adaptar-se a tais propostas. Com apenas vinte e dois anos de idade, o então psiquiatra era um misto de apóstolo e profeta, defensor dedicado ao

²⁷ Embora Moreno (2008, p. 54) tenha dito que o “treinamento” da espontaneidade pudesse ser a melhor habilidade a ser ensinada aos terapeutas, não devemos compreendê-lo como sinônimo de adestramento, que consiste na perda da espontaneidade. Deve-se compreender “treinamento” como um despertar, um apropriar-se de uma liberdade, uma habilidade nata do indivíduo.

existencialismo heroico hassidista²⁸, prático de ideais religiosos que, para Freud, não passavam de “desvios neuróticos de conduta”:

Era meu intento ser um santo lutador, não um recluso. Também tinha a intenção de que meu trabalho fosse a demonstração contra a teoria psicanalítica de heróis e gênios vigente em Viena, que dizia que todos eram doentes mentais, mais ou menos, ou, pelo menos, tocados pela insanidade. Portanto, eu queria mostrar que um homem que exhibe todos os sinais de paranóia, megalomania, exibicionismo e outras formas de desajuste individual e social podia ainda ser bastante controlado e saudável. Realmente, um homem assim podia ser mais produtivo ao representar seus sintomas do que se tentasse reprimi-los e resolvê-los. Eu era a antítese viva da doutrina psicanalítica, predizendo, na minha própria vida, o protagonismo do psicodrama (MORENO, 1996, p. 53).

Reagindo à teoria psicanalítica, Moreno constrói uma nova maneira de compreender o homem, numa ruptura que fica bem traduzida no seguinte episódio, quando Moreno teria encontrado Freud²⁹:

Bem, doutor Freud, eu começo de onde você para. Você vê as pessoas no ambiente artificial de seu consultório. Eu as vejo na rua e em suas casas, em seu ambiente natural. Você analisa seus sonhos. Eu procuro transmitir-lhes a importância de sonhar novamente. Ensino às pessoas como encenar Deus (MORENO, 1972, apud MARTÍN, 1996, p. 50).

Aos vinte e cinco anos de idade, no ano de 1914, Moreno assiste ao mundo ser abalado pela Primeira Grande Guerra e, no contexto pós-guerra, viu os refugiados tirolezes, no campo de Mittendorf, nos arredores de Viena. Publica anonimamente, em 1920, o livro **Palavras do Pai** e, em 1925, emigra para os Estados Unidos da América, onde dirige psicodramas públicos e consolida cientificamente toda a sua obra.

Como resposta às indignações provocadas pelo contexto político-social e coerente com suas atitudes revolucionárias, Moreno constrói um legado teórico-prático em ressonância com sua visão mística e com sua profunda ligação com Deus, concebendo, então, uma visão de homem compatível com o hassidismo, de quem era profundo adepto: “O Deus cósmico veio primeiro, em seguida, veio o conceito de Deus de Amor, que incluiu

²⁸ Esta expressão existencialismo heroico hassidista refere-se ao hassidismo: movimento judaico, derivado da cabala, no qual o misticismo, no sentido do conhecimento de Deus pelo homem, é apresentado como a unidade precedendo a dualidade (Deus-homem), segundo Fonseca (2008, p. 98).

²⁹ Martín (1996, p. 47) aproxima a psicanálise de Freud e o psicodrama de Moreno, como também aponta seus pontos de tensão. Já os autores pós-morenianos, como Pierre Weil (1978) e José Fonseca (2010) superam essa ruptura e aproximam a teoria psicodramática à psicanálise, como veremos ao longo desta pesquisa.

a Deus cósmico. No nosso tempo, o ‘Eu’Deus inclui tanto o Deus cósmico como o Deus de Amor” (MORENO, 1972, p. 200). Para Moreno, o homem, além de ser psicológico, é também um ser cósmico³⁰, em constante sintonia com o mundo e o universo. Para dar continuidade às suas ideias e levá-las a um maior número possível de pessoas, preferencialmente, a todo o universo, constrói o psicodrama.

Dessa forma, a teoria psicodramática passa a ter um fundamento filosófico e uma proposta prática, compatíveis com sua existência mística. Suas concepções teóricas sempre abordaram o ser humano, através de uma visão de esperança, de acreditar na possibilidade que cada um dos homens possa ter de resgatar a aliança com Deus e, a partir daí, estar melhor neste mundo. Ao contrário da visão freudiana, que passou a abordar o sujeito, através de seus conflitos e de seus sofrimentos, Moreno foi em busca de estar com esse sujeito no seu lócus, em seu habitat, procurando resgatar o que pudesse ter de melhor, e não o seu pior, a alegria perdida, e não o sofrimento e suas angústias.

Adepto de uma filosofia existencialista, sua metodologia encontra-se fundamentada na ação, de modo que a busca da verdade existencial consolida-se através das relações que cada ser humano estabelece com o seu próximo: “no começo é a relação”³¹. Sobre a influência hassídica no projeto moreniano para o psicodrama, Fonseca (2008, p. 99) descreve o quanto o hassidismo valoriza a comunicação humana e incentiva a vida em comunidade, tornando-se um fenômeno social:

O amor é central na relação com Deus e é mais importante que o temor a Ele. Ninguém pode amar a Deus sem amar o semelhante, porque Deus é imanente ao homem. Deus está onde o homem O procura. Para encontrá-Lo, basta estar aberto para recebê-Lo. O destaque para a alegria, o prazer, vem do conhecimento da presença de Deus em todas as coisas. [...] Cultivar a alegria é um dos grandes mandamentos do hassidismo (FONSECA, 2008, p. 99).

Essa busca pela alegria possibilita ao psicodrama uma abrangência em suas propostas de intervenção. O seu fundamento para a abordagem do sujeito encontra-se no resgate de sua espontaneidade e criatividade, a fim de que possa predominar, na existência de cada um, a alegria da vida e do viver em harmonia consigo mesmo e com o universo.

³⁰ “O homem é considerado como integrado não somente com a criação do Universo, mas também com o próprio criador” (MORENO, 1992, p. 25), por isso um ser cósmico. “Do cosmos veio o homem e no cosmos se encontrará”. (FONSECA, 2008, p. 82).

³¹É de Buber (1974, p. 20) essa expressão. Segundo Fonseca (2008, p. 83) Buber e Moreno têm as mesmas origens religiosas e místicas: o hassidismo.

Como base do constructo teórico moreniano, às categorias espontaneidade/criatividade agregam-se a teoria do momento e a das relações interpessoais, que é a teoria dos papéis. Trata-se de um método fenomenológico existencialista, cujo ponto de partida encontra-se nas inter-relações do sujeito com o próximo e com o mundo.

Na antropologia moreniana, o homem é um ser cósmico, em constante sintonia com Deus, sem nenhum intermediário, tal como propõem Buber (1974)³² e Drewermann (2004)³³. Esse homem cósmico é abordado na concepção moreniana sobre o desenvolvimento de sua personalidade e forma de estar no mundo. A possibilidade de compreensão do sujeito como um ser espontâneo e criativo necessita do entendimento de como se estruturam os diversos papéis, que são partes tangíveis do eu e ressaltam os aspectos individuais e coletivos (sociais). Nesse modo de fazer-se presente no mundo, esse homem constrói como resultado de sua espontaneidade e criatividade o que Moreno define como conserva cultural. Todas essas categorias (espontaneidade, criatividade, conserva cultural e papéis) serão objetos de reflexão desta pesquisa.

Elegendo como objeto de investigação o sujeito, seu mundo e a maneira como se relaciona no aqui-e-agora da sua existência, Moreno não prioriza os fenômenos psicopatológicos do homem. Nesse aspecto, ao mesmo tempo em que o psicodrama afasta-se da psicanálise, amplia seu campo de intervenção, numa visão antropológica, criando possibilidades cada vez mais amplas. Não se trata apenas de um método psicoterapêutico para tratamento de transtornos mentais, já que sua eficácia como método abarca diversas modalidades de intervenção, dada sua condição existencialista. Como prova disso, na busca de melhores condições de vida e de felicidade e comungando com as ideias hassídicas de seus contemporâneos, como Martin Buber, Moreno foi para as praças de Viena brincar com crianças abandonadas, trabalhar com prostitutas, tendo sempre Deus como norteador de suas ações e projetos de vida.

Nesse sentido, ao abandonar o divã como espaço de onde se aborda o sujeito, substituindo-o pelo palco, Moreno compreende o homem sob uma nova perspectiva, com outro olhar capaz de contemplar esse psiquismo, não mais privilegiando o passado. O homem é visto no aqui-e-agora de sua ação, de modo que a linguagem perde a primordialidade de acesso ao inconsciente, e a conduta, isto é, o papel desempenhado,

³² Buber (1974, p. 87) escreve: “não se fala somente sobre Deus, mas também se fala com Ele”, ou seja, propõe um diálogo diretamente entre os seres humanos e Deus.

³³ Drewermann (2004, p. 132), afirma que “Deus não precisa de porta-voz [...] Onde reside o silêncio é que estão os espaços em que fala Deus. Não deixo que me tirem a confiança de que Deus é capaz de continuar em diálogo com as pessoas”.

ganha preponderância sobre a linguagem e transforma-se no portal que levará à verdade psíquica: “Por mais importante que seja o comportamento verbal, a ação precede a palavra e a inclui” (MORENO, 1972 apud MARTÍN, 1996, p. 59).

O sujeito deixa de ser visto somente na sua individualidade, de forma que sua inserção social, sua coletividade e historicidade passam a ser relevantes na constituição e na compreensão de sua personalidade. Deve-se ressaltar que a concepção moreniana prescinde de qualquer ligação a credo ou instituição religiosa. Compreendendo que “necessariamente cada homem é inseparável de Deus”, sua concepção é acima de tudo mística. Coerente com a cientificidade do momento, a obra moreniana é construída para validar e referendar a constante presença de Deus, tanto no cosmo quanto em cada homem e em suas diversas ações e atitudes espontâneas e criativas.

Diante de todas essas considerações, Moreno constrói uma concepção de homem coerente com toda sua visão místico-religiosa, utilizando a vida como modelo, a espontaneidade e a criatividade como condições de possibilidade para toda a felicidade humana. Inspirado pelo teatro, o palco foi tomado para o desenvolvimento e resgate do homem como ser espontâneo e criativo.

2.2 TEORIA DOS PAPÉIS: O CONCEITO

Derivada, etimologicamente, de vários termos de sentidos diversos, a palavra papel³⁴, no latim medieval, vem de *rotulus* (rota = roda), que pode significar tanto “uma folha enrolada contendo um escrito” quanto “aquilo que deve recitar um ator numa peça de teatro”, segundo Gonçalves (1988, p. 65). Na língua portuguesa, o termo vem do grego “*pápyros*”, do latim *papiro*, e ganhou um sentido social, definindo as funções das diversas profissões. Com o surgimento do teatro moderno, a partir dos séculos XVI e XVII, os atores, representando os diversos personagens teatrais, passam a ter suas falas lidas em fascículos de papel ou “rolos”, de maneira que cada parte cênica passou a ser designada como papel ou *role*.

³⁴ Brito (1998) descreve a evolução de noção de papel, como conceito e definições, iniciando com a concepção de William James, em 1890, em que estaria, de modo embrionário, a noção de papel, até a concepção moreniana de papéis sociais.

Calvente (2006)³⁵ distingue conceitualmente os termos personagem e papel: ligando-se à imaginação e à criação humana, representadas na trama teatral, literária ou cinematográfica, o personagem pode ser compreendido como manifestação cultural, revelando tanto a natureza quanto a própria humanidade; já papel pode ser compreendido como a menor unidade de conduta e comportamento humano, que possibilita o reconhecimento e a identidade do sujeito, sendo constituído de elementos significativos da sua singularidade e de sua inserção na vida em comunidade, resultante de sua espontaneidade-criatividade.

Assim compreendido, papel é uma construção final de todas as vivências e relacionamentos experienciados pelo sujeito ao longo de sua existência: o papel de bebê, o papel de mamador (aquele que mama), o papel de filho, de pai, de mãe, de médico, de patrão, empregado etc. todos esses papéis determinam as características pessoais e relacionais de cada sujeito. De maneira mais sucinta, papel pode ser definido como “as formas reais e tangíveis que o eu adota” (MORENO, 1987, p. 29).

Percebem-se, nessas diferentes definições e concepções de personagem e papel, alguns aspectos em comum: são fenômenos observáveis, aparecem nas ações, são atuados, possibilitam alcançar o eu. Moreno argumentou que o conceito de papel era mais apropriado que o de personalidade, cujas formulações vagas impediam que fosse relacionado a fatos observáveis e mensuráveis. Definiu papel como a menor unidade observável de conduta, podendo ser entendido como forma assumida pelo sujeito ao reagir e interagir com as diversas situações da vida. Papel é a representação simbólica da maneira como o sujeito se coloca no mundo, percebida por si mesmo e pelos outros.

Papel tem, portanto, duas dimensões: a individual e a coletiva. Ao longo de sua obra, Moreno ora define o papel como função construída e assumida pelo indivíduo, ora como a “forma real e tangível que o eu assume”³⁶. Tal conceito passa do plano dramático ao social, já que o papel ora se refere a uma pessoa imaginária, ora a um modelo para a existência ou a uma personagem da realidade social, uma imitação da vida ou uma forma tangível do eu. O papel e o eu (*self*) do sujeito estão em contínua interação.

³⁵ Calvente (2006, p. 37) descreve a inter-relação entre as categorias de pessoa, personagem e papel, a partir de conceitos jurídicos e sociológicos, enfocando a conceituação psicodramática para os papéis morenianos.

³⁶ “Eu” aqui compreendido como correspondente ao “Ego”: a “instância psíquica” constitutiva do aparelho psíquico freudiano. Segundo Freud (1976, p. 41), o “ego é, acima de tudo, um ego corporal”. No entanto, para Moreno (1978, p. 28), a constituição do “Eu” passa por outra via, rompendo com Freud no que se refere à maneira de constituição psíquica do sujeito, conforme está sendo abordado nesta pesquisa.

Base para o aspecto da dinâmica inter-relacional, os papéis³⁷ nada mais são do que estruturas representativas dos vínculos sociais. A estrutura dos componentes coletivos é constituída pelos elementos culturais (conservas culturais) referentes à comunidade a que pertence o sujeito (“unidade social de conduta”). Os componentes individuais referem-se àquilo que concerne à história pessoal de cada um. Assim, o indivíduo encontra-se interligado, conectado à sociedade a que pertence, constituindo uma unidade. O componente individual traz a conotação das características pessoais, possibilitando o desempenho de papéis sociais em uma determinada comunidade, de acordo com cada sujeito. Constituem, dessa forma, a teia de relacionamentos e vínculos afetivos, construindo a sociedade e a comunidade em que vivem.

Ao compreender o homem como um ser relacional, todo papel é desempenhado em concordância com outro que lhe complementa: ao papel de pai, há o complementar de filho; ao de policial, o de bandido; ao de professor o de aluno etc. São os contrapapéis ou papéis complementares. O conceito de papel, no seu aspecto social, e o fator E³⁸ (espontaneidade), no aspecto individual, permanecem atrelados e complementam-se.

Ao longo da existência humana, treinada e desenvolvida, a espontaneidade cria condições de criatividade. Embora, quanto mais desenvolvida e mais treinada, a espontaneidade perpetue a criatividade humana, o desenvolvimento dos diversos papéis, principalmente os sociais, vai cristalizando-se e perdendo sua capacidade de catalisar a criatividade. Ao serem transformados em conservas culturais, ou seja, ao serem cristalizados, os papéis perdem a fluidez, não mais se opera a espontaneidade, fazendo com que os papéis propiciem o sofrimento humano, comprometendo sua capacidade de adequação e de busca de novos sentidos para sua existência.

³⁷ Segundo Pannenberg (2008, p. 107), a doutrina da Santíssima Trindade foi a que primeiro definiu “o ser-pessoa como constituído por uma relação com outras pessoas [...] o Pai só é Pai em sua relação com o Filho, assim como inversamente o Filho só é Filho na sua relação com o Pai”. Descreve assim, o papel de Pai e seu contra-papel o papel de Filho, e vice-versa, ao afirmar: ‘o papel, justamente, é distinto do ser que o desempenha’.

³⁸ Encontramos, aqui, mais uma divergência entre a teoria psicanalítica e a psicodramática. Para compreender o funcionamento da psiquê humana, Freud constrói o conceito de libido como sendo uma energia psíquica (catexia libidinal) original do ego, que é “posteriormente transmitida a objetos” (FREUD, 1976, p. 92). Para Moreno (2008, p. 60), trata-se da espontaneidade (Fator E) como catalisadora das ações criativas, a responsável pela dinâmica do psiquismo. Não se trata de uma energia, tal como a libido, mas sim como um reagente/catalisador da criatividade, aquecimento, conserva. Descreve um diagrama como o cânon da criatividade, em que são explicitados tais fundamentos.

Dessa forma, papel também pode ser compreendido como uma unidade da cultura³⁹ em que o ego (o eu) e seu contrapapel (social) estão em constante interação, de modo que tal interação resulta em um estado mais profundo de co-inconsciente. Estados inconscientes de um ou mais indivíduos estão em constante sintonia que, por definição, estabelecem-se na relação, podendo ser realizados somente em conjunto, nunca sendo propriedade de um único sujeito. Com isso, a teoria psicodramática dos papéis concebe o conceito de papel em todas as dimensões da existência humana.

A partir do nascimento, o desenvolvimento do fator E (espontaneidade) perpassa toda a vida do sujeito, seja como experiência pessoal, seja como modo de inserção social. A devida articulação teórica e prática do fator E possibilita a compreensão do indivíduo como um sujeito imerso no social, buscando transformar a comunidade em que vive por meio da ação. Daí, o conceito de papel sempre pressupõe a inter-relação e a ação. Todos e quaisquer indivíduos desempenham diferentes e inúmeros papéis, ao longo da vida, em diversas fases de seu desenvolvimento, de forma que acabam por se perceberem interagindo com uma vasta gama de contrapapéis ou papéis complementares.

Em contrapartida, faz-se necessário que a compreensão dos diversos papéis abarque o seu início, seu ponto de partida, possibilitando construir as pontes necessárias que ligarão o sujeito à sua história de vida, aos seus aspectos psicológicos e sociais.

2.3 O TEATRO DA ESPONTANEIDADE: O PONTO DE PARTIDA

Com o teatro da espontaneidade (*Das Stegreiftheater*), ainda em Viena, entre 1921 e 1923, a revolução proposta por Moreno ganhou forma e características específicas, definindo e fundamentando a ação psicodramática, na busca do desenvolvimento e do treinamento da espontaneidade, abrindo espaço para a criatividade. No teatro da espontaneidade, em que não são necessários textos previamente escritos (*script*), rompendo a oposição autor e ator, plateia e atores, todos participam da criação do drama, tornando-se um teatro sem espectadores. Na espontaneidade e criatividade do momento, o grupo, como uma unidade, transforma-se em autor e ator do vivido,

³⁹O papel, como unidade de cultura e conceito moreniano, aproxima-se das ideias de Dilthey, quando este descreve que “o nexa adquirido da vida anímica”, ao ser objeto de descrição e análise, contém “os três grandes membros da vida psíquica: a inteligência, a vida impulsiva e afetiva e as ações volitivas”. Ou seja, somente conhecemos os processos psíquicos através do produto resultante da vivência, o que irá determinar a cultura. Segundo Dilthey (2008, p. 58) apreendemos os processos psíquicos de maneira mais completa e profunda quando comparamos suas criações, isto é, seus produtos.

eliminando-se as diferenças e o ator principal. O protagonista fixo, como nas tragédias gregas, é substituído pela oportunidade de cada participante transformado em protagonista da história vivida. A vida ganha espaço e tempo para ser vivida e revivida: na vivência da espontaneidade, a “vida capta a vida”⁴⁰.

No Teatro da Espontaneidade⁴¹, tudo é resultado da improvisação⁴² (espontaneidade-criatividade), o texto é desenvolvido no aqui-e-agora, as palavras usadas, os motivos emergentes, as ações desenroladas nas resoluções ou não dos conflitos são mobilizados no momento da vivência. A função do palco transforma-se em uma nova maneira de desenrolar o drama, tornando-se um espaço aberto às novas formas de viver a vida. A dramatização do conflito humano ganha nova dimensão: o espaço para a vida ser vivida e revivida. Não se trata de uma peça a ser reprisada, repetida inúmeras vezes, mas de uma peça original, que jamais será ensaiada, reproduzida e encenada sucessivamente. Isso porque ela se desenrola no aqui-e-agora vivencial dos atores e criadores dos próprios dramas, tornando-se um teatro vivo onde a vida toma uma nova significação. Trata-se de um teatro da vida:

Minha visão do teatro foi moldada segundo a ideia do *self* espontaneamente criativo [...]. A força que é liberada pelo teatro e pelo drama não está no palco, no ator; não está no cenário, nem no produtor, nem no dramaturgo; está na plateia perante o prosênio. O espectador transforma-se em ator na medida em que se descobre em conflito com as pessoas que atuam no palco (MORENO, 1984, P. 35).

O caso Bárbara é o marco histórico do psicodrama, sendo a primeira experiência de Moreno como resultado da proposta de teatro vivo. Torna-se, a partir de então, o precursor do teatro terapêutico, mais tarde denominado psicodrama. Ao acompanhar os conflitos pessoais de Bárbara, como era conhecida a atriz Anna Hollering, ainda em Viena, Moreno percebeu que ela alcançara soluções emocionais para sua problemática pessoal, através da dramatização. Estava lançada a base para a criação da teoria e da

⁴⁰ Dreher (2013, p. 182), citando Dilthey, utiliza essa expressão para descrever a circularidade entre a experiência vivida, a vida mesmo e as ciências do espírito. O psicodrama, tendo “a vida como modelo”, segundo Moreno (2006, p. 18), possibilita à vivência psicodramática ter o mesmo fundamento das ideias diltheyanas.

⁴¹ *Das Stegreiftheater (Teatro da Espontaneidade)* torna-se o marco da transição da escrita religiosa para a científica. Foi precursor do sociodrama, diagrama do átomo social, como da teoria dos papéis. Nele, estão contidos os fundamentos de toda a teoria moreniana, principalmente, o lugar, o significado e as dimensões do *self* do homem moreniano (MORENO, 1984).

⁴² O improviso tem destaque na obra moreniana, tanto que ele foi editor de um periódico denominado *Impromptu* (MORENO, 2010), cuja primeira publicação ocorreu em 1931.

prática psicodramática, a partir da qual Moreno construiu novas perspectivas para a compreensão do humano⁴³.

Com seu trabalho *Das Stegreiftheater*, Moreno marcou o início de um novo período: a transição da escrita místico-religiosa para a científica, revolucionando a maneira de se fazer teatro e a prática de abordar os conflitos existenciais humanos. Passou a se preocupar em escrever e elaborar uma teoria que sustentasse sua maneira de compreensão do homem e de uma nova possibilidade de ajuda na busca da felicidade. Para isso, desenvolveu inúmeros conceitos fundamentais e inovadores em sua proposta teórica para uma nova noção de *Dasein*, o Ser-aí, o sujeito e seu modo de se colocar no mundo.

A representação do drama vivido pelo homem ganha nova forma de se desenrolar e, com isso, nova maneira de criar e experienciar a vida. Acreditando que, por meio da ação espontânea e criadora, das experiências e vivências dramáticas, o homem podia transformar não só a si mesmo como também a comunidade, a partir do seu teatro, Moreno pretendia o desenvolvimento individual e social do homem.

Moreno desenvolveu o estatuto do psicodrama nos moldes da cientificidade regente da época, buscando o reconhecimento da comunidade acadêmica e científica para legitimar seu legado teórico e prático. Apesar disso, sempre trabalhou com duas maneiras de compreensão da vida: a místico/religiosa e a científica. Nunca privilegiado uma em detrimento da outra e sempre acreditando no equilíbrio de seus valores, articulou-as igualmente, tendo o cuidado de não reduzi-las a uma única concepção seja filosófica, mística ou fenomenológica. Pretendia unificar a presença de Deus à vida humana no cotidiano, possibilitando e convidando todos a assumirem a responsabilidade com o outro, com as coisas e com todo o universo, convocando-os a serem espontâneos. Para isso, criou o mundo psicodramático, explicitando claramente seus objetivos:

O objetivo do psicodrama era, desde o início, construir um espaço terapêutico que utilizasse a vida como modelo e integrar nele todas as modalidades de vida, começando pelos universais – tempo, espaço, realidade, e cosmos – e passando por todos os seus detalhes e suas nuances (MORENO, 2002, p. 31).

⁴³Moreno (1999, p. 27) descreve como, ainda jovem médico, após fundar o “Teatro de Improvisação, em 1921, na rua Mayseder, próximo da ópera de Viena, tomou consciência das possibilidades terapêuticas existentes na representação, na vivência ativa e estruturada de situações psíquicas conflituosas”, por meio do “caso Bárbara” como é conhecido.

Na busca desses objetivos, a partir da nova maneira de se fazer teatro, Moreno elaborou como um dos pilares do seu construto teórico a teoria dos papéis, com a qual procurou sempre evidenciar a necessidade de resgate da espontaneidade perdida pelo homem, ao longo da vida. Para a compreensão dessa perda, a teoria dos papéis possibilita o aprofundamento dos estudos das diversas maneiras de estruturação do sujeito, em suas várias formas de se colocar no mundo, possibilitando o reconhecimento das funções de interação e dos vínculos afetivos que se estabelecem entre os seres humanos. Reconhecendo o insuficiente desenvolvimento da espontaneidade, pode-se chegar à compreensão da psicopatologia humana e dos conflitos sociais, levando à dimensão individual e coletiva do homem, no aqui-e-agora da procura de sentido da existência.

2.4 A ESPONTANEIDADE: FUNDAMENTO DA TEORIA DOS PAPÉIS

Na antropologia moreniana, a espontaneidade é a possibilidade de o homem viver saudável no mundo, como escreve na primeira página de sua autobiografia: “Deus é Espontaneidade” (1996, p. 67). Assemelhando-se a Deus, o homem é um ser espontâneo em sua essência, capaz de desenvolver e resgatar sua liberdade criadora. Concebendo Deus como sendo pura espontaneidade, cujo mandamento a ser seguido pela humanidade é “Seja espontâneo!”, para Moreno, Deus, criador de todas as coisas, está presente em tudo, e o homem, como parte dessa criação infinita, também deve responsabilizar-se por ela, já que a ela está intrinsecamente ligado. Todos somos uno.

2.4.1 O homem moreniano: o ser espontâneo

O homem é parte do universo criado por Deus, integrante e indissolúvel de todo o cosmo, responsável não somente por sua própria existência, mas por todo o universo, com toda a criação:

Se existir responsabilidade, ela deve necessariamente ir além da mera responsabilidade com a existência pessoal. Ela deve ser uma responsabilidade com o Todo! E como eu poderia assumi-la, ter uma função criadora neste mundo e sem ser parceiro em sua criação? Eu devo ter estado lá, no princípio, há bilhões de anos atrás e estarei lá, a bilhões de anos no futuro. ‘Eu me criei, logo, eu existo’ (MORENO, 1992, p. 11).

Instalam-se indagações: o que é, afinal, o ser humano para Moreno? Qual é sua concepção filosófica sobre o homem? Para responder a esses questionamentos, deve-se ressaltar que Moreno foi um dos criadores do movimento filosófico denominado *seinismo* (do verbo *sein*, “ser”, em alemão), cujo princípio fundamental consistia na concepção segundo a qual cada homem precisa encontrar seu verdadeiro ser e agir de acordo a consolidá-lo. Esse agir e sua conduta devem sempre estar em consonância com o reconhecimento profundo da escolha de valores, sem se afastar da visão cósmica, da relação com o Deus cósmico: “O homem é um homem cósmico, não apenas um homem social ou individual [...] é um ser cósmico”⁴⁴.

Diante dessas considerações, pode-se afirmar que o homem moreniano⁴⁵, “centelha divina criadora”, sendo Deus “pura espontaneidade”, nasce como um ser espontâneo-criativo. Se, para ele, ao nascer, o bebê é também espontaneidade pura, o sujeito traz em si o Fator E como capacidade nata do indivíduo. Essa categoria moreniana de espontaneidade não deve ser entendida como uma energia produzida, armazenável, tal como a energia psíquica denominada como libido por Freud (1972)⁴⁶. O fator E consiste, acima de tudo, em um catalisador, uma condição de possibilidade para que o sujeito, a partir da espontaneidade, torne-se um ser criativo. Tal condição implica que essas duas categorias estejam sempre associadas, levando vários autores a utilizá-las como binômio: espontaneidade-criatividade.

Por outro lado, faz-se necessário ressaltar que, para Moreno, o conceito de espontaneidade traz em si o conceito de liberdade, originalidade e de adequação⁴⁷. Ou seja, espontaneidade é liberdade adequada ao momento vivido de maneira original, genuína e, a partir dela, por meio de sua criatividade, o homem poderá desenvolver

⁴⁴A concepção de Moreno (1972 p. 197) sobre a relação homem/Deus encontra-se pormenorizada no capítulo intitulado *The Religion of God-Father* no livro **Healer of the Mind, A psychiatrist's search for faith**, como também, em **Palavras do Pai** (1992). Nesse livro, Moreno coloca-se no papel de Deus, e fala diretamente aos homens. Daí o próprio título da obra. Essa concepção moreniana ecoa nas ideias de Schleiermacher. Segundo Pannenberg (2008, p. 222), para Schleiermacher, “o objeto da religião não é, primordialmente, algo sobrenatural, extramundo, mas o ‘universo’, a totalidade de tudo que é finito, na medida em que nela está presente o infinito”, ou seja, ‘a religião faz parte da essência do ser humano’”.

⁴⁵O conceito de homem moreniano traz em si as ideias de Platão a respeito do ser humano, principalmente com as correções e reformulações cristãs dessas teorias platônicas e as influências sofridas ao longo do desenvolvimento do pensamento filosófico e teológico descrito por Pannenberg (2008, p. 33).

⁴⁶A Libido é definida por Freud (1972, p. 223) “como uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual”.

⁴⁷Dreher (2013, p. 186) aponta a espontaneidade como liberdade, categoria constitutiva da vivência diltheyana. Associa a espontaneidade à criatividade, “produção do individual”, que marca a própria vida. Essa concepção aproxima-se dos conceitos morenianos.

aquilo que traz em si mesmo: sua genialidade em potencial para superar as diversidades da vida, a perda de sentido e as estagnações impostas pelo mundo. Essa criatividade não consiste em criações intelectuais e/ou materiais, mas sim numa força dinâmica, numa corrente de criatividade. Caso o homem não desenvolva essa espontaneidade e criatividade, padece em sofrimento e adocece.

Desse modo, na concepção moreniana, encontra-se uma dimensão individual do homem como gênio, que se desenvolve a partir da espontaneidade, e uma dimensão social, como membro de um grupo inserido em uma coletividade. Esse sujeito, imerso no social, busca transformar a comunidade onde vive por meio da ação. Na inter-relação das dimensões de tempo, espaço, realidade e cosmos, esse sujeito é sempre considerado em sua inter-subjetividade, trazendo, em seus diversos modos de existência, as diversas manifestações culturais que constituem a sociedade. Todo esse produto resultante da espontaneidade-criatividade é denominado conserva cultural.

2.4.2 As conservas culturais

Conserva cultural é o conjunto de toda a produção humana, isto é, momentos espontâneo-criativos que se perpetuam na sociedade e na cultura. Tal concepção encontra eco nas ideias de Dilthey:

Possuímos na linguagem, no mito, na literatura e na arte, e em geral em todas as realizações históricas, uma vida psíquica que se objetivou: produto das forças efetivas de natureza psíquica; formas firmes que se estruturam com elementos psíquicos e segundo as suas leis (DILTHEY, 2008, p. 81).

Descrevendo os sistemas culturais como resultados da trama psíquica (alma humana), Dilthey afirma a importância de se valorizar a abordagem desses sistemas; ressalta ainda que, somente a partir do reconhecimento e do estudo das relações entre o sujeito (em seus aspectos psicológicos) e esses sistemas (conservas culturais), pode-se alcançar um conhecimento que contemple o ser humano.

Apesar de todo o processo que envolve a espontaneidade gerar um ato criativo, a espontaneidade opera somente no aqui-e-agora, não sendo acessível e passível de ser reconhecida, a não ser através da criatividade, que se manifesta nas chamadas conservas culturais. Ao se constituir como sujeito, ocorre o desenvolvimento da espontaneidade e

da criatividade. Partindo da concepção de que em Deus toda a espontaneidade tornou-se criatividade, Deus é o Único no qual espontaneidade e criatividade são idênticas. Sendo o universo criatividade infinita, a espontaneidade atua como agente facilitador desse crescimento e dessa criatividade, de forma que, como catalisadora da criatividade, a espontaneidade possibilita a criação de conservas culturais⁴⁸.

As conservas culturais, produtos da ação humana, estruturam-se como forças psicológicas que têm um aspecto positivo e outro negativo: negativamente, podem ser compreendidas como perda da espontaneidade, da criatividade, da fluidez da vida, ou seja, como rigidez de comportamento, de modo que a cristalização dessas forças compromete o sujeito e sua forma de estar no mundo, numa maneira fixa de viver a vida, sem a liberdade de viver; já quanto ao aspecto positivo, todas as conquistas, todo o progresso, toda a tecnologia e todos os avanços alcançados pelo homem são perpetuados nas formas de conservas culturais, como as manifestações artísticas (literatura, música etc.), que expressam o modo, o estilo e as maneiras de se viver na sociedade.

Similarmente, as conservas culturais expressam aspectos da individualidade e da coletividade: em sua expressão individual referem-se aos diversos papéis que cada sujeito adota ao longo da vida; já em seu aspecto sacionômico⁴⁹ (grupais, coletivo), explicita tanto as diversas formas de viver em comunidade quanto os aspectos materiais e comportamentais. Desse modo, elas possibilitam os diversos acessos aos papéis desempenhados pelos indivíduos e às suas manifestações que levam às novas conservas.

O reconhecimento e a importância das conservas culturais são revelados por sua relação com a espontaneidade e com a criatividade, bem como por sua possibilidade de acessar os aspectos psicológicos dos indivíduos. Despertada pelo aquecimento (ato que mobiliza a espontaneidade), a espontaneidade opera no aqui-e-agora, gerando uma atitude criativa. Mobilizada pela espontaneidade, a criatividade produzirá as conservas culturais. A partir dessas conservas, podem-se apreender as diversas maneiras como o homem se construiu como sujeito, compreendendo, assim, a proposta da antropologia

⁴⁸A espontaneidade como liberdade e fluidez possibilita todo o dinamismo que a vida produz. Essa fluidez nos leva a aproximarmos do conceito com que Hegel (1992, p. 123) descreve a vida como movimento: “Assim, a substância simples da vida é o seu fracionamento em figuras, e ao mesmo tempo a dissolução dessas diferenças subsistente; e a dissolução do fracionamento é também um fracionar ou um articular de membros [...] é o todo que se desenvolve, que dissolve seu desenvolvimento e que se conserva simples nesse movimento”.

⁴⁹Sacionômico refere-se à teoria sacionômica, de Moreno, segundo a qual o homem é um indivíduo social (GONÇALVES, 1988, p. 41).

moreniana. Acrescenta-se a isso a possibilidade de compreensão dos aspectos sociais e grupais, resultantes dos diversos vínculos construídos pelos indivíduos.

Dentro da especificidade dos objetivos que se buscam, a partir da visão moreniana, a Bíblia pode ser considerada como uma conserva cultural⁵⁰, cujos conceitos socionômicos apresentam características bem definidas. A compreensão da conserva cultural possibilita o entendimento das relações num sentido transversal (estabelecidas pelos indivíduos consigo mesmos) e num sentido longitudinal (do indivíduo com o grupo e dos grupos com os grupos). Essa compreensão, além de apontar a maneira de observar, refletir sobre o modo como o sujeito está perseguindo seus objetivos de vida, sua individualidade e seus aspectos psicológicos, possibilita levantar hipóteses de como seu sofrimento psíquico e suas dificuldades existenciais tornaram-se presentes na sua vida.

Se a espontaneidade-criatividade é o fundamento de todo o bem-estar, o teatro é o lócus onde ela poderá ser treinada e desenvolvida. Daí o teatro é a fonte inspiradora da teoria dos papéis, de Moreno, e o espaço a partir do qual se desenvolve seu projeto de intervenção social.

2.5 TEORIA DOS PAPÉIS: O INSTRUMENTO

Ao propor a dramatização da vida como possibilidade de compreensão, reflexão e superação dos conflitos existenciais, a teoria psicodramática utiliza-se da construção do conceito de papel, aplicando-o a todas as dimensões da vida para abordar a existência humana, como experiência individual e grupal. Na realidade, os indivíduos desempenham, no cotidiano, determinadas funções, de acordo com a classe social em que se encontram inseridos. As redes vinculares que se estabelecem, ao serem exercidas tais funções, são denominadas pelo senso comum como papéis, existindo, portanto, os papéis profissionais (médico, professor, estudante, policial etc.), os papéis determinados pela classe social (empregado, patrão, sem-terras etc.) e os definidos pelos vínculos afetivos (pai, mãe, filhos, amantes etc.). Ao longo da história da humanidade, são tantos os papéis determinados quanto são as inúmeras e diversas relações que os indivíduos estabelecem, no decorrer de sua existência, constituindo-se como sujeito.

⁵⁰ Conserva cultural, é o produto resultante da espontaneidade e criatividade (MORENO, 2008, p. 60). O conceito de conserva cultural e sua relação com a Bíblia será abordado ao longo deste trabalho.

No teatro convencional, ao interpretar determinado personagem, diante da plateia, o ator procura desempenhar seu modo de ser, seu comportamento, suas características singulares. Tais atuações têm como objetivo reconhecer e identificar o público com o personagem representado. De fato, referindo-se a Pirandello, Calvente⁵¹ define personagem, tanto no teatro quanto na literatura, como produtos culturais, que representam a vida como metáforas e expressam a “realidade interna de cada um ou a realidade social” predominante, sendo, portanto, a concretização de uma “verdade conceitual”, produto da imaginação representativa da vida.

O desempenho de papel na vivência psicodramática não consiste simplesmente em representar um personagem, como ocorre no teatro convencional. No psicodrama, o viver e dramatizar, o desempenhar determinados papéis aproxima-se do conceito de vivência (*Erlebnis*) definido por Wilhelm Dilthey⁵²: “uma realidade criativa, produtiva e unificadora de sentidos, que associa o sentido de interioridade com a exterioridade da vida”. A dramatização, isto é, o desempenho de papéis na vivência psicodramática é também a experiência da vida, aproximando-se do conceito diltheyano de vivência.

A vivência psicodramática ocorre no momento em que leva à catarse de integração, de forma que atos catárticos são os que fundamentam novos momentos emocionais, axiológicos e intelectuais, possibilitando nova emoção, que é capaz de atualizar estados afetivos e novos sentidos existenciais, bem como novos valores éticos e morais, com novos esclarecimentos cognitivos.

Ao revolucionar a maneira de se fazer teatro, Moreno utiliza-se como ponto de partida da teoria dos papéis, ampliando da concepção social para as dimensões psicológica e espiritual, ou seja, abarca todas as dimensões da vida. Desde o nascimento e passando por toda sua existência, o homem, ser espontâneo-criativo, deve assim permanecer, até mesmo ao alcançar sua dimensão social como pertencente a uma comunidade.

A teoria dos papéis expressa a dimensão neurofisiológica e a psicológica do eu, em suas singularidades individuais, incluindo, também, sua inserção social composta

⁵¹ Calvente (2006, p. 40- 44) descreve a relação entre papéis, no sentido moreniano, e personagens, no sentido teatral. Resumindo suas ideias, a diferença entre ambos ocorre da seguinte maneira: na literatura, e/ou teatro, o autor vai construindo uma identidade a partir do personagem. No psicodrama, são os conflitos psíquicos que apontam os personagens como forma de expressão da subjetividade e dos modos de relação interpessoal.

⁵² Dreher (2013, p. 179-195) e Amaral (2004, p. 51-73) abordam a categoria Vivência em Dilthey; nesta pesquisa apenas serão abordados os aspectos necessários à nossa argumentação.

pelas características coletivas compartilhadas. Pressupondo o homem relacional e compreendendo-o em ação, a teoria dos papéis abarca elementos individuais e coletivos. Dentro dessa visão, Moreno propõe o estudo e a compreensão do homem, em uma abordagem grupal, criando, para isso, a socionomia: socius = grupo; nomos = lei, regra. Em síntese, o estudo das leis que regem o comportamento grupal e social.

A importância da teoria dos papéis para a socionomia está contida na seguinte afirmação de Possan⁵³ (2008), para quem “se faz necessária uma maior consistência na compreensão científica do desenvolvimento psicossocial do indivíduo, devido ao fato de ser inerente a todo processo de socialização de grupo”. Tal importância é fundamentada a partir do princípio de que cada sujeito tem um papel a desempenhar. Cada conjunto de variedade de papéis desempenhados caracteriza o indivíduo e determina seu comportamento, resultado da sua espontaneidade-criatividade. A inter-relação dos diversos papéis desempenhados configura a construção da cultura, denominada por Moreno como conserva cultural, a qual influencia os diversos papéis que a constituem.

A partir dessas considerações, faz-se necessário conhecer o conceito de papéis na perspectiva moreniana. O reconhecimento dessa importância constrói o material necessário para melhor elaboração e utilização do conceito de papel e sua relação com a espontaneidade. A partir da vivência bibliodramática, criam-se os meios para aumentar a eficiência das relações do sujeito com seu mundo interno, sua fé, sua religiosidade, seus conflitos existenciais e sua maneira de se colocar no mundo.

2.5.1 A Matriz de identidade: a origem dos papéis

Em sua aplicabilidade bibliodramática, a teoria dos papéis, de Moreno, como fundamento de uma teoria de personalidade, possibilita uma aproximação com as ideias de Dilthey, que são relevantes para o estudo do bibliodrama. Como já se afirmou, segundo Moreno, todo homem nasce com o Fator E, ou seja, com a espontaneidade, em um grupo cuja estruturação é denominada matriz de identidade⁵⁴. Tal conceituação determina a característica fundamental de sua obra: a dimensão relacional e vincular do ser humano. As passagens bíblicas e os respectivos personagens levam a identificar a que

⁵³ Possan (2008, p. 15-23) argumenta que Moreno constantemente perseguiu o equilíbrio da relação entre ciência e religião em sua obra sem, entretanto, abrir mão de nenhuma dessas duas vertentes.

⁵⁴ Weil (1978, p. 30) aproxima os conceitos de formação de papéis a partir da matriz de identidade, de Moreno, aos estágios de desenvolvimento libidinal (fase oral, anal e fálica) de Freud, como formação da personalidade.

matriz de identidade se refere e como são articuladas aos diversos papéis que emergem dessa revelação. A exata articulação entre matriz e os papéis emergidos dessa relação é que possibilita todo o processo bibliodramático. Daí a necessidade de compreensão do desenvolvimento do sujeito a caminho de sua forma de existir no mundo e sua religiosidade revelada, a partir dos diversos papéis desempenhados:

No mundo psicodramático, o fato da incorporação é central, axiomático e universal. Cada um pode representar a sua versão de Deus através de seu desempenho e desta forma comunicar sua versão aos outros. Este foi o significado elementar do meu primeiro livro, em que proclamei “Eu-Deus”[...] Mas o que importa é o Eu. O Eu é que foi provocativo e novo. E é com o Eu-Deus que estamos todos conectados. É o Eu que se torna Nós (MORENO, 2006, p. 34).

O sujeito nasce chega a partir de uma vivência intrauterina que pode ser definida como uma essência cósmica. Partindo dessa essência cósmica, o homem vai ganhando dimensão vital ao construir-se como um ser relacional, acima de tudo espontâneo, criativo e co-responsável pela criação contínua do universo. Para Moreno, a essência da vida humana está na “fome de criar”, não no sentido de intelectualidade e materialidade, mas como uma força cósmica, dinâmica e contínua, “uma corrente de criatividade”, de modo que cada ser humano não é separado de seu Criador, “tudo que acontece é essencialmente o próprio Deus acontecendo-se” (MORENO, 1992) espontaneamente. Dentro desse universo espontâneo e criativo, emerge a matriz de identidade.

A matriz de identidade pode ser compreendida como o espaço (*lócus*) do nascimento, a origem de toda a comunicação entre a criança e a mãe. O desenvolvimento biológico que ocorre enquanto o bebê encontra-se no útero materno corresponde a uma “vivência cósmica”, segundo Fonseca (2010). A partir do nascimento, essa relação expande-se ao núcleo familiar e demais membros que compõem o início das relações significativas do sujeito: é o átomo social, a menor e primeira rede relacional vincular. É a fonte das influências genéticas, psicológicas, sociais e cósmicas do indivíduo, em quem a espontaneidade/criatividade contribui para a constituição dos diversos papéis.

Sendo originários da matriz de identidade, os papéis implicam, como a própria denominação expressa, a formação da identidade, que é o berço do autoconhecimento, da valorização, da autoestima e da habilidade para lidar com relações. Na história de vida do

indivíduo, os papéis começam a surgir no interior da matriz de identidade⁵⁵, constituindo “a base psicológica para todos os desempenhos de papéis”. Mais do que a estrutura familiar do sujeito, mais do que as relações afetivas, amorosas e hostis, trata-se, acima de tudo, da base sociocultural em que o sujeito se desenvolve. Matriz de identidade, portanto, é o resultado da incorporação do espaço-tempo vital vivenciado, de significados e significantes, explícitos ou latentes, da cultura em que se insere o sujeito, além dos aspectos socioeconômicos, dos valores e do estilo de vida. As relações estabelecidas de diversas matrizes acabam por constituir a organização cultural inerente ao sujeito:

Dois eixos polarizam a teoria de Moreno relativa à pessoa humana: a espontaneidade em sua dimensão individual e o fator tele em sua projeção social. Ambos se conjugam com o eu tangível, o que fundamenta sua teoria dos papéis (MARTÍN, 1996, p. 119).

Para Moreno (1978), “o desempenho de papéis é anterior ao surgimento do eu. Os papéis não emergem do eu; é o eu quem, todavia, emerge dos papéis”. O ego, logo, resulta dos papéis, determinando o que se define como personalidade, em que fatores genéticos, espontaneidade, tele⁵⁶ e ambiente estão presentes, desde a primeira fase da matriz de identidade. Essa matriz é existencial, é o lócus de onde surgem, gradativamente, o eu e suas ramificações, ou seja, novos papéis. Estes, sendo os precursores (embriões) do eu, constituem uma unidade, criando a unicidade do ser, a partir das relações teletransferenciais.

Relações teletransferenciais referem-se ao sistema teletransferência, conceito desenvolvido por Fonseca⁵⁷: para descrever a dinâmica das relações humanas, articula o conceito de tele, de Moreno, e transferência, de Freud, aplicando-os aos vínculos afetivos desenvolvidos por cada sujeito à esfera de sua vida sociorrelacional.

Desde o nascimento, já com o fator E, a matriz de identidade constitui o universo total do sujeito, não havendo diferenciação entre o mundo interno da criança e o mundo externo, entre pessoas e objetos, entre *psique* e meio ambiente. Trata-se de uma existência única, um ser espontâneo uma coexistência, uma coexperiência, uma relação

⁵⁵ Essa concepção moreniana aproxima-nos, mais uma vez, da visão do homem como um ser histórico, semelhante às concepções de Hegel e de Dilthey, segundo Pannenberg (2008, p. 210).

⁵⁶ Tele, segundo Moreno, é a facilidade humana de comunicar afetos à distância, como energia de atração, rejeição e indiferença (MENEGAZZO, 1995, p. 207). Tal conceito se aplica à dimensão social do homem.

⁵⁷ Fonseca (2000, p. 131) descreve o que denomina como sistema teletransferência, aproximando e propondo uma nova compreensão para os fenômenos tólicos, descritos por Moreno, e os fenômenos transferenciais, descritos por Freud (1970, p. 47).

de duplicidade entre mãe e filho, sendo a espontaneidade do bebê a marca dessa relação. Essa fase primária estabelece o fundamento para o primeiro processo de aprendizagem emocional da criança, criando possibilidades de relacionamento entre a criança (com seus objetos internos e externos) e o futuro sujeito que se constituirá.

Incorporada e internalizada, a matriz de identidade permanece determinando e constituindo a personalidade do sujeito, em toda a sua existência, marcando sua personalidade fundamentada pelos papéis desempenhados. Seu desenvolvimento deve ser compreendido em três momentos (fases) principais, que são determinantes na gênese dos papéis: 1ª – matriz de identidade total indiferenciada; 2ª – matriz de identidade total diferenciada; 3ª – matriz da brecha entre fantasia e realidade⁵⁸.

Ao nascer, a criança entra no denominado primeiro universo. Vive no momento presente, não diferenciando mundo interno de externo, pessoas de objetos, nem mesmo fantasia de realidade. É chamado 1º tempo ou período da identidade total, correspondente à matriz de identidade indiferenciada. Com ações regidas pelas necessidades fisiológicas de prazer, com predominância da espontaneidade, o bebê age instintivamente e necessita de cuidados totais de um ego auxiliar (a mãe ou alguém que exerça a função materna). O fator E (espontaneidade) opera baseado em todo o processo neurobiológico. A criança e a mãe são uma única coisa, ou seja, a criança é “espontaneidade pura”.

O 2º tempo do primeiro universo, período da identidade total diferenciada, ou realidade total, é marcado pela capacidade de diferenciar pessoas de objetos: é o início da diferenciação entre mundo interno e externo. Embora, nessa fase, a criança ainda não distinga totalmente proximidade e distância, passa a emergir o fator tele, conceito desenvolvido por Moreno, que possibilita a compreensão da dinâmica das relações humanas. Constitui a percepção correta, em duplo sentido, de forças de atração e repulsão das emoções entre duas ou mais pessoas, estabelecendo as forças sociais que construirão o mundo relacional. Nessa fase, a criança desenvolve a capacidade de imitar formas de reação que passou a observar, não significando que seja capaz de desempenhar papéis, embora passe a ter a possibilidade de adotá-los. De fato, ela começa a desenvolver a capacidade de estabelecer distinção entre o que é seu e o que é do outro, entre papéis reais e imaginários, tendo capacidade de fantasiar e acreditar no imaginário. O fantasmagórico, o fantástico e a imaginação ganham dimensão de realidade.

⁵⁸Fonseca (2010, p. 211-246) descreve, em detalhes, a proposta para se conhecer o desenvolvimento psicodinâmico moreniano, em que as fases da matriz de identidade poderão ser melhor compreendidas.

A brecha entre fantasia e realidade determina o segundo universo, período em que o sujeito passa a distingui-las, construindo sua capacidade de reconhecer e interagir com o mundo externo, iniciando o processo de construção de imagens e o de aprendizagem emocional da criança; é quando ela começa a adoção de papéis e não a imitação. Com o surgimento dessa brecha, o sujeito cria seu mundo próprio, suas histórias e seus personagens, integrando a espontaneidade e a capacidade criativa e construindo, a partir daí, seu universo relacional, que é resultado de inúmeras interações relacionais (genéticas, psicológicas e sociais) por meio dos papéis que passa a desempenhar:

Moreno estuda o desenvolvimento de papéis na matriz de identidade. Este desenvolvimento acontece a partir dos papéis psicossomáticos (biológicos), passando pelos papéis do imaginário (psicológicos) e atingindo os papéis sociais, pelos quais estabelecemos com os contrapapéis de outras pessoas. Os papéis psicossomáticos e do imaginário constituem a estrutura interna básica dos papéis sociais, com os quais o indivíduo vai se relacionar na vida adulta (FONSECA, 2000, p. 99).

A origem dos papéis, segundo Fonseca (2000, p. 100), encontra-se no “corredor energético” que se estabelece entre a criança e sua matriz de identidade, denominado “zona”, o qual é constituído pelas circunstâncias biológicas, psicológicas e culturais que envolvem os dois. A zona, portando, é a base dos fenômenos relacionais estabelecendo os vínculos afetivos por meio dos papéis e contrapapéis que provoca, mobilizando os atos e comportamentos, tanto na criança quanto no adulto.

Não se trata de um único papel, mas sim de um aglomerado, ou ramo de papéis, denominados por Bustos (1990) como “clusters”⁵⁹, que se agrupam segundo uma dinâmica que lhes é própria, específica de cada sujeito, constituindo sua singularidade.

2.5.2 Os papéis psicossomáticos

Considerados os precursores do ego, os papéis psicossomáticos são as formas de funcionamento determinantes na situação de dependência, característica da matriz de identidade indiferenciada. Embora alguns autores não os considerem papéis, por não serem, de fato, uma unidade de conduta nem uma ação delimitada, a maioria dos teóricos

⁵⁹ Bustos (1990, p. 109-166) elabora a teoria dos clusters e os agrega aos conceitos de matriz de identidade, descrevendo a importância das relações interpessoais e como elas se agrupam em ramificações ou cachos, denominados também como clusters.

os aceitam como tal. Nesse período, o sujeito está sendo cuidado por seus egos auxiliares (responsáveis, na terminologia psicodramática). Apesar de os papéis psicossomáticos ou fisiológicos (o papel de mamar, evacuar, urinar) consistirem no resultado das atitudes, satisfações e frustrações relativas à conduta do átomo social (menor unidade da matriz de identidade), a partir dele a criança alcança o desenvolvimento psicomotor, a evolução neurofisiológica e a capacidade cognitiva. Segundo Fonseca (2010), não há nenhuma caracteriologia determinista na teoria moreniana.

Ao desenvolver e experienciar os papéis psicossomáticos, em concomitância com a emergência dos fatores E (espontaneidade) e T (tele), o sujeito prossegue, em seu processo de evolução e crescimento, com o surgimento do desempenho de novos *clusters* de papéis, ele ainda não distingue papéis reais e imaginários.

Os primeiros papéis, os psicossomáticos, são neurofisiológicos: a espontaneidade pode ser considerada uma forma pura. Ao experimentar o papel de mamador, de urinador, o sujeito vai desenvolvendo os vínculos operacionais, constituindo um sentimento de unicidade. Pode-se considerar como uma espécie de eu fisiológico, um eu parcial, ou seja, um conglomerado de papéis fisiológicos que possibilitam experimentar e desenvolver a consciência do corpo como unidade física e consciência corporal. Somente após a integração desses papéis precursores, segundo Fonseca (2011), o sujeito passa a ter o ego ou o eu constituído da capacidade de identidade, que possibilita relacionar-se com o outro, estabelecendo relações télicas ou não télicas com os demais.

A partir do desenvolvimento neurobiológico, a criança vai adquirindo uma condição fisiológica, estabelecendo uma nova forma de se posicionar na vida. Surge, então, a brecha entre fantasia e realidade, quando o sujeito passa a adquirir a capacidade de iniciar processos de ações diferenciadas, em virtude da sua condição de distinguir o Eu (bebê) e o Tu (mamãe). Surge, então, o desempenho dos papéis psicológicos.

2.5.3 Os papéis psicológicos

Correspondendo à dimensão psicológica do eu, os papéis psicológicos, também chamados psicodramáticos, refletem a individualidade do sujeito, possibilitando, no futuro, o desenvolvimento consciente dos papéis, suas experiências individuais e suas expectativas de vida. Registrando a constituição do eu, esses papéis são na verdade personificações do imaginário, real ou irreal, possibilitando o desempenho de papel de

fantasmas, de fadas, de heróis, de animais, de objetos etc. Além disso, eles determinam os desempenhos dos papéis sociais, referindo-se também às vivências do imaginário ou da fantasia, durante o desenvolvimento neuropsicológico.

Vale ressaltar que, no transcorrer do psicodrama, a denominação de papéis psicodramáticos para os papéis psicológicos é utilizada para a descrição dos papéis desempenhados ou assumidos durante uma dramatização. Não se trata apenas de mera repetição dos papéis desenvolvidos no cotidiano ou representação do vivido no cotidiano. A ação dramática envolve o desempenho de papéis criativos e espontâneos que refletem acima de tudo os papéis sociais do protagonista, permitindo “*insights* profundos”, no compartilhar da experiência grupal. Sua complementaridade encontra-se nos diversos papéis assumidos pelos coautores do grupo, revelando o inconsciente grupal:

Traduzimos as expressões, os gestos, as imagens delirantes e as alucinações do doente em linguagem “poética” para criar as bases de uma realidade psicodramática, um mundo auxiliar. Em outros termos tomamos o lugar do poeta, ou melhor, do dramaturgo (MORENO, 1999, p. 328).

Segundo Perazzo (2010), referindo-se ao autor Nafah Netto, deve-se distinguir papel psicodramático do papel do imaginário⁶⁰, reservando-se o primeiro apenas para os papéis que têm como lócus o cenário psicodramático. Ou seja, qualquer papel capaz de atuar a fantasia e a imaginação, se excluído do cenário psicodramático, deixa de ser chamado de papel psicodramático e passa a ser papel imaginário. Trata-se dos papéis conservados dentro do sujeito e não atuados, construídos pela imaginação e pela fantasia sem terem uma expressão e atuação no mundo externo inter-relacional. Camila Gonçalves (1988) observou que esses papéis imaginários podem ser subdivididos em duas categorias: papéis imaginários transferenciais e papéis imaginários não-transferenciais. Enquanto aqueles exigem um trabalho específico focado na transferência para se tornarem espontâneos e criativos, estes não exigem essa intervenção.

⁶⁰ Segundo Rubini e Weeks (2006, p 143-150), “a faculdade imaginativa torna possível o psicodrama”, revelando a importância da imaginação na cena dramática.

2.5.4 Os papéis sociais

A partir do desenvolvimento e da evolução do sujeito, quando os papéis sociais começam a ser desempenhados e agrupados, vai consolidando-se uma espécie de eu social. Deve-se entender que ainda é um eu parcial, já que o eu inteiro, integração total do psicossomático, psicológico e social, ainda não está estruturado. Para que tal estruturação ocorra, faz-se necessário que esse eu parcial desenvolva-se, gradativamente, a partir dos vínculos afetivos e do contato entre os conglomerados de papéis sociais, psicológicos, entre os quais ele se encontra inserido, passando a identificar e experimentar seu sentimento de unicidade. Desenvolve-se o que é denominado como eu. Desse eu parcial, latente, metapsicológico, surgem inúmeras formas de estruturação, possibilitando o surgimento do eu total.

Por outro lado, podem ocorrer frequentes desequilíbrios no agrupamento de papéis tanto psicossomáticos quanto psicológicos, resultados da maneira como cada sujeito desenvolve e mobiliza sua espontaneidade e criatividade. Não ocorrendo essa mobilização, acontece a perda da espontaneidade, ou seja, a cristalização, que resulta em alterações nos desempenhos dos papéis sociais e em distúrbios do eu total, enfim, em fonte de sofrimento e desesperança na vida:

O papel social é um conjunto de comportamentos funcionais prescritos por um modelo ligado a um lócus situado numa estrutura institucional e dotado de um determinado grau de poder e prestígios [...] é um conjunto de posturas e comportamentos ligados a expectativas consensuais relativas a um lócus social dotado de um certo grau de prestígio (BRITO, 1998, p. 200).

Como já se afirmou, os papéis sociais determinam os papéis de mãe, pai, professor, enfermeira, policial, médico, aluno, religioso, crente etc. Sua estrutura interna básica é constituída pelos papéis psicossomáticos (biológicos) e pelos psicológicos, determinando o modo relacional (contrapapéis) do futuro adulto. Os papéis sociais são utilizados para designar todos os papéis no dia-a-dia, por meio das relações estabelecidas (papel de professor, de médico, de mãe, de filho etc.). O desenvolvimento desses papéis sociais implica a conserva cultural de cada papel. Consequentemente, as cristalizações da espontaneidade e da criatividade, impostas pelas regras e normas sociais, são determinantes para o bom ou para o mau desempenho dos referidos papéis sociais.

Para a devida compreensão do desempenho dos diversos papéis (psicossomáticos, psicológicos e sociais) na constituição da personalidade do sujeito, faz-se necessário compreender o conceito de realidade suplementar, que complementa a ação da espontaneidade e da criatividade na dimensão psicológica do sujeito.

2.6 REALIDADE SUPLEMENTAR

Segundo Zerka Moreno (2001), realidade suplementar é a realidade vivenciada nas diversas maneiras de se fazer psicodrama, ou seja, é a realidade vivida pelo sujeito no desempenho dos diversos papéis (psicossomáticos, psicológicos e sociais). Moreno aplica o conceito de mais-valia⁶¹, de Marx, ao psicodrama, de forma que a realidade transcende o real (objetivo) e o subjetivo. Em outras palavras, trata-se de uma realidade que, embora pertencente ao sujeito, está muito além dele, na medida em que somente ocorre em sua fantasia, em seu imaginário:

O criador do psicodrama leva em conta três tipos de realidade: a primeira, a infra-realidade, considerada uma sub-realidade, retrata algo vivido no passado e relatado no presente; a segunda está representada pela realidade presente, vivida no aqui-e-agora; a terceira, a realidade suplementar, constitui, todavia, uma realidade sonogada, porém passível de ser resgatada na revivência da cena psicodramática (FONSECA, 2006, p. 5).

Dá a necessidade de essa realidade, até então não assumida, ser mobilizada pelo sujeito, por meio da espontaneidade-criatividade e, à sua maneira, passar a integrar a sua vivência. Ao se entrar na atmosfera psicodramática, penetrando-se no psiquismo, vive-se uma realidade desprendida do tempo e do espaço, em contato com poderes cósmicos, peculiar ao protagonista e ao aqui-e-agora grupal. Não se trata de uma técnica psicodramática, mas uma realidade vivida na cena dramática. Para Perazzo (2010), a realidade suplementar é o substrato da poética e da verdade psicodramática, entendida por Moreno como verdade psicodramática e poética:

⁶¹ Para Zerka Moreno (2001, p. 46), mais-valia é a ideia segundo a qual o que o trabalhador produz resulta num ganho de capital pelo empregador, um adicional que não pertence ao capitalista e que deveria, por direito, ser retornado ao trabalhador.

A forma de verdade subjetiva em que a pessoa coloca em evidência suas próprias forças criadoras, apelando não só para um real imediato, mas para um real que se apodera de um 'engordamento' da realidade: a realidade suplementar (PERAZZO, 2010, p. 107).

A realidade suplementar⁶² possibilita o trânsito entre a dimensão da realidade e a fantasia, representando, na concepção moreniana, “conjunto das dimensões invisíveis da realidade, da vida intra e extra-psíquica” (PERAZZO, 2010, p. 108). O real, como realidade, e o imaginário, como fantasia, unem-se, apesar de, necessariamente, realidade e fantasia não estarem em conflito, muito ao contrário, fundem-se na vivência psicodramática. A realidade suplementar cria a possibilidade de o sujeito integrar-se e elevar-se a uma dimensão cósmica, em sua relação com o outro. A realidade é absorvida e transformada pela imaginação e fantasia, resgatando a espontaneidade e a criatividade, em sintonia com a centelha cósmica. Isso contribui para a cena psicodramática, constituindo uma co-construção na montagem e em todo ato psicodramático.

A realidade suplementar concretiza-se por meio dos papéis psicológicos vivenciados, como resultado da espontaneidade/criatividade. A cena construída resulta da interação do protagonista com toda carga subjetiva com a qual todos os outros membros do grupo interagem. Tanto o diretor, quanto o público contribuem para a construção da realidade suplementar do protagonista, sendo sempre um processo de co-criação e co-construção, preenchida com elementos da realidade suplementar de todo o grupo. Possibilita a construção da ponte entre a dimensão individual e sua dimensão relacional. Lançando mão da espontaneidade e criatividade inerente ao sujeito, o jogo de papéis torna-se o instrumento a partir do qual essa unidade (fantasia e realidade) ganha dimensão, estabelecendo toda a sociodinâmica e sociometria.

O manejo dos jogos de papéis dá forma e vida à realidade suplementar. Essa é a função do papel: trazer à tona o inconsciente, mobilizado a partir do mundo social. A transformação de conteúdos inconscientes em conscientes, dando-lhe uma estruturação, revela a importância da relação dos papéis com a constituição do sujeito e sua maneira de se colocar no mundo. A troca de experiência estabelece a relação interpessoal (interpsique), motivada pelos estados co-inconscientes⁶³.

⁶² Perazzo (2010, p. 106-122) constrói sua argumentação esclarecendo o conceito e a aplicabilidade de realidade suplementar e suas implicações com o imaginário e a poesia na prática psicodramática.

⁶³ Weil (1978, p. 30) afirma que Moreno insiste na unidade da pessoa, daí o conceito de estados co-inconscientes, aproximando-se, mas não correspondendo ao inconsciente e consciente de Freud, e inconsciente coletivo de Jung.

A capacidade imaginativa permanece em sua função e aumenta seu poder de transformação. A capacidade de distanciamento da realidade para viver as fantasias, dando voz e ação àquilo que emerge das profundezas do sujeito, vai constituindo os papéis psicológicos. Ao se entregar de corpo e alma ao vivido no aqui-e-agora, o sujeito dá vida às suas manifestações inconscientes, por meio do desempenho dos papéis psicodramáticos, de modo que o viver psicodramático dos papéis emerge, ao longo do desenrolar das cenas, dos contra-papéis desempenhados. Quanto maior a capacidade de desempenhar os papéis psicológicos, maior é a dimensão da vivência bibliodramática e mais eficaz torna-se a função da realidade, a busca por um novo sentido de existência.

Embora o princípio de realidade opere nos papéis sociais, e a fantasia e a imaginação operem nos papéis psicológicos, as estruturas subjacentes em ambos refletem vivências simbólicas originárias do inconsciente, sendo denominadas “estrutura inconsciente dos papéis”. O desenvolvimento da capacidade de lidar com a realidade, a partir do desempenho dos papéis sociais, possibilita ao sujeito maior condição de resgate de sua espontaneidade/criatividade, fundamento para construção de um novo sentido existencial. Estruturados pela interação entre os papéis psicossomáticos, psicológicos e a realidade suplementar, os papéis sociais vão sendo desempenhados a partir da experiência vivida da realidade, construindo-se novos papéis.

2.7 NOTAS CONCLUSIVAS

Retratando a cientificidade esperada de uma ciência humana, Moreno, a partir da obra **Das Stegreiftheater** (1984), estrutura seu pensamento científico construindo uma teoria da personalidade (visão psicológica psicodramática do homem) por meio da teoria dos papéis, criando, assim, as competências necessárias para uma prática responsável, coerente e ética, de intervenções grupais e individuais.

Como já se afirmou, oriundos de sua matriz de identidade, os papéis vivenciados, atuados e jogados pelo sujeito vão construindo seu “eu”, sua personalidade, numa dimensão simultaneamente vertical e horizontal. Em sua verticalidade, possibilita a compreensão da individualidade do sujeito, isto é, a relação que estabelece consigo, com seus conflitos mais significativos e profundos, a construção da sua visão de mundo, *do Dasein* (Ser-aí), fundamentada na compreensão pertinente dos papéis desempenhados ao longo de sua história. Na horizontalidade, está a dimensão coletiva e social dos papéis,

sua vertente relacional, possibilitando o entendimento do sujeito a partir da sua maneira de estabelecer vínculos afetivos e profissionais, de sua capacidade de interação com seus parceiros e seus opositores, suas reações perante as diversidades da vida.

O desenvolvimento de habilidades na compreensão da importância da teoria dos papéis e, conseqüentemente, na construção de competências para o seu manejo, amplia a aplicabilidade da teoria psicodramática. Nesta pesquisa, o bibliodrama é uma dessas modalidades de aplicação por ser uma nova forma de possibilitar ao sujeito um instrumento hermenêutico de compreensão da sua relação com o mundo bíblico, da sua fé, do seu sentido de existência religiosa e da sua relação com Deus.

A correta utilização de tais conceitos aponta caminhos que se transformarão em facilitadores e instrumentos de validação de uma prática bibliodramática, mantendo-a fiel à sua origem psicodramática. Não se apropriando de tais conceituações, corre-se o risco de ser incoerente com a proposta moreniana, distanciando-se do psicodrama, na medida em que teatralizar é diferente de uma ação psicodramática, que implica, fundamentalmente, possibilitar a vivência. Desse modo, é necessária a compreensão e a aplicação da teoria dos papéis à vivência bibliodramática para os que se aventuram pelos caminhos da espontaneidade e criatividade, a agirem psicodramaticamente e a alcançarem os objetivos do bibliodrama, compreendendo o homem como ser cósmico em relação consigo e com o outro, nos diversos modos de se posicionar em seu mundo de fé.

Dessa maneira, na vivência bibliodramática, a compreensão dos papéis (psicossomáticos, psicológicos e sociais) bem como da realidade suplementar em relação à espontaneidade e à criatividade emerge e se revela no aqui-e-agora grupal, possibilitando identificar, apontar e trabalhar significações e ressignificações mobilizadas pelos textos bíblicos. A utilização desses novos sentidos de existência cria novas condições de atualização do mundo bíblico para o vivido pelo sujeito, em sua realidade social e psicológica, capacitando-o ao melhor contato consigo e com o seu próximo⁶⁴ e com o mundo social (real e virtual).

Em contrapartida, existe a teoria da ação, que consiste em procedimentos e mecanismos de intervenção propostos pela teoria psicodramática para o alcance desses objetivos. Embora, por se dedicar mais a investigar o sentido e valor terapêutico, Moreno não tenha definido especificamente o termo “ação”, coube aos pós-morenianos

⁶⁴ Próximo, para Kierkegaard (2012, p. 81), é o igual, aquele com quem se compartilha a igualdade dos homens diante de Deus.

encarregarem-se de descrever as diversas técnicas que constituem a teoria da ação, o instrumento de aplicabilidade da teoria dos papéis. Dessa maneira, as especificidades de cada técnica e suas inter-relações com os diversos papéis desempenhados pelo sujeito, no transcorrer de cada ação psicodramática, ou bibliodramática, merecem uma compreensão contextualizada, possibilitando uma hermenêutica baseada na ação, isto é, na dramatização.

Essa hermenêutica desenvolvida por meio do jogo psicodramático (bibliodramático) possibilita uma aplicabilidade coerente com a proposta de Ricoeur (2006): “a metamorfose do mundo, segundo o jogo, é também a metamorfose lúcida do ego”. Por outro lado, são necessárias reflexões de como desenvolver e desempenhar essa proposta, procurando identificar os pressupostos teóricos norteadores de tal instrumentalização e os procedimentos para facilitar a contribuição da teoria dos papéis ao bibliodrama e, em contrapartida, as contribuições do bibliodrama ao psicodrama. Tais questionamentos e reflexões serão objetos de reflexão e de argumentação a seguir.

CAPÍTULO 3 - AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS PAPÉIS PARA O BIBLIODRAMA

Delimitado o bibliodrama e realizados os recortes teóricos fundamentais da teoria dos papéis, de Moreno, pertinentes às argumentações, alcançamos, enfim, o objetivo final desta pesquisa: refletir sobre a contribuição da teoria dos papéis à prática bibliodramática.

Por ser uma maneira específica de interpretação dos textos sagrados, o bibliodrama impõe uma compreensão hermenêutica coerente com sua proposta, em virtude de sua inspiração na teoria moreniana. Essa hermenêutica deverá ser centrada na ação de caráter interpretativo, ou seja, na dramatização que cada leitor, por meio do grupo, faz das leituras dos textos bíblicos. Diante disso, é preciso delimitar o tipo de hermenêutica compatível com a proposta bibliodramática.

A expressão “o ponto de partida é o vivenciar”⁶⁵ traduz a ideia fundamental diltheyana, que procura sempre a unidade do indivíduo em sua singularidade e sua vida, nas dimensões de sua realidade psíquica, de sua visão de mundo e de seu tempo, ecoando a proposta moreniana de encontro⁶⁶, base da intervenção do psicodrama. Essas considerações permitem afirmar que a ação psicodramática tem como fundamento a vivência no sentido diltheyano. Nesse sentido, Moreno aproxima-se de Dilthey (2008), para quem o conhecimento nas ciências do espírito (nesse caso, o bibliodrama) só se torna possível a partir da compreensão do interior do sujeito por meio de seus “produtos”, isto é, de sua exteriorização.

Desse modo, as técnicas psicodramáticas nada mais são do que instrumentos mobilizadores de vivências, as quais traduzem a interioridade do sujeito na exterioridade. Esse processo possibilita constituir, por meio de um arsenal de recursos técnicos, a interpretação a partir da dramatização: a hermenêutica bibliodramática. Nesse sentido, para articular uma proposta hermenêutica com a prática bibliodramática, por meio das técnicas psicodramáticas⁶⁷, são necessárias algumas reflexões sobre hermenêutica,

⁶⁵ Casanova (2010, p. 11) cita essa expressão como argumento central de todo pensamento diltheyano.

⁶⁶ Encontro é um convite, uma convocação a uma vivência simultânea, apelo à espontaneidade. É uma categoria fundamental que perpassa a obra moreniana em suas fases mística, literária e científica com a técnica de inversão de papéis (GONÇALVES, 1988, p. 52).

⁶⁷ A palavra técnica vem do grego *tékne* que, originalmente, significa arte manual, habilidade para se fazer algo. São principalmente processos de uma arte ou maneira de fazer algo (GONÇALVES, 1993, p. 19).

enfatizando as concepções da hermenêutica psicológica, de Schleiermacher, os argumentos filosóficos para a hermenêutica bíblica, propostos por Ricoeur e Drewemann.

3.1 BIBLIODRAMA: A HERMENÊUTICA PSICOLÓGICA DE SCHLEIERMACHER

Buscando construir normas e regras para a interpretação da Bíblia como forma de manutenção da autoridade da igreja, no século XVII, denominou-se hermenêutica como “o estudo dos princípios metodológicos de interpretação e de explicação, sendo sistema que o intérprete tem para encontrar o significado oculto do texto” (PALMER, 1987, p. 16). Mais tarde, ela foi instituída como uma “ciência geral de interpretação”, ou seja, uma hermenêutica geral, aplicada a qualquer forma do conhecimento. Surgiram, daí, hermenêuticas específicas, a partir das quais os estudos dos princípios gerais de interpretação foram aplicados a diversas formas de conhecimento: jurídico, literário, entre outros. Dessa forma, os objetos de estudos deixam de ser analisados isoladamente e passam a ser abordados como uma interligação entre os autores de cada produto, genuinamente humano (a escrita, a arte), e a época em que são produzidos.

Com o surgimento da teologia, a hermenêutica torna-se intérprete histórica da mensagem bíblica, constituindo um sistema de interpretação do significado do texto sagrado. Desse modo, a hermenêutica evoluiu, deixando de ser uma interpretação literal, crítica e restrita aos escritos do texto, para tornar-se, também, uma possibilidade hermenêutica de busca de sentido não explicitado no texto que necessita ser revelado.

Segundo Palmer (1987, p. 34), “o processo explicativo fornece o palco da compreensão”, mas a busca de significado dos acontecimentos somente se torna válida a partir do contexto em que está inserida. Desde os gregos, já havia “a ideia de que a palavra (idiomática) sempre incorpora a versão ou tradução de algo espiritual (no mais verdadeiro sentido da palavra)”, segundo Grondin (1999, p. 93). Para esse mesmo autor, no século XVIII, ocorreu um importante movimento hermenêutico, influenciado pelo pietismo⁶⁸, designado como universalidade do afetivo: “atrás de cada palavra existe algo íntimo, ou seja, um estado afetivo que busca expressão”. Dessa forma, para entender adequadamente a Sagrada Escritura, é preciso entregar-se ao estado de alma que nela se expressa.

⁶⁸ Pietismo, cujos adeptos são denominados pietistas, tendo como precursor Francke August Hermann (nascido em Lübeck, em 22 de março de 1663 e falecido em Halle-sobre-Saale, em 08 de junho de 1727), foi um movimento missionário protestante iniciado no século XVIII.

Nesse sentido, as concepções de Schleiermacher possibilitam uma nova perspectiva no processo hermenêutico. Segundo Pereira (2012, p. 244), esse filósofo e teólogo relaciona a “arte da interpretação” à unidade entre o conteúdo do texto e o momento histórico de sua produção com a possibilidade da estranheza causada pelo mesmo, abrindo espaço para a subjetividade. Ao construir uma concepção hermenêutica subjetivista e objetiva, o mal-entendido ou estranhamento passa a ser considerado um elemento integrante do ato de compreender, associado às regras e normas da compreensão, as quais são fundamentais à interpretação, impondo a própria natureza do compreender como elemento necessário e imprescindível.

Desenvolve-se, então, uma ciência da interpretação, uma hermenêutica geral, a partir da qual existe uma unidade que permeia todos os textos, exprimindo uma ideia do autor, por meio da linguagem desse momento histórico. Dessa forma, para se compreender essa unidade, isto é, a ideia do texto, faz-se necessário captar o sentimento do autor do texto, no momento em que o produziu, na sua gênese, no seu surgimento.

Para alcançar seus objetivos, Schleiermacher utilizou dois métodos de interpretação de texto: um gramatical (comparativo) e outro psicológico (divinatório). O método psicológico tornou-se a grande contribuição de Schleiermacher, em que a busca pelo fundamento da interpretação encontra-se na individualidade criadora, isto é, “experimentar os processos mentais do autor do texto”, tornando-se uma relação de diálogo:

Compreender é uma operação essencialmente referencial; compreendemos algo quando o comparamos com algo que já conhecemos. Aquilo que compreendemos agrupa-se em unidades sistemáticas, ou círculos compostos por partes. O círculo como um todo define a parte individual, e as partes em conjunto formam o círculo (PALMER, 1987, p. 93).

Há, dessa forma, uma relação dialógica das partes com o todo, em que o todo dá sentido à parte, e a parte dá sentido ao todo: “No diálogo hermenêutico não se impõe a opinião própria sobre a do outro, nem se monologiza, tampouco se agrega a opinião de um à do outro ao modo de soma, mas o dialogar transforma ambos” (ROHDEN, 2002, p. 199). Desse modo, a interpretação ocorre sempre de maneira circular, sendo denominado como o círculo hermenêutico. Por meio dessa ação circular, a hermenêutica psicológica procura a individualidade do autor, em seus aspectos subjetivos e individuais. O intérprete procura colocar-se no lugar do autor, captar sua subjetividade em seu momento criativo e

produtivo. Essa possibilidade advém de um pressuposto básico de Schleiermacher, segundo o qual “toda individualidade é manifestação da vida do ‘todo’ e de que, assim, cada um traz em si mesmo um pouco de cada um” (PEREIRA, 2012, p. 248).

Para Schleiermacher, em 1799, a metafísica e a moral já não mais constituíam a base do fenômeno religioso, ou seja, “a religião não diz respeito ao homem que vive de acordo com uma ideia racional, mas sim que vive, age e sente a sua situação de criatura dependente de Deus” (PALMER, 1987, p. 92). Ao transpor o foco de interpretação na obra do autor, ou nos textos bíblicos da hermenêutica exegética, para centralizá-lo no leitor, isto é, no intérprete, em sintonia com a hermenêutica contemporânea, o ser humano como concreto, existente e atuante, torna-se o centro no processo de compreensão do diálogo, possibilitando à hermenêutica uma especificidade: a hermenêutica bíblica.

3.2 O BIBLIODRAMA E A HERMENÊUTICA BÍBLICA

Segundo Palmer (1969, p. 29), longe de ser um guia informativo ou um texto científico, a Bíblia é uma mensagem que deve ser proclamada, é a história de um povo, a princípio contada oralmente, passando de gerações a gerações, até se tornar a “Sagrada Escritura”. Enfim, trata-se de uma proclamação aos homens na terra, tendo como última referência Deus, Jesus Cristo e Seu Reino:

A Bíblia é, em primeira linha, uma coletânea de antigos textos sagrados do judaísmo e do cristianismo, que podem perfeitamente ser considerados da perspectiva da ciência da religião ou da história da literatura. Eles se tornam Escritura quando são lidos e interpretados como textos que apresentam uma demanda atual ao leitor ou intérprete, que deve receber uma resposta (KÖRTNER, 2009, p. 62).

Para Grondin (1999, p. 114), efetivamente, não basta entender (*intelligere*) ou explicar (*explicare*) o afeto da Escritura. Deve-se também atingir a alma do ouvinte, levando à “transformação moral do crente”. Subjaz a cada palavra, falada ou escrita, algo diverso e pensado, que constitui o alvo específico da interpretação. Ao invés de mediar um sentido ou uma verdade, interessa entender o ato criador, o que o texto tem a dizer.

Se, na hermenêutica exegética, a interpretação está focada na obra do autor ou nos textos bíblicos, na atualidade, o ato hermenêutico centraliza-se no leitor, isto é, no intérprete. Essa dinâmica de interpretação, ou essa busca do significado dentro do contexto

bíblico, necessita ser mediada por uma compreensão da dinâmica psíquica do autor de sua interpretação, que é o sujeito. O sentido existencial do texto deve nortear a compreensão, ou seja, o leitor deve se colocar como contemporâneo desse sentido existencial: o sentido do texto presente no passado torna-se atual para o leitor e, simultaneamente, este mesmo leitor se atualiza no passado: “O ponto de partida para uma interpretação dos textos bíblicos não deve ser procurado no mundo dos fatos exteriores, mas [...] no interior do espaço das experiências de estados da alma (seelische)” (LINN, 1999, p. 168).

Essa dinâmica de interpretação, essa busca do significado no contexto bíblico, ou seja, “a interpretação religiosa do religioso” necessita ser mediada por uma compreensão da dinâmica psíquica do sujeito, que é autor da interpretação. Isso cumpre o pensamento de Drewermann, para quem uma teoria psicológica, capaz de revelar “as camadas mais profundas da alma” é fundamental para a hermenêutica bíblica (LINN, 1999, p. 164).⁶⁹

Drewermann, em toda sua obra, procura demonstrar que a condição do medo humano e a busca pela sua superação constituem o tema essencial da religião. Diante disso, propõe uma hermenêutica que possibilite ao ser humano experimentar a dimensão religiosa: a superação do medo, o encontro consigo mesmo, e, portanto com Deus: “Pessoas que nunca aprenderam a ser elas mesmas e a escutar-se a si mesmas, darão às palavras um sentido diferente do que elas têm, e entenderão as palavras dos outros em sentido diferente do que lhes foi dado” (DREWERMANN, 1989, p. 384).

O mundo bíblico, por meio do estranhamento, das metáforas, das parábolas, mitos e revelações, possibilita um mergulho em cada subjetividade⁷⁰, provocando temas existenciais que mobilizam os participantes do grupo, em suas emoções e vivências mais profundas. Incentivando-se o diálogo com os textos bíblicos, abrem-se questionamentos, fomentando a espiritualidade, a religiosidade na comunidade onde é desenvolvido. Assim, criam-se possibilidades para resgatar a fé e a cumplicidade com a vida religiosa, lançando novo olhar e nova luz na vida das pessoas.

O fundamental para Drewermann, enquanto hermenêutica, não está na superação da distancia histórica dos fatos relatados, mas nas relações emergentes entre o texto sagrado e aquilo que foi despertado em cada sujeito pelas leituras e experiências vividas. A

⁶⁹ Para Drewermann, essa teoria é a psicanálise de Freud e a psicologia profunda de Jung. Nesta pesquisa, propõe-se que o psicodrama de Moreno seja utilizado com os mesmos objetivos.

⁷⁰ Esse mergulho na subjetividade, nesta pesquisa, está sendo proposto no bibliodrama que seja realizado por meio da teoria dos papéis, de Moreno, decorrente da coerência com suas origens psicodramáticas.

interpretação bíblica somente alcançará seus objetivos finais caso seja instrumento de compreensão do humano, de sua existência e de sua relação com o Sagrado: “Tudo o que não seja interpretado e compreendido a partir do interior da alma humana, não liberta nem redime, mas destrói” (DREWERMANN, 1989, p. 368). Se as concepções de Drewermann podem ser úteis para uma hermenêutica bibliodramática, o mesmo ocorre com as de Ricoeur, cuja associação melhor contribui para a necessária argumentação de uma hermenêutica bibliodramática:

O pluralismo de interpretação não constitui um defeito, mas uma riqueza para a hermenêutica bíblica. O caráter inesgotável da mensagem bíblica encontra sua verificação nas ramificações da interpretação. É o momento de lembrar as palavras de Gregório Magno “A Escritura crê com seus leitores”. As barreiras à disseminação encontram-se nesse papel estruturante exercido pela vida comunitária eclesial. Uma comunidade histórica interpreta-se a si mesma interpretando o tesouro de sua escritura sem ser redutíveis a uma unidade, não correm o perigo de uma dispersão infinita (RICOEUR, 2006, p. 99).

Descrevendo os fundamentos e especificidade da hermenêutica bíblica, ou mesmo filosófica, para Ricoeur (1989) a categoria central de toda a argumentação é o “mundo do texto” (a coisa) e “mundo do leitor”, sendo importante tanto a distanciação em relação ao “mundo do texto” (a Bíblia) quanto a apropriação do “mundo do leitor” (subjetividade e interioridade de cada sujeito).

3.2.1 O Bibliodrama e o mundo do texto

Por meio de metáforas, parábolas, relatos ficcionais e provocando estranheza ao mundo de hoje, o “mundo do texto”, Sagrada Escritura, revela a Palavra Sagrada, a nomeação de Deus, a vinda do Seu Filho ao mundo dos homens, possibilitando novos sentidos de existência e novas maneiras de ser-no-mundo e viver na realidade cotidiana. A linguagem religiosa é condição de Revelação e transmissão da Palavra, da mensagem divina àqueles que, por meio da fé e pela interpretação dos textos sagrados, sentem-se mobilizados, tocados e transformados no seu cotidiano:

O mundo bíblico tem aspectos cósmicos – é uma criação –, comunitários – trata-se de um povo –, histórico-culturais – trata-se de Israel, do reino de Deus –, e pessoais. O homem é atingido nas suas múltiplas dimensões que são cosmológicas histórico-mundiais, tanto como antropológicas, éticas e personalistas (RICOEUR, 1989, p. 133).

A linguagem religiosa aponta também a mensagem de liberdade, de esperança em uma hermenêutica da salvação, manifestando-se por meio da vontade e da imaginação do leitor, acolhendo os “figurativos” que sustentam a esperança e os novos sentidos da existência. Dito de outra forma, trata-se de símbolos que afirmam a possibilidade real de o homem tornar-se livre apesar de sua finitude (AMHERDT, 2006, p. 28).

A especificidade da hermenêutica bíblica advém, segundo Ricoeur (2006), do “funcionamento poético do discurso bíblico”, num “dinamismo criativo” no texto-obra e na interpretação imaginativa:

Paul Ricoeur demorou-se menos na gênese e nas condições de produção dos textos dos dois Testamentos do que na sua capacidade ‘poiética [...] de produzir significações novas e a seu valor de ‘revelação’. Como as metáforas e os relatos de ficção, os textos da Escritura têm condição para mudar a realidade porque lhe conferem uma configuração nova e reescrevem através de seus modos de discursos contrastados (AMHERDT, 2006, p. 21).

Fundamental na hermenêutica bíblica, já que seu distanciamento corresponde ao distanciamento que a “coisa” do texto produz na realidade vivida, a imaginação produz uma poética da existência que corresponde à “poética do discurso”, segundo a dimensão temporal própria da estrutura narrativa dos mitos (AMHERDT, 2006, p. 28).

Estabelecendo-se uma distanciação (separação) entre a interioridade do sujeito e a exterioridade do texto, possibilita-se compreender como a ação dramática, no bibliodrama, tem a mesma função da escrita (linguagem) na hermenêutica, já que esta produzirá a mediação entre a humanidade e o mundo, entre os próprios seres humanos e entre o ser humano e ele mesmo. De acordo com Amherdt (2006, p. 30), essa tríplice mediação também é aplicável ao bibliodrama, na medida em que ocorre referencialidade (mediação entre humanidade e mundo), comunicabilidade (entre o sujeito e o outro) e autocompreensão (do sujeito consigo mesmo).

Tais mediações ocorrem por meio da função distanciamento⁷¹, descrita por Ricoeur (1989). Primeiro um distanciamento do autor em relação ao texto. No bibliodrama, esse distanciamento, a partir das leituras específicas, possibilita ao texto ganhar vida própria, tornando-se autônomo, e, tendo vida, passa a ter sentido próprio para cada leitor. Esses leitores, em consonância com o mundo do texto, a princípio utilizam-se dos métodos de interpretação tanto de análise literária quanto histórica, valendo-se, portanto, da conserva cultural. Esses métodos de interpretação só foram possíveis devido ao estabelecimento de uma escrita que perpetuou a “palavra espontânea”, através dos signos e símbolos (conserva cultural), permitindo a interpretação de uma infinidade de leitores, cada um a sua maneira. Dessa forma, apreende-se o real em sua própria significação individual (compreensão de si), como apropriação, através das “projeções de sentido incluídas no texto”.

Mais uma vez, Moreno aproxima-se de Ricoeur ao propor a espontaneidade e a criatividade como categorias fundamentais à ação bibliodramática. Os objetivos somente serão alcançados caso essa ressignificação agregue novos valores existenciais à experiência humana. Mobilizado pela mensagem divina, esse sentido existencial é despertado pela vivência religiosa que emerge do mundo do texto bíblico.

Encontra-se, nesse aspecto, o papel imprescindível do diretor do bibliodrama, que possibilita ao grupo e aos indivíduos manterem-se em sintonia com a fé proferida, em detrimento de uma interpretação desfigurada e sem sentido, de modo que a experiência bibliodramática tenha consonância com a fé propagada e seja coerente com a comunidade em que se encontra inserida.

A ação bibliodramática é concluída quando essas novas experiências, esses ressignificados possibilitam a apropriação do texto, segundo as Escrituras, por meio do momento vivenciado, de modo que seu maior desafio é o ponto em que a liberdade humana choca-se contra o enigma do mal e do fracasso. Nesses momentos, diante das situações limites, como a morte, o sofrimento e a culpa, as experiências vividas tomam dimensões de difícil manejo, com dificuldades de elaboração: “No coração da modernidade corrosiva, o homem é chamado pelo poder transformador dos textos da Revelação, suscitando nele um ato criativo de interpretação e um testemunho novo” (RICOEUR, 2006, p. 2).

Essas significações emergem como representação narrativa metafórica e poder poético, agregando novos sentidos e significados que, implicitamente, estavam no texto.

⁷¹ Ricoeur (1989, p. 109) revela a função primordial e positiva da distanciação para a hermenêutica: “um aspecto fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela (a distanciação) é uma comunicação na e pela distância”.

Trata-se de uma criatividade de sentidos, o “ainda-não-dito” revelado no texto, possibilitando espaço à ação bibliodramática. A partir das metáforas, da narrativa e da imaginação composta de elementos históricos ou fictícios (invenção), em consonância com elementos circunstanciais e contextuais, obtêm-se os elementos necessários à dramatização dos novos sentidos e descobertas existenciais despertadas pela vivência do bibliodrama. Desenvolve-se a ação dramática a partir da mobilização dos papéis do imaginário e do desempenho da realidade suplementar.

Isso só é possível devido à interseção entre o “mundo do texto” e o “mundo do leitor”: dramatizando-se novos sentidos bíblicos, constrói-se uma identidade dinâmica do texto, desenvolve-se o que é revelado e comunicado, indo além da significação interna do texto, isto é, projetando um novo horizonte a partir da vivência bibliodramática.

3.2.2 O Bibliodrama e o mundo do leitor

O conhecimento bíblico não deve restringir-se à escrita, à linguagem explícita. Antes, ele deve atingir a realidade de que fala o texto. Segundo Ricoeur (2006), a linguagem religiosa da Bíblia é uma linguagem que visa a uma realidade transcendente e que, simultaneamente, desperta a pessoa humana para uma dimensão profunda de seu ser. Dessa forma, manifestar as possibilidades de ser-no-mundo e ser-no-tempo como essenciais ao homem torna-se o fundamento da hermenêutica bíblica.

Projetando, diante do leitor, um mundo novo, um ser novo, um novo nascimento, o Reino de Deus de que fala a Revelação é capaz de transformar a existência subjetiva do leitor na profundidade do seu ser, refigurando o sentido da história humana e a realidade. O mundo objetivo do texto, objeto de compreensão, passa a ser dramatizado, dando vida e novos sentidos aos personagens bíblicos, aos objetos inanimados que adquirem vida e voz, transformando-se em mensageiros capazes de revelar a mensagem divina implícita.

Em contrapartida, para que haja fidelidade ao texto bíblico, faz-se necessário reencontrar a realidade da fé, que exprime e religa a vivência bibliodramática à experiência religiosa dos fiéis, ao seu mundo vivido:

Nenhum ato interpretativo, seja qual for, pode abstrair a subjetividade do intérprete. É sempre de alguma parte que se eleva a interpretação, e Ricoeur faz, pois, a aposta do sentido e da fé. Adotando a postura de crente, insere-se na comunidade que confessa sua dependência para com a anterioridade de uma palavra da qual as Escrituras, consideradas como canônicas, levam o traço autêntico (primeira etapa: pré-compreensão). É essa relação com a Comunidade de leitura e de interpretação constitui, aliás, um dos traços que especificam os relatos bíblicos com relação aos relatos profanos (AMHERDT, 2006, p. 52).

Dessa maneira, para que o leitor aproprie-se do mundo do texto, Ricoeur (2006) concebe o arco hermenêutico que, no bibliodrama, ganha novos contornos. Primeiro, por meio da leitura, com uma série de procedimentos explicativos dos elementos constitutivos do texto, a partir de métodos históricos, críticos, são explicitadas as possibilidades de dramatização, ocorrendo a apreensão do texto como um todo, uma pré-compreensão; essa primeira etapa bibliodramática é também denominada aquecimento. Em seguida, desenvolve-se a dramatização, explicitando-se, neste momento, a importância da teoria dos papéis; o mundo do leitor será revelado por meio dos papéis desempenhados no aqui-e-agora vivencial. No desenrolar da dramatização, por meio dos papéis que emergem, cada sujeito tem acesso à sua interioridade: sua subjetividade exterioriza-se. Enfim, o arco conclui-se com uma nova apreensão “em imaginação e simpatia” do texto como um todo (compreensão) que permite a transferência do mundo do texto ao mundo do leitor (apropriação):

A nova compreensão de si implica que o sujeito consinta em desapropriar-se dele mesmo a fim de deixar-se tornar pela novas possibilidade de ser-no-mundo destacada pelo texto. É então que a poética do discurso pode provocar uma poética da existência no momento de decisão própria da vontade (AMHERDT, 2006, p. 54).

Tendo como fundamental importância a teoria dos papéis, de Moreno, no bibliodrama, esse mundo do leitor necessita ser compreendido, em sua subjetividade⁷², a partir de três vertentes: a primeira é referente ao bibliodramatista; a segunda, ao mundo relativo a cada sujeito do grupo; e a terceira, pelo grupo como um todo.

Desse modo, embora cada leitor possa enriquecer sua própria apreensão do real e sua própria compreensão de si com as projeções de sentido incluídas no texto (categoria

⁷² A importância de se considerarem os aspectos subjetivos e psicológicos na interpretação ecoam nas propostas hermenêuticas de Schleiermacher, Dilthey, Ricoeur, Drewermann, Körtner, citados ao longo desta pesquisa.

de apropriação), o sentido do texto não pode ser plenamente dado se não for atualizado na vida dos autores que dele se apropriam. A partir dessa apropriação, esses leitores são chamados a destacar os novos sentidos do texto, num fenômeno de inovação semântica de criatividade, pelo qual o não-ainda-dito surge na linguagem. Como já se afirmou, para se fazer uma abordagem coerente com toda a teoria que sustenta a prática bibliodramática, torna-se fundamental a compreensão da subjetividade dos participantes que se submetem à vivência bibliodramática. Isso significa que, por meio dos papéis (psicossomáticos do imaginário e os papéis sociais e a realidade suplementar), chega-se ao eu do sujeito que emerge com a aplicação das técnicas psicodramáticas.

3.3 BIBLIODRAMA: UMA HERMENÊUTICA DRAMATIZADA

Por sua especificidade de se posicionar e de atuar de uma nova maneira hermenêutica, o bibliodrama possibilita um encontro com os textos sagrados como uma “arte de interpretação”:

Assim, o monopólio quase absoluto dos métodos histórico-críticos teve que recuar há alguns anos pela emergência de novas abordagens oriundas seja da análise literária (retórica, narrativa e semiótica), seja das ciências humanas (sociologia, antropologia cultural, psicologia, psicanálise) seja de contextos particulares (liberacionista e feminista) (AMHERDT, 2006 p. 15).

O bibliodrama consiste numa dessas novas abordagens, tendo, como ponto de partida e meio necessário para sua possibilidade, a visão moreniana do homem como ser cósmico, espontâneo, histórico e social. Resultado de sua experiência psicológica e vivencial, em sintonia com as ideias de Ricoeur e de Drewermann, esse sujeito insere-se no mundo pelo do encontro, na hermenêutica bíblica, revalidando a prática bibliodramática. Ricoeur enfatiza o “funcionamento poético do discurso”, no texto bíblico, bem como seu dinamismo criativo (metáfora, narrativa) e a importância da imaginação na interpretação:

Julgamos que Paul Ricoeur pode ser um dos pensadores graças aos quais, no coração da modernidade corrosiva, o homem é chamado de novo pelo poder transformador dos textos da Revelação, suscitando nele um ato criativo de interpretação e um testemunho novo (AMHERDT, 2006, p. 23).

A interpretação, entretanto, “só está acabada se dá origem a experiências segundo as Escrituras” (RICOEUR, 2006, p. 23), o que aponta para o mesmo instrumento presente na ação bibliodramática: a experiência vivida ou vivência, aproximando a categoria vivência (*Erlebnis*), de Dilthey, e a categoria encontro (*Begegnung*), de Moreno.

Vivência, no sentido diltheyano, tem a conotação de captar a vida, dando-lhe sentido. Moreno, com seu “convite ao encontro”, espera possibilitar aos homens o resgate da vida em sua plenitude, ressaltando, para isso, as condições necessárias ao êxito de sua proposta e descrevendo a espontaneidade como fundamento de toda a ação humana, em busca de sua felicidade perdida, ao longo da existência. Apesar de tal espontaneidade, vista como liberdade, constituir um dos fundamentos de toda a “experiência vivida”, essa espontaneidade/liberdade evidencia-se, para Dilthey, por meio da criatividade, que produzirá a manifestação (produto) da vivência à qual teremos acesso:

Na vivência cooperam conjuntamente os processos de todo o ânimo. Nela é-nos dada a conexão, enquanto os sentidos oferecem apenas uma multiplicidade de particularidades. O processo individual é sustentado na vivência pela totalidade integral da vida anímica, e a conexão em que se encontra em si e com a totalidade da vida anímica pertence à experiência imediata. Isso determina já a natureza da compreensão de nós mesmos e dos outros (DILTHEY, 2008, p. 48).

A vivência pode ser concebida como uma categoria epistemológica fundamental por conter todas as categorias teóricas do conhecimento como objetivação da realidade: “todas as formas de realidade objetiva fazem parte das vivências por constituição [...]. O que é real é vivenciado e o que é vivenciado é real” (AMARAL, 2004, p. 53).

Desse modo, vivência pode ser compreendida como a própria vida representada em sua menor dimensão, captada em sua essência, apreendida em suas proporções mais reduzidas, sendo a menor representação fidedigna da vida. Ao mesmo tempo em que representa a vida, em sua menor manifestação, a vivência é a maior prova da própria vida, o último fundamento do conhecimento, a última forma do pensamento, para além da qual não se pode conhecer. Por se tratar da vida em sua forma diminuta de expressão, não se tem mais acesso além da vivência, constituindo-se, assim, o critério último da consciência.

Tal como o encontro, a vivência, também denominada experiência vivida (*lived-experience*), caracteriza-se tanto pelo aspecto unificador quanto pela criatividade e produtividade, revelando-se como unidade do tempo vivido, no aqui-e-agora da vida cotidiana. Na fluidez e continuidade da vida, a vivência capta o mundo em uma condição

de singularidade e unicidade, ou seja, a vivência vivida como espontaneidade/liberdade manifesta-se na exterioridade, por meio da criatividade, resultando em produção de algo novo e próprio de cada sujeito e de cada vivência. Por meio da criatividade e da produtividade, a vivência manifesta-se na realidade exterior.

Daí, compreendida como uma produção cultural ou uma conserva cultural⁷³, em termos morenianos, a Bíblia torna-se o produto passível de compreensão do ser humano em sua dimensão enquanto ser-no-mundo, configurando-se bibliodrama como uma hermenêutica da ação, isto é, uma hermenêutica dramatizada⁷⁴.

Nesse sentido, vivência, espontaneidade, criatividade, expressão, compreensão e revisão de valores e de novos sentidos possibilitam a articulação da vida e da vivência bibliodramática: “A imanência viva da vida tende a traduzir-se na imanência dos bens culturais”⁷⁵ (DREHER, 2013), e somente através da exteriorização das expressões vividas é possível compreender a vivência de cada sujeito.

Em seu método psicodramático, Moreno cria possibilidade para que a experiência vivida (*lived-experience*) aconteça, isto é, que essa exteriorização tenha forma e conteúdo. Após o distanciamento, por meio da leitura, dos textos sagrados, do reconhecimento do texto, dos personagens, das mensagens e dos valores espirituais e de fé, pode-se conhecer essa experiência, refletir e re-elaborar os sentidos e os valores. Mobilizando emoções, afetos e demais sentimentos, a partir da dramatização, essa experiência vivida possibilita, além da apropriação do texto, experiências-limite (morte, sofrimento, culpabilidade e o ódio), isto é, mobiliza os sujeitos em toda a sua dimensão, tornando-os capazes de produzir sentimentos de difícil conscientização e geradores de maiores angústias:

⁷³ A “produção cultural” e a “conserva cultural” traduzem a complementaridade das ideias de Moreno e Dilthey como fundamento desta pesquisa.

⁷⁴ Ricoeur (2011, p. 137) denomina de “hermenêutica das profundezas” a utilização da psicanálise como instrumento hermenêutico na qual a compreensão do sentido se faz por meio da reconstrução de cenas primitivas relacionadas à transferência e cenas de ordem sintomáticas. Nesta pesquisa, a utilização dos conceitos psicodramáticos aproxima-se de tais concepções de Ricoeur.

⁷⁵ Essa citação (DREHER, 2013) aproxima mais uma vez as concepções teóricas de Dilthey e de Moreno, cujo esclarecimento será retomado ao longo do texto.

Falar de experiências-limites é falar de nossa experiência [...] a linguagem religiosa, como toda linguagem poética, no sentido mais forte do termo, redescreve a experiência humana. [...] Neste sentido devemos dizer que o referente último das parábolas, provérbios e dizeres escatológicos não é o reino de Deus, mas a realidade humana em sua totalidade. [...] é ali que reside a inabalável verdade da interpretação existencial do Novo Testamento. A linguagem religiosa revela a dimensão religiosa da experiência humana comum (RICOEUR, 2006, p. 208).

Todas essas vivências desenrolam-se na dramatização, caracterizando uma forma específica de hermenêutica bíblica, em virtude de o processo hermenêutico efetivar-se por meio da ação. No manejo de técnicas psicodramáticas, efetiva-se a vivência do bibliodrama, incentivando cada participante a colocar-se no lugar do outro, realizando o encontro com os textos sagrados, vivenciado e evocando a história do sujeito. Presente, passado e futuro entrelaçam-se no aqui-e-agora, tal qual efeito dominó, isto é, as lembranças evocadas resgatam todas as demais lembranças vividas e revividas.

Nesse entrelaçamento, a realidade suplementar ganha maior dimensão, aproximando-se da importância que Ricoeur atribui à imaginação como fundamento para a hermenêutica. Ao longo da história individual e coletiva, a vivência possibilita a catarse de integração, na medida em que, quando o vivido ganha novos significados, a vida pode ser vista sob novas perspectivas, concretizando-se o processo hermenêutico bibliodramático.

3.4 INSTRUMENTALIZAÇÃO DE PAPÉIS MORENIANOS: AS TÉCNICAS PSICODRAMÁTICAS

O reconhecimento e manejo das técnicas psicodramáticas por parte do diretor/coordenador do bibliodrama possibilitam a dimensão e a orientação de sua função, ao longo do desenvolvimento de seu papel, no aqui-e-agora do grupo. Ao descrever a formação da matriz da identidade⁷⁶, Moreno aponta também as fases e os mecanismos apresentados ao longo do desenvolvimento humano. O reconhecimento desses mecanismos, posteriormente, facilita o manejo de técnicas de intervenção dramática, em busca dos objetivos finais de todo o processo.

A utilização da técnica do duplo e do espelho, no desenrolar da vivência bibliodramática, possibilita mobilizar os aspectos mais primitivos da subjetividade, já

⁷⁶ Segundo Moreno (1978, p. 114-115), matriz de identidade é a placenta social da criança, o lócus em que mergulha suas raízes. Proporciona ao bebê humano segurança, orientação e guia.

que sua aplicabilidade promove o resgate mais profundo da espontaneidade e da criatividade. Essa técnica remete à fase do duplo, ou momento de indiferenciação da matriz de identidade. Bebê e mãe constituem um só mundo, podendo-se dizer que é a fase do eu – eu, em que se impõe a necessidade de ser cuidado pelo outro.

Em seguida, após o início do reconhecimento do eu, inicia-se a fase do espelho, à qual remete o manejo da técnica do espelho. Dando início ao reconhecimento de sua existência, o bebê passa a ter dimensão de ser um eu. Nessa fase, estão momentos de grande significado e restauradores de sentido, já que reviver sentimentos profundos da existência, resgatados pelo sentido bíblico do aqui-e-agora grupal faz com que a experiência tenha um sentimento de revelação e consolidação de fé. Na sequência do desenvolvimento psíquico, o momento do reconhecimento da mãe ou da função materna torna-se possível ao sujeito: a mãe passa a ser percebida não mais como sendo ele; ele passa a ter a dimensão do outro. É a fase do eu – eu, seguida do reconhecimento do ele.

Chega-se à fase de inversão de papéis. A criança adquire a capacidade de tomar determinados papéis e desenvolver a habilidade de trocar de papel seja com a mãe, seja com as outras pessoas de seu átomo social. Ela se torna capaz, inicialmente, de tomar os papéis, isto é, de imitá-los, para, em seguida, ser capaz de jogá-los. Passa a não só imitar, mas também a criar algo, a acrescentar aspectos de si na construção do papel. Por fim, passa a inverter os papéis e se colocar no lugar do outro, adquirindo a capacidade de socialização. Em contrapartida, essa socialização desenvolve-se a partir da conservação cultural na constituição dos diversos papéis que passam a ser desempenhados.

Dessa forma, por meio do manejo das técnicas psicodramáticas, é possível viver o papel de quaisquer personagens bíblicos: Deus torna-se presente no aqui-e-agora vivencial; Adão e Eva presentificam-se; o manto de Elias, as redes de pesca de Pedro⁷⁷, as árvores e o riacho ganham voz e vida. Desempenhando papéis sociais, invertendo papéis, isto é, sendo capaz de se colocar no lugar de Cristo crucificado, da cruz, da serpente, ou quaisquer personagens e elementos bíblicos, cada participante atualiza e contextualiza o vivenciado no aqui-e-agora. Cria-se a possibilidade de atualização dos textos bíblicos, desenvolvendo-se capacidade de crítica e de reflexão atualizada dos sentidos e significados mobilizados, num momento de apropriação do mundo do texto:

⁷⁷ Em seu Manual de Bibliodrama, Carvalho (2002) aponta algumas técnicas específicas ao Bibliodrama, entre as quais destacam-se: a) Lembrando o passado (os reis magos depois de muitos anos que voltaram para casa); b) Entrevista com objetos (a vara de Arão, a arca de Noé); c) Entrevistas com animais (os bichos da arca de Noé, o burro de Balaão).

Assim, a trajetória de sentido do mundo do texto só termina quando encontra o mundo do leitor e o refigura. Esse entrecruzamento sucede no ato de leitura pelo qual o intérprete atualiza as diversas figuras de si projetadas pelo texto. A apropriação autêntica exige do Leitor um descrentamento de sua subjetividade finita a fim de que possa receber do texto uma compreensão de si mais ampla [...] O sentido do texto só pode ser dado plenamente se for atualizado na vivência dos leitores que dele se apropriam (AMHERDT, 2006, p. 54).

A partir daí, desenvolve-se o compartilhar das emoções vividas e das percepções. Essas reflexões, por meio das mensagens bíblicas da fé, intensificam a percepção de si, do outro e da vida como um todo. No aqui-e-agora, algo da vida é revivido, seguindo o próprio modelo da vida, tal qual Moreno o concebeu.

3.4.1 O desempenho de papéis: o resgate da espontaneidade

Com o objetivo de capacitar o bibliodramatista no desempenho de sua tarefa, torna-se importante o conhecimento das maneiras como poderá facilitar o manejo e a mobilização dos diversos papéis, possibilitando o resgate da espontaneidade e da criatividade. Caso essa habilidade não seja bem desenvolvida, sua capacidade de promover a vivência torna-se comprometida. Sem a criatividade e a espontaneidade, não acontece uma apropriação vivencial, isto é, a vivência não terá o sentido que Dilthey define como fundamental às “ciências do espírito” (bibliodrama).

De acordo com a espontaneidade e a criatividade empregada, o processo de desenvolvimento de um novo papel possibilita que o desempenho de papéis se desenvolva de três modos distintos: tomar o papel (*Role-taking*); criar o papel (*Role-creating*); jogar o papel (*Role-playing*). Deve-se ressaltar que essas fases do processo bibliodramático podem acontecer de maneira sequencial ou aleatória, tendo como objetivo final fazer desdobramento de cenas, em busca da catarse de integração e do resgate da espontaneidade e da criatividade.

O primeiro modo, tomar o papel (*Role-taking*), ou adotar um papel, consiste simplesmente na imitação, na reprodução do modelo já existente, não possibilitando nenhum grau de liberdade para representar o papel, na medida em que deve ser representado por inteiro, sem variação e o mais fidedigno possível. Um exemplo é tomar o papel de Moisés e representá-lo tal qual está no texto bíblico.

O segundo, criar o papel (*Role-creating*), ou desempenhar o papel, consiste na criação livre e espontânea, sem estar preso ao modelo. Quando Carvalho (2002) sugere como uma das técnicas específicas do bibliodrama entrevistar pessoas (Maria, José, Batsebá), objetos (espada de Golias, manjedoura), animais (serpente, bichos da arca de Noé), ela está propondo criar papéis por meio da fantasia e da imaginação⁷⁸.

O terceiro modo, jogar o papel (*Role-playing*), consiste em desempenhá-lo de maneira simbólica, no “como se”, explorando as diversas possibilidades de efetivá-lo e concretizá-lo no real. Envolve o reconhecimento e a percepção do modelo, com posturas de respostas criativas e espontâneas no desempenho do jogo, resultando na dramatização de um novo papel. Essa dramatização é a resposta a essa aptidão de desempenho, desenvolvida e mobilizada pela vivência bibliodramática.

Explicitando como se desenvolve um *role-playing*, toma-se emprestado o exemplo de Roesse (2007), da parábola da dracma perdida, descrita na primeira seção deste estudo. Na experiência vivencial do jogo bibliodramático, trazendo à cena os personagens envolvidos (Marta, Maria, Jesus), solicita-se aos membros do grupo que invertam os papéis, criando novas falas e atualizando as falas no cotidiano de cada um.

Um quarto modo, deixar o papel, (*De-Roling*), especificamente do bibliodrama, etapa sugerida por Pitzele (1998), consiste em favorecer ao grupo o retorno à realidade e ao distanciamento do mundo do texto. Trata-se do momento final da apropriação.

Essas possibilidades de jogar com os papéis devem nortear as posturas do diretor no desenvolvimento do ato bibliodramático. A partir do aqui-e-agora da cena, em busca do *status nascendi*⁷⁹, pesquisa-se a cadeia associativa dos papéis reeditados. Os diversos papéis sociais revelados pelos cachos de papéis que se encontram inseridos transformam-se em cena, nos *clusters* de papéis psicológicos. Na busca do desvelamento dos papéis imaginários conservados no sujeito, através da espontaneidade e da criatividade mobilizada, resulta a catarse de integração do protagonista e do grupo. Tais ideias são compartilhadas pela concepção diltheyana: “Completamos a percepção interna mediante a apreensão de outras pessoas. Apreendemos o seu íntimo. Tal acontece graças a um processo espiritual que equivale a um raciocínio por analogia” (DILTHEY, 2008, p. 80).

⁷⁸ No *role-creating* encontra-se presente a força da realidade suplementar, que produz a condição de possibilidade para o desempenho dos papéis criados. Aqui, a espontaneidade e a criatividade manifestam-se com todo seu vigor. Merece destaque, também, a força da imaginação no processo hermenêutico, tal qual propõe Ricoeur, segundo Amherdt (2006).

⁷⁹ *Status nascendi* é, segundo Moreno (1978, p. 86), o momento primário da criação.

O desvelamento do papel psicológico e imaginário, por intermédio do papel social, resgata a espontaneidade e a criatividade, tornando-as necessárias aos novos papéis sociais, dentro e fora da experiência grupal:

No imaginário os papéis, alienados do Drama, funcionam como máscaras que camufla a trama inconsciente [na medida em que os papéis originais encontram-se condensados com os papéis mais atuais, repetindo o Drama num deslocamento espaço-temporal] (NAFFAH NETO, 1980, p. 77).

Fundamental para esse jogo de papéis é a descrição e análise do papel, sendo esta não só a identificação dos diversos setores de funcionamento, mas também a conduta adotada pelo sujeito, significativa em sua existência. Tudo isso revela não só a maneira como o indivíduo vai construindo sua realidade, mas também os vínculos que estabelece ao longo da vida, enfatizando sua dimensão social.

Por meio da dimensão cultural específica (conserva cultural) que esses papéis denunciam, as descrições de papéis tanto auxiliam na compreensão do sujeito e de seus vínculos com o grupo social a que pertence, quanto possibilitam a leitura e revelam dados que fornecerão pistas para o desempenho de diversos outros papéis.

Vale ressaltar que o advento da neurociência aponta para a necessidade de compreensão do comportamento humano, incluindo sua vertente biológica, de forma que não se pode mais pensar na subjetividade sem o substrato neurológico. Nesse sentido, o reconhecimento das implicações dos papéis psicossomáticos na estrutura psíquica e relacional do sujeito favorece a percepção da totalidade (corpo/mente) do indivíduo e suas consequências nas interações com os demais papéis.

Compreender o desenvolvimento dos papéis psicológicos possibilita conhecer os mecanismos pelos quais o sujeito cria sua capacidade de fantasiar, de inovar e de viver tantos personagens quanto sua espontaneidade possibilitar. O surgimento da brecha entre a realidade e a fantasia abre espaço para o imaginário, dando vazão aos sonhos e devaneios, fundamentais no resgate da criatividade e espontaneidade. Dando vida aos diversos personagens das inúmeras histórias ouvidas, contadas e inventadas, o sujeito afasta-se de uma realidade, muitas vezes hostil, vive um mundo irreal e fantasioso, mas capaz de preencher suas expectativas, suprir suas necessidades afetivas e socorrer seus impulsos e instintos. A realidade suplementar preenche a lacuna das emoções não

vividas, dos desejos não realizados, das frustrações ocorridas, cumprindo uma importante tarefa: abre espaço para viver aquilo que não obteve vida na história do sujeito.

Desse modo, a partir do imaginário, uma nova história é construída, antigos desejos são experienciados, novas esperanças são resgatadas, enfim novos fatos são acrescentados a uma velha história. Ao alcançar o desenvolvimento dos papéis sociais, o sujeito constrói sua capacidade de reconhecer o outro, atribuir-lhe diversas funções, identificar os significados e a importância desse outro em sua existência. Os papéis sociais constituem os vínculos relacionais, estabelecendo as pontes necessárias à construção das redes afetivas, nas quais o sujeito encontrará sentido de vida. Novos papéis podem ser criados, a partir dos modelos experienciados, podendo-se jogar com outros papéis, isto é, relacionar-se com eles de maneira diversificada e original.

Invertendo-se os papéis, colocando-se no lugar do outro⁸⁰, ganha nova dimensão a compreensão dos seus semelhantes, das diversidades da vida, das diferenças sociais, das injustiças e do sofrimento humano. O que é vivido, experimentado e sentido torna-se algo de maior significação, já que é em si mesmo que ocorre a vida e não nos outros, como se não fizesse parte da própria vida.

Em virtude do entrelaçamento dos três papéis (psicossomáticos, psicológicos e sociais), eles não são categorias estanques, fixas, desenvolvidas pelo sujeito, embora os papéis sociais sejam a exteriorização dos demais, contendo em si as características dos outros. Os papéis manifestam-se, acima de tudo, pela fluidez de energia, pelo dinamismo, pelas etapas do desenvolvimento psíquico.

Cada etapa do desenvolvimento dos papéis abarca a outra e traz em si mesma as mesmas condições e características da anterior. Constituem um uno, que pode ser definido como a personalidade do sujeito, na medida em que cristalizam em produtos dessa personificação e socialização, definidos por Moreno, como conservas culturais. As devidas compreensões das relações criam possibilidade de contato com o próximo, em seus aspectos psicológicos e sua maneira de se colocar no universo (cosmo):

⁸⁰ Essa capacidade de conhecer o outro a partir de si mesmo está explicitada na afirmação de Dilthey (2008, p. 80): “Completamos a percepção interna mediante a apreensão e outras pessoas. Apreendemos o seu íntimo. Tal acontece graças a um processo espiritual que equivale a um raciocínio por analogia”.

É dentro desta visão global que o homem forma a personalidade na matriz de identidade, relaciona-se por meio de papéis, faz vínculos télicos-transferenciais, tem ou não encontros e libera espontaneidade em seus momentos de criatividade [...] Abrir canais de espontaneidade é a meta principal do psicodramatista (FONSECA, 2000, p. 117).

Por outro lado, essa completude alcançada ao longo do desenvolvimento psíquico não é livre de tensões. Pelo contrário, existem cristalizações na ausência de encontros, na perda da espontaneidade e na ausência de criatividade. Dessa forma, algo será barrado, impedido de circular, criando sentimentos de inadequação, estranhamento, insegurança, instalando-se o sofrimento psíquico. Apesar da percepção do sofrimento, não se tem a compreensão de como ele ocorre, dos sentimentos envolvidos e do seu sentido.

A perda de sentido, os conflitos psíquicos instalados nas relações afetivas e existenciais tornam-se objeto de intervenção e foco de atenção da proposta do bibliodrama, de modo que a vivência bibliodramática aproxima-se, significativamente, das afirmações de Dilthey a respeito das experiências vividas:

As experiências ensinam àquele que cresce a ponderar entre si de modo mais correto os valores vitais, relações firmes das determinações axiológicas suscitam a unidade do ideal de vida, que dimana das profundezas da individualidade (DILTHEY, 2008, p. 103).

No transcorrer das vivências bibliodramáticas, emerge a tarefa da hermenêutica bíblica, tanto na dificuldade da abordagem, elaboração, superação e decifração das experiências-limites da vida humana⁸¹, como sofrimento, morte, luta e culpabilidade, quanto no despertar de sentimentos como esperança, renovação, nascimento e transformação. Eis algumas reflexões a que conduz a prática bibliodramática.

3.5 REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DO BIBLIODRAMA E AS CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DOS PAPÉIS

Todas essas reflexões, até o momento, conduzem à tentativa de evidenciar a contribuição que a teoria dos papéis, de Moreno, agregam à prática do bibliodrama. Ao associar as propostas de Drewermann e Ricoeur para a hermenêutica bíblica, bem como a visão filosófica de Dilthey para as chamadas ciências do espírito, com a prática

⁸¹ As experiências-limite correspondem às expressões-limite do discurso religioso. Segundo Ricoeur (2006, p. 137-138; p. 193-221), são expressões da linguagem religiosa reveladoras da experiência humana comum.

construída por Moreno, pretende-se ressaltar como fundamento desse processo a possibilidade de compreensão do homem dentro dessa prática.

Dilthey orienta a utilizar como fundamento de toda a compreensão do objeto de estudo das ciências do espírito a Psicologia. Ou seja, a visão psicológica do homem torna-se imprescindível quando esse mesmo homem torna-se foco de estudo e de conhecimento. Avançando na proposta de utilizar os referenciais psicodramáticos como instrumentos para uma hermenêutica bíblica, as propostas de Paul Ricoeur possibilitam a ponte necessária para a prática bibliodramática.

Ao descrever a importância da distanciação⁸² como fundamento da hermenêutica, o presente trabalho cria condições de compreensão da ação bibliodramática. O processo de aquecimento (leitura do texto sagrado, possíveis reflexões) constrói a distância necessária às escolhas de determinados papéis desempenhados. O estranhamento⁸³ em relação a determinados personagens, aos objetos que constituem o cenário e o contexto em que determinada passagem bíblica se desenvolve serão retomados na cena dramática.

Torna-se, assim, explícita a contribuição da teoria dos papéis. Como afirma Dilthey (2008), as vivências somente serão abordadas a partir de sua exteriorização, ou seja, o interno exterioriza-se. Na visão moreniana, essa exteriorização efetua-se através dos papéis desempenhados seja na vida do sujeito, seja no desenrolar da vivência bibliodramática, mantendo-se as categorias vivenciais de espontaneidade e criatividade.

O manejo dos papéis vividos e dramatizados possibilitará, a partir do distanciamento, a elaboração do mundo do texto, fazendo-o aproximar-se do mundo do leitor, através da dramatização. Viver os diversos papéis, criar novos personagens, refazer a história contida no texto bíblico, tudo isso possibilita a apropriação das mensagens e revelações contidas nas Sagradas Escrituras. Tal proposta aproxima-se da hermenêutica de Schleiermacher, segundo Yazbek (2010)⁸⁴: “a compreensão se move em

⁸²Segundo Laplanche e Pontalis, (1985, p. 195), o conceito psicanalítico de egodistônico foi utilizado em contraponto ao conceito de egossintônico: “contrapõe as tendências ego-syntonic e ego-dystonic consoante ou não “de harmonia, compatíveis, coerentes com as normas do si - próprio (self)”. Greenson, (1981, p. 104) também descreve que as intervenções psicológicas somente serão possíveis de ser utilizadas pelo sujeito, caso o conteúdo daquilo que esteja sendo comunicado for egodistônico. Tal conceituação também poderá ser aplicada à prática do bibliodrama. As vivências na ação bibliodramática pela ação dramática, a princípio, serão egossintônicas. Após a apropriação do texto, deverão ser transformadas em egodistônica.

⁸³ Gross (2010, p. 50) aponta que “uma perspectiva hermenêutica implica num exercício filosófico sobre religião que reclama atenção para o inaudito, o ilógico e o absurdo”.

⁸⁴Yazbek, (2010, p. 9), ao abordar apontamentos elementares acerca da hermenêutica de Friedrich Schleiermacher, abre espaço para nos aproximarmos da proposta hermenêutica bibliodramática, ao afirmar que, além das linguagens orais e escritas, as diversas maneiras de expressão humana, como gestos e ações, são passíveis de interpretação.

todos os planos referentes à inter-expressividade dos sujeitos (em última instância, pode haver uma compreensão dos gestos, dos atos etc.)”.

A aplicabilidade da dramatização como vivência produtora de desdobramentos de novas cenas, nas perspectivas de elaboração de visão do mundo do texto bíblico promove possibilidades de encontro com a mensagem de Deus aos homens. Dada a possibilidade de criar, jogar e inverter os papéis, a apropriação da “coisa” do texto ganha novas dimensões. Essa é a grande contribuição à hermenêutica bíblica da aplicação da teoria moreniana à prática do bibliodrama:

Se a ficção é uma dimensão fundamental da referência ao texto, ela não é menos uma dimensão fundamental da subjetividade do leitor. Leitor, eu só me encontro quando me perco. A leitura introduz-se nas variações imaginativas do ego. A metamorfose do mundo, segundo o jogo, é também a metamorfose lúdica do ego (RICOEUR, 1989, p. 124).

Tal qual o distanciamento, a partir da leitura, segundo Ricoeur, a imaginação, a ficção e o jogo também têm sua importância na hermenêutica. Em se tratando de bibliodrama, essa possibilidade de utilização do jogo e de toda a capacidade criativa e imaginária torna-se imprescindível.

Em se tratando do bibliodrama, pode-se atribuir à dramatização, como recurso hermenêutico, as mesmas características da leitura: o que a leitura é para a hermenêutica, em geral, a dramatização é para a hermenêutica bibliodramática. Como exemplo, podem-se citar os espaços em branco, descritos por Pitzele. As entrelinhas da Bíblia, o não-dito passa a ter valor e transforma-se em novos horizontes do texto. A realidade suplementar, mobilizada pelo bibliodramatista, promove a concretização da imaginação, da fantasia e do jogo dramático. Os papéis vivenciados produzem novos significados e novos sentidos para a existência vivida e experimentada no aqui-e-agora grupal.

Retomando as ideias de Drewermann, os símbolos, os mitos, os sonhos e os ritos presentes nos textos religiosos constituem, também, a dimensão psíquica do sujeito, traduzindo as expressões de suas angústias, seus medos, seus conflitos existenciais. Daí a instrumentalização dos saberes psicológicos, a partir das técnicas psicodramáticas como integrantes do processo hermenêutico bibliodramático. A partir daí, torna-se fundamental alcançar, além dos relatos históricos, os aspectos religiosos (o sentido existencial), que não se encontram presentes na distância da historicidade, mas no autoconhecimento despertado pela interpretação, por meio da sincronicidade, simultaneidade (*Gleichzeitigkeit*) com o

momento da interpretação. Esse autoconhecimento transforma-se e agrega-se à subjetividade, e o bibliodrama alcança seus objetivos.

Chega-se, então, ao final de todo o processo bibliodramático. O bibliodramatista tem como último compromisso promover o desligar-se da vivência experienciada, ser o facilitador do retorno à realidade de cada participante, levando cada qual a reassumir a subjetividade e os novos sentidos e ressignificados emergidos no bibliodrama.

3.6 O PAPEL DO BIBLIODRAMATISTA COMO HERMENEUTA

Diante de todas essas complexidades, um bibliodramatista deve ter profundo conhecimento do sentido e das mensagens bíblicas, ser crente da Bíblia e agregar a essa crença os princípios norteadores da prática psicodramática. Esse treinamento necessita ser contextualizado e bem delimitado, para não correr o risco de, ao propor um bibliodrama, transformar essa vivência em investigação de problemas pessoais:

Não estamos buscando a história pessoal de cada um no sentido terapêutico ou como surge no Psicodrama. Claro que cada pessoa vai contribuir ao papel com elementos de sua vivência, mas não estamos investigando a vida pessoal dos participantes. Estamos investigando o texto bíblico através da dramatização de suas histórias, investigando papéis bíblicos, e procurando novas formas de entender a Bíblia (CARVALHO, 2002, p. 9).

Usando como subtítulo do seu livro “a arte de interpretar os textos sagrados”, Roese (2007, p. 44) enfatiza a função hermenêutica do bibliodrama:

O bibliodrama como processo hermenêutico apoia-se em diferentes referenciais e fontes capazes de auxiliar na interpretação do texto [...] A hermenêutica bibliodramática, não obstante, propõe ir além das perguntas investigativas da exegese histórico-crítica [...] A mensagem do texto, no entanto, não existe por si só, mas depende da interpretação humana[...]. Desta forma o bibliodrama pratica a hermenêutica. (ROESE, 2007, p. 44).

Vale ressaltar um questionamento: na prática, como acontecem essas contribuições da teoria dos papéis ao bibliodrama? O elemento responsável por essa aplicabilidade e adequação teórica à prática é o diretor/coordenador ou

diretora/coordenadora, o bibliodramatista. É o diretor que promove a coesão e a ação grupal, conduzindo o grupo em suas diversas tarefas e desafios. Como já dito anteriormente, de sua habilidade de condução grupal depende toda a produção de sentido e os consequentes resultados da vivência experienciada. De sua competência emerge a superação das dificuldades inerentes ao movimento grupal. Quando são aplicadas todas essas referências ao bibliodrama, a ação e o desempenho do papel de diretor (a) /coordenador (a) necessitam ser explicitados, ou seja, sua competência e habilidade são responsáveis pela adequação da vivência aos seus objetivos.

Ao descrever o caráter de adequação da vivência, Dilthey (2008, p. 91) afirma que “só na estrutura psíquica existe originalmente o caráter de adequação a um fim”. Moreno ressalta igualmente a importância da adequação ao conceito de espontaneidade: “A espontaneidade opera no presente, isto é, aqui e agora; ela impulsiona o indivíduo na direção de uma resposta adequada a uma nova situação” (MORENO, 2008, p. 54). Ou seja, a presença de adequação na vivência deverá ser objeto de observação por parte do diretor, responsável, em última instância, pela existência e pela prática grupal.

O princípio de adequação torna-se útil quando se fala da hermenêutica a partir da subjetividade de cada sujeito constitutivo do grupo. Pode-se questionar o quanto de fidelidade e de consonâncias com a mensagem cristã estará presente em uma interpretação pessoal dentro de uma diversidade de sujeitos. Encontra-se como tarefa do papel do diretor preservar, orientar e promover tais adequações ao trabalho proposto.

A leitura e a interpretação da Bíblia constituem o objetivo e a razão de se propor a vivência bibliodramática, respeitando a fé e as mensagens bíblicas. Para garantir esse respeito, é necessária a postura ética e responsável do bibliodramatista, seu compromisso com a comunidade cristã em que se encontra inserido, contando com a ajuda do grupo, que também faz parte dessa mesma comunidade de fé, já que as ações e conclusões que emergem da vivência terão ressonância tanto no grupo quanto na comunidade. Existem, entretanto, riscos para os quais o diretor necessita estar atento. Por se tratar de uma experiência vivida, mobilizada pela ação grupal, essas vivências podem ser extremamente motivadoras de grandes emoções e sentimentos que, muitas vezes, o grupo como um todo, ou mesmo algum elemento do grupo, não suportaria.

Eis nesse ponto mais uma das contribuições da teoria dos papéis ao bibliodrama: ao promover uma experiência vivencial, o bibliodramatista não tem controle ou direção do que será vivenciado, que consiste, como já se afirmou, nas experiências-limite, às

quais nem sempre todos os sujeitos envolvidos na ação bibliodramática estão aptos para suportar dada sua dimensão emocional. Como responsável pela prática, o bibliodramatista necessita de habilidade e competência para administrar e conduzir essas experiências-limite, sobre as quais não deve haver controle ou regras delimitadoras da experiência, exceto as regras de respeito e comportamento moral e ético.

Embora a linha divisória entre a vivência e o processo psicoterapêutico seja muito, é fundamental que a vivência bibliodramática não se transforme num processo de tratamento psicológico, devendo, para isso, respeitar esse limite. O respeito a esse limite constitui papel do bibliodramatista, permanecendo fiel aos objetivos propostos, não se afastando do chamado mundo do texto (Bíblia), isto é, não se perdendo em questões pessoais e conflitos psicológicos e individuais, em detrimento da experiência religiosa vivida e revelada pela ação bibliodramática. Enfim, o preparo do papel de diretor, seja nos referenciais teóricos psicodramáticos, seja na concepção coerente com sua fé e prática religiosa possibilita um bibliodrama compatível com seus objetivos.

Em contrapartida, não se pode abstrair da subjetividade do intérprete, já que dela parte a interpretação para a busca de sentido e de fé. A legitimidade do bibliodrama vem dessa postura de crente que reconhece e propaga sua crença e a autoridade canônica das Escrituras. A comunidade de leitura e de interpretação, que constitui um dos traços que especificam os relatos bíblicos, impede que os textos sagrados sejam meros pretextos de encenação e teatralização, proporcionando ao bibliodramatista alcançar seus objetivos.

3.7 CONTRIBUIÇÕES DO BIBLIODRAMA AO PSICODRAMA

Com foi exposto ao longo deste trabalho, a teoria dos papéis, de Moreno, contribui para o bibliodrama possibilitando, por meio da dramatização, a interpretação dos textos sagrados de maneira singular, espontânea e criativa, no aqui-e-agora do grupo, contextualizando as mensagens bíblicas ao cotidiano de cada participante da vivência bibliodramática. Dessa forma, o bibliodrama pode ser compreendido como resultado da relação dialógica entre a hermenêutica bíblica (exegese) e a teoria psicodramática.

Ao se enfatizarem os aspectos relacionais na origem do bibliodrama, torna-se necessário o esclarecimento de que o conceito de relação, para Buber (1974, p. 147), “implica uma reciprocidade abrangendo efetivamente os dois parceiros”. Desse modo, como a mutualidade é constitutiva das relações, aplica-se também na relação entre a

hermenêutica e o psicodrama, isto é, as contribuições do psicodrama (teoria dos papéis) ao bibliodrama implica também as contribuições do bibliodrama ao psicodrama. Como já se afirmou, o bibliodrama faz parte da filosofia da religião por ter as mesmas singularidades e características fundamentais:

Desta forma a filosofia da religião aparece como um lugar que possibilita a transformação pessoal. Não, certamente, no sentido de um convencimento proselitista. Mas no sentido de que o estranho remete o sujeito examinador [hermeneuta] para além de si mesmo, o questiona e, a partir daí, necessariamente o modifica (GROSS, 2010, p. 51).

Como agente transformador do autoconhecimento, resgatando o sentido de religiosidade, de fé e de encontro com Deus, o bibliodrama resgata os princípios filosóficos que nortearam Moreno, ao longo de sua existência e constituíram o fundamento de sua obra. Segundo Gonçalves e col. (1988, p. 35), tais fundamentos da obra moreniana podem ser compreendidos através dos seus quatros momentos criativos: religioso e filosófico (até 1920); teatral e terapêutico (1921 a 1924); sociológico e grupal (1924 a 1941); organização e consolidação (1942 a 1974). Desse modo, para a compreensão da obra moreniana, em suas diversas etapas, é imprescindível o conhecimento da sua visão antropológica:

O eixo da existência do homem, a base da realidade, é o momento. A base do momento é, por sua vez, a Divindade. Portanto o problema consiste em demonstrar como a Divindade pode existir no momento, sem perder nenhuma das características essenciais da ideia de Deus (MORENO, 1992, p. 160).

Para Roesse (2007, p. 17), por ser um método “que ajuda a aprofundar a espiritualidade, a teologia, a leitura bíblica e a experiência religiosa”, o bibliodrama possibilita o encontro com Deus, no momento, no aqui-e-agora grupal. Esse encontro torna-se instrumento de apropriação e de aprimoramento dos referenciais filosóficos para psicodramatistas no seu desempenho do papel social que sustentam a sua prática:

A melhor maneira de “demonstrar” ou de “louvar” a Deus na sua grandeza não é elevando a sua atividade ao plano duma exceção sobrenatural, ou rebaixando-a a um processo de preencher as lacunas dos nossos conhecimentos científicos; Deus atua dentro da natureza e através dela, e quanto mais procuramos compreender as bases e as leis da sua criação, longe de nos afastarmos dele, mas dele nos aproximamos; são elas, essas bases e essas leis, que nos permitem ao menos fazer uma idéia da sua grandeza e da sua sabedoria (DREWERMANN, 1989, 27).

Desse modo, as ideias de Drewermann e de Moreno aproximam-se. A capacidade de tornar Deus presente no psicodrama, contextualizando-O no cotidiano pessoal e profissional, evidencia a ideia moreniana de que “Deus está sempre em e entre nós, como acontece com as crianças. Em vez de baixar do céu, Ele entra pela porta do palco. Deus não está morto, Ele está vivo, no psicodrama!” (MORENO, 2006, p. 35). Essa possibilidade de conviver com a presença de Deus, no psicodrama, é facilitada pela vivência bibliodramática, contribuindo para a especificidade da ação psicodramática:

A ação cede espaço à palavra, a palavra cede à ação, ambas têm um mesmo palco onde se fazem presentes como um balé que se poderia denominar: O Corpo. O Evangelho de São João continua: “e o verbo se fez carne”. A ação dramática é a plena concretização da palavra, dos gestos, do desejo, do real-imaginário, da dança de solilóquios, do raciocínio das mímicas que seguem o caminho da espontaneidade, da resposta que ficou sem sair, da resposta existencial e da catarse de integração (AMATO, 2002, p. 20).

Dessa forma, os psicodramatistas terão a possibilidade de, por meio dessa vivência, experimentar um contato genuíno e profundo da relação com Deus e com a espiritualidade, no contexto atual. Na visão de Roese (2007, p. 15), o bibliodrama é um “método que orienta o cuidado terapêutico mútuo centrado numa perspectiva social e espiritual”.

Nessa mutualidade dialógica bibliodrama e psicodrama, encontra-se mais uma contribuição do bibliodrama à teoria e prática psicodramática: conceituando papel a partir de tele (relação mútua, à distância), Moreno (1983, p. 23) também conceitua contrapapel, ou papel complementar⁸⁵, como parte constituinte do outro polo da relação.

Desse modo, como foi abordado anteriormente, o bibliodrama, ao possibilitar as experiências-limite (medo, sofrimento, angústia), contribui para o desenvolvimento e desempenho do papel do psicodramatista, tanto nos seus aspectos pessoais (papéis que desempenha ao longo de sua vida), quanto em sua prática (papéis sociais), ao facilitar o

⁸⁵ O conceito de contrapapel remete ao conceito de contra-transferência elaborado por Freud (1970, p. 130) como sendo “o resultado da influência do paciente sobre os sentimentos inconscientes” do psicanalista.

exercício de seus contrapapéis: “Por mais difícil que é ser um ator sem um script, pode ser ainda mais difícil de ser diretor, por que você tem um conjunto de cuidar e do sentido de um todo dramático e estética de gerir” (PITZELE, 1998, p. 33, tradução nossa). Essa dificuldade explicitada por Pitzele, ao se referir ao diretor (bibliodramatista), deve tornar-se foco de atenção e cuidado na formação e prática do psicodramatista, podendo ser, de alguma maneira, abordada, tratada e até superada a partir de vivências psicodramáticas, em especial, as bibliodramáticas.

Nesse sentido, surge uma proposta. Diversas vezes, o trabalho psicodramático é desenvolvido por meio de uma unidade funcional. Segundo Moraes Neto (1999, p. 59), “unidade funcional pode ser caracterizada como uma equipe de terapeutas com, diferenciação ou não de papéis e funções, que realizam juntos no mesmo espaço de tempo uma atividade”. Trata-se de uma co-ordenação do grupo, por meio de dois coordenadores, exercendo o papel de diretor da vivência.

Em função desse referencial, a prática bibliodramática contribui para o psicodrama e, na sua contrapartida, o psicodrama para o bibliodrama, com a criação de unidades funcionais, nas quais um hermenêuta bíblico (exegeta) e um psicodramatista (em co-ordenação) conduzem um bibliodrama. Associando conhecimento psicodramático, no aqui-e-agora grupal, o conhecimento bíblico transforma-se em trocas de experiências, em reflexões teóricas e aprendizagem pessoal e profissional.

3.8 NOTAS CONCLUSIVAS

Os aspectos hermenêuticos do bibliodrama foram privilegiados como fonte da argumentação para expor a ideia central desta sessão: as contribuições da teoria dos papéis, de Moreno, para o bibliodrama, e sua contrapartida: as contribuições do bibliodrama para o psicodrama.

Dessa maneira, considerando a evolução da hermenêutica como uma ciência geral da interpretação, passou-se a dar importância à compreensão dos aspectos psicológicos do ser humano como fundamentais para o ato da interpretação. Em função disso, o estudo da abordagem psicológica psicodramática torna-se imprescindível a uma ação hermenêutica, principalmente quando essa interpretação tem uma especificidade: desenvolve-se a partir das dramatizações que emergem de um texto sagrado.

Essa característica, que define o bibliodrama, impõe a necessidade de melhor compreender a maneira como tal dramatização ocorre. O conhecimento e manejo de determinadas técnicas psicodramáticas possibilitam a compreensão dos aspectos psicológicos dos integrantes do grupo, e do grupo como um todo, alcançando-se, assim, o objetivo da vivência bibliodramática: o encontro singular do sujeito com o texto bíblico.

Com isso, as intervenções do bibliodrama, centradas nas práticas de ação dramática envolveram outros referenciais teóricos para uma hermenêutica na qual o sujeito torna-se o foco da ação interpretativa, construindo um espaço para inovações da prática psicodramática: o bibliodrama.

Por outro lado, essas inovações necessitam de reflexões sobre sua aplicabilidade na medida em que as propostas de Ricoeur (2006), “mundo do texto” e “mundo do leitor”, contribuíram para a construção da ponte teórica que liga as concepções da hermenêutica bíblica à utilização da teoria dos papéis, de Moreno, revelando sua importância para o bibliodrama.

Pelo exposto ao longo desta pesquisa teórica, fica evidente que essa ponte deve-se ao fato de que tanto o mundo do texto (Sagrada Escritura), quanto os papéis morenianos (mundo do leitor), fundamentais para Drewermann na hermenêutica bíblica, são, em última instância, conservas culturais. Ou seja, por meio da ação bibliodramática, tendo acesso aos papéis psicodramáticos, psicológicos, sociais e às conservas culturais, torna-se possível resgatar a espontaneidade e a criatividade, categorias essenciais à vivência bibliodramática.

CONCLUSÃO

Ao se constituir como um método específico de hermenêutica bíblica, o bibliodrama estabelece uma nova maneira de dialogar com os textos sagrados, tornando-se, assim, uma ciência da interpretação, desenvolvida por um grupo de pessoas, em busca de novos sentidos para sua existência e ressignificados para a vida.

O mundo bíblico, através do estranhamento, das metáforas, das parábolas, dos mitos e das revelações, possibilita um mergulho em cada subjetividade, de modo que os participantes do grupo são mobilizados por temas existenciais, os quais provocam emoções e vivências mais profundas. Ao incentivar o diálogo com os textos bíblicos, o bibliodrama, além de abrir questionamentos e fomentar a espiritualidade e a religiosidade, cria possibilidades não só de resgate da fé, mas também de cumplicidade com a vida religiosa, lançando novo olhar e nova luz na vida das pessoas.

A dimensão religiosa compartilhada no aqui-e-agora do grupo incentiva a conscientização dos aspectos individuais de dignidade, integridade e cidadania, em consonância com os valores cristãos, revelados pelos textos bíblicos. Concomitantemente, agregadas aos aspectos individuais, a coletividade e a responsabilidade social com o próximo também são fontes de reflexões e indagações. Isso capacita o bibliodrama a ser também um instrumento de pesquisa, de intervenção comunitária nos diversos temas de interesse social, como as questões de gêneros, exclusão/inclusão social, as minorias segregadas, preconceitos, entre outros.

Embora não seja seu objetivo principal, a experiência bibliodramática pode ser terapêutica, amenizando os sofrimentos psíquicos e auxiliando as pessoas a se cuidarem para uma melhor qualidade de vida tanto pessoal como comunitária. Deve-se esclarecer que essa característica terapêutica atua como ajuda nos aspectos psicológicos, não sendo, no entanto, psicoterapêutica, como acontece nos tratamentos psicoterápicos processuais de longo prazo. Dessa forma, devido à experiência de fé e espiritualidade em grupo, ela se torna facilitadora das reflexões sobre problemas de relacionamentos interpessoais.

O bibliodrama presta-se à busca de novos sentidos das mensagens bíblicas, aprofundando a relação com Deus e com o Sagrado, de modo que a vivência dramatizada, experimentada, através do reviver o que foi revelado pelos textos bíblicos, possibilita um olhar para além de si mesmo: alarga a percepção da vida, amplia o horizonte existencial, transforma a autopercepção. O resgate da espontaneidade e da criatividade cria um novo

sentido para essa experiência, ao suscitar a fé através do reconhecimento da autoridade do texto sagrado. Nesse sentido, o sujeito autor da interpretação transforma-se em objeto transformado pela experiência advinda das Escrituras Sagradas.

Embora a aplicabilidade dos conceitos psicodramáticos à interpretação de um texto sagrado, com sua característica religiosa e seu sentido espiritual, mereçam considerações pertinentes, esses conceitos não foram esgotados, sendo selecionados aqueles considerados relevantes e que possibilitam o percurso da teoria dos papéis, do psicodrama, até à hermenêutica bíblica, culminando com a contribuição ao bibliodrama. Alcança-se, assim, o objetivo central desta pesquisa, que é responder à questão: qual a importância da teoria dos papéis de J. Moreno para o bibliodrama?

Como o foco desta pesquisa consiste nas contribuições da teoria dos papéis, de Moreno, ao bibliodrama, revela-se, assim, sua importância: sua importância está no fato de possibilitar a compreensão do homem nos seus aspectos subjetivos, históricos, sociais e religiosos. Para não nos perdermos nem nos afastarmos dos objetivos específicos propostos, não foram contempladas todas as implicações teóricas que poderiam ser de interesse aos que se dedicam ao estudo do bibliodrama.

Quando se utiliza a metodologia moreniana, para efetivar a prática do bibliodrama, a abordagem psicológica necessita contemplar a mesma coerência. Nesse sentido, a antropologia moreniana foi utilizada para que o método aplicado mantivesse sintonia com a maneira de se compreender o sujeito na ação bibliodramática. Nesse caso, a subjetividade é o agente da interpretação e responsável pelas ações emergentes no aqui-e-agora grupal. Essa mesma subjetividade, por meio da dramatização, dialoga com o Sagrado, compreende o texto bíblico, joga, cria e desempenha, espontânea e criativamente, papéis. Essa dinâmica possibilitará o resultado final e transformador do bibliodrama.

Nesse sentido, foi realçado o resgate da espontaneidade e da criatividade, fundamentando-se na visão moreniana de que a perda da espontaneidade cristaliza o sujeito em seus papéis sociais, impossibilitando-o de ser criativo. O alcance desses papéis ocorre com as dramatizações, que emergem das interpretações e compreensões despertadas do mundo bíblico.

Assim foi todo o percurso desta pesquisa: foram enfatizados os aspectos da teoria bibliodramática, que se revelam como referenciais para o diálogo proposto; na metodologia empregada, a dramatização de papéis caracteriza a ação bibliodramática, e as demais etapas são preparatórias para o desempenho de papéis. Por outro lado, como foi enfatizado,

ao longo deste estudo, não basta apenas desempenhar papéis, sendo fundamental que todos os papéis desempenhados sejam compreendidos à luz do significado do texto (para Ricoeur, mundo do texto).

Através do mundo do texto, alcançam-se as profundezas do mundo do leitor, que é compreendido como parte integrante de toda a vivência bibliodramática, seja o bibliodramatista, seja todos os membros do grupo. Foi ressaltada a proposta moreniana da construção da personalidade do sujeito participante da vivência bibliodramática, a partir do conceito de matriz de identidade, em seus aspectos individuais e coletivos.

A possibilidade de compreensão dos diversos papéis (psicossomáticos, imaginários e sociais) possibilita a leitura e o manejo da dinâmica grupal (consciente e inconsciente) vivenciada. Os diversos papéis emergidos na experiência, além de despertarem a historicidade de cada um e resgatarem a memória afetiva no aqui-e-agora grupal, possibilitam reflexões e questionamentos, levando o grupo a alcançar seus objetivos.

Pelo que foi exposto, é importante ressaltar, mais uma vez, a importância que o manejo da teoria dos papéis fornece à ação bibliodramática. Quanto maior a compreensão, a utilização e a decodificação dos papéis que emergem no bibliodrama, maior deve ser a habilidade e a competência do bibliodramatista na execução de seu papel de diretor, já que é responsável pelo sucesso ou fracasso na condução do grupo.

Dessa forma, o enfoque nesta pesquisa foi direcionado ao bibliodramatista seja no papel de hermenêuta (exegeta bíblico), seja no papel de psicodramatista, em uma complementaridade de papéis, para explicitar, exatamente, sua função hermenêutica bíblica. Vale ressaltar que privilegiar o bibliodramatista na construção dos argumentos deveu-se ao fato de que seu desempenho envolve a habilidade e a competência em administrar os aspectos hermenêuticos aqui abordados: textos sagrados (mundo do texto, de Ricoeur); aspectos subjetivos (de acordo com as ideias de Dilthey e de Drewermann, mundo do leitor), e teoria dos papéis (de Moreno); a dramatização (em sintonia com a vivência diltheyana); o resgate da espontaneidade e da criatividade como condição da apropriação hermenêutica bíblica, possibilitando o bibliodrama acontecer.

Por meio de uma escolha deliberada, não foram abordados os diversos aspectos que envolvem os papéis desempenhados pelos membros do grupo. Essa deliberação prestou-se aos objetivos iniciais, mantendo a pesquisa coerente com sua proposta. Ampliar os argumentos envolvendo tanto o diretor do bibliodrama quanto os membros do grupo apontaria para caminhos distintos. Abordar os diversos papéis desempenhados pelos

diversos membros do bibliodrama exigiria, além da descrição das possíveis dramatizações transcorridas em uma vivência bibliodramática, as descrições dos aspectos dinâmicos vividos pelo grupo como um todo. Ampliando-se os limites desta pesquisa, corre-se o risco de afastar-se dos objetivos propostos, mas, ao mesmo tempo, não fazê-lo abre espaço para estudos complementares deste trabalho.

Dessa maneira, a instrumentalização da teoria dos papéis, de Moreno, é uma ferramenta de trabalho que possibilita ao responsável pelo bibliodrama promover a dramatização como forma de interpretação da Bíblia, alcançar a subjetividade dos participantes e manter-se nos limites do texto sagrado. Sabe-se, no entanto, das dificuldades e da imprevisibilidade de se utilizar tal instrumento como mobilizador das vivências emocionais: as consequências são incontáveis e sem condições de serem avaliadas, pois compete a cada indivíduo sua autoavaliação.

Como já se afirmou, os textos bíblicos trazem a possibilidade de contato com Deus e consigo mesmo. Nesse contato consigo mesmo, não havendo condições de conviver com determinadas emoções ou lembranças afetivas, o indivíduo pode viver um caos emocional, exigindo do bibliodramatista aptidão para lidar com essa situação imprevista e de impacto para o sujeito e o grupo (as experiências-limite). O manejo adequado das diversas técnicas bibliodramáticas presta-se a promover o caráter vivencial de todo o processo, por meio da espontaneidade e criatividade. Caso essa aplicabilidade não seja coerente com o construto teórico-prático moreniano, corre-se o risco de fazer “um teatrinho”, ou, como se diz em termos leigos, “aplicar uma dinâmica”. Esses procedimentos descaracterizam a dramatização e a afastam da categoria de vivência diltheyana, tão fundamental à prática psicodramática⁸⁶, correndo-se o risco de se transformar-se em uma representação teatral, ou em qualquer outro procedimento que não seja bibliodrama.

Dessa forma, as reflexões levantadas, ao longo desta pesquisa, têm esta pretensão: fomentar questionamentos, incentivar o diálogo, despertar responsabilidades quando se trata de emoções, sentimentos e expectativas mobilizados pela fé, esperança e espiritualidade de cada sujeito envolvido em uma experiência bibliodramática. A busca por uma vivência de fé e religiosidade sempre produz nos que estão abertos e disponíveis a experimentá-la o encontro consigo mesmo e além de suas fronteiras.

⁸⁶ Tal advertência encontra-se explicitada em Amaral (2004, p. 53): “À menor infração a esse princípio fundamental [descaracterizar a vivência] corre-se o risco de perder a sintonia com a vida e com ela a possibilidade de compreender o mundo histórico-social”. Ou seja, não correspondendo à vivência, todo o processo experienciado não atingirá os objetivos finais, isto é, não possibilitará a compreensão do sentido vivido no aqui-e-agora bibliodramático.

Retornando à relação bibliodrama e psicodrama, podemos concluir que as contribuições da teoria dos papéis, de Moreno, ao bibliodrama e, em contrapartida, as contribuições do bibliodrama ao psicodrama merecem discussões e aprofundamentos capazes de fomentar a prática tanto de um quanto de outro. A sugestão de se criarem unidades funcionais (hermeneuta bíblico e psicodramatista) traduz, no cotidiano profissional, a aplicabilidade desta pesquisa. A origem compartilhada do psicodrama e do bibliodrama, isto é, do homem e de sua relação com Deus, perpassa essa maneira de agir profissional e de posicionar-se no mundo e viver a vida.

Enfim, ao dialogarem o hermeneuta bíblico e o psicodramatista, emerge o bibliodrama. Na reciprocidade desse diálogo, a interpretação da Bíblia ou o encontro com o texto sagrado ganha nova dimensão. Esse encontro, como foi abordado, revela-se como experiência vivida, profunda e reveladora de novos sentidos. Entretanto, no contexto atual, surgem questionamentos e novas reflexões sobre religião e espiritualidade. Em uma teoria psicológica como o psicodrama, que tem na formação de seu criador e na sua origem, isto é, sua base filosófica, teórica e prática envolvendo a presença de Deus, fazem-se necessárias a contextualização e as repercussões dessas reflexões e questionamentos. Desta forma, compreender as bases filosóficas da proposta moreniana torna-se fundamental para uma prática responsável e coerente com as ideias de Moreno nos dias de hoje.

Vale ressaltar, mais uma vez, a contribuição que o psicodrama pode receber do bibliodrama. Possibilitando o encontro com Deus, com a mensagem bíblica revelada nas entrelinhas do texto sagrado (fogo branco), o bibliodrama possibilita ao psicodrama um retorno à sua base filosófica, vivenciada no aqui-e-agora, contextualizando-a ao mundo interno de cada um e facilitando a relação com Deus. Enfim, ao vivenciar o bibliodrama, o psicodramatista viverá a experiência de que Deus não está morto, mas vivo, tanto no psicodrama quanto no bibliodrama.

REFERÊNCIAS

A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

AMARAL, M. Dilthey. Conceito de vivência e os limites da compreensão nas ciências do espírito. **Trans/form/ação**, São Paulo, V.7, n.2, p. 51-73, 2004.

AMHERDT, F. X. In: RICOEUR, P. **A hermenêutica bíblica**. São Paulo: Loyola, 2006.

ÁVILA, A. **Para conhecer a Psicologia da Religião**. Tradução: Maria José Rosado Nunes e Thiago Gambi. São Paulo: Loyola, 2007.

BOOTZ, E. R. “**Consultei a Deus, ele me respondeu, e me livrou de todos os temores**”: o uso de recursos espirituais no aconselhamento pastoral. Tese (Doutorado em Teologia) – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2013.

BRITO, D. J. **Astros e Ostra:** uma visão cultural do saber psicológico. São Paulo: Ágora. 1998.

BUBER, M. **Eu e Tu**. 2. ed. São Paulo: Morais, 1974.

BUSTOS, D. M. **Perigo... amor à vista!**: drama e psicodrama de casais. Tradução: Nobertos de Paula Lima. 2. ed. São Paulo: Aleph, 1990.

CALVENTE, C. Revisitando La Teoria De Roles: Lugar Del Personaje. **Revista Brasileira de Psicodrama**. São Paulo, v.14. n. 2, p. 37-45, 2006.

CARTWRIGHT, D.; ZANDER, A. **Dinâmica de grupo:** pesquisa e teoria. São Paulo: E.P.U., 1975.

CARVALHO, E. R. **Manual de Bibliodrama**. Niterói: Praça de Encontro, 2002.

CASANOVA, M. A. Apresentação à edição brasileira. In: DILTHEY, Wilhelm. **Introdução às ciências humanas**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 5-13.

CLAYTON, M. A teoria dos papéis e sua aplicação na prática clínica. In: HOLMES, Paul et al. **O Psicodrama após Moreno:** inovações na teoria e na prática. São Paulo: Ágora, 1998. p. 159-186.

DILTHEY, W. **Introdução às ciências humanas:** tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. **Ideias acerca de uma Psicologia Descritiva e Analítica**. Covilhã, 2008.

DREHER, L. H. Vivência/Erlebnis em Wilhelm Dilthey. In: Ferreira, Acylene Maria Cabral (Org.). **Verdade e Interpretação**. Salvador: Quarteto, 2013.

DREWERMANN, E. **Religião para quê?** Buscando sentido numa época de ganância e sede de poder. Um diálogo com Jürgen Hoeren. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

_____. **Funcionários de Deus:** psicograma de um ideal. Tradução M. C. L. da Fonseca. Lisboa: Editorial Inquérito, 1989.

DURIC, Z. ; VELJKOVIC, J. **Psicodrama em HQ:** iniciação à teoria e à técnica. São Paulo: Daimon, 2005.

FONSECA, J. Interseções entre Moreno e Lacan: a triangulação e o reconhecimento de “Ele”. In: SALTINI, Cláudio; FLORES, Herval Gonçalves. **Lacaneando:** ideias, sensações e sentidos nos seminários de Lacan. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010. p. 211-246.

_____. **Psicodrama da loucura:** correlação entre Bublér e Moreno. 7. ed. São Paulo: Ágora, 2008.

_____. **Psicoterapia da relação – Elementos de psicodrama contemporâneo.** São Paulo: Ágora, 2000.

FRANCKE, August Hermann. **O Pietismo e sua influência na vida e na igreja cristã.** Disponível em: http://www.escolacharlesspurgeon.com.br/files/pdf/Pietismo_Sua_Influencia_na_Vida_e_na_Igreja_.pdf. Acesso em: 20 nov. 2013.

FREUD, S. **O ego e o id.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIX).

_____. **Sobre o narcisismo: uma introdução.** Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV).

_____. **Três ensaios sobre sexualidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1972. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. VII).

_____. **As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica.** Rio de Janeiro: Imago, 1970. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XI).

GONÇALVES, C. S. et al. **Lições de psicodrama:** introdução ao pensamento de Jacob Levy Moreno. São Paulo: Ágora, 1988.

GREENSON, R. R. **A técnica e a prática da psicanálise.** Rio de Janeiro: Imago, 1981.

GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUÉ, E. **Psicoterapia de Grupo.** Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1976.

GRONDIN, J. **Introdução à hermenêutica filosófica.** Tradução: Benno Dischinger. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

GROSS, E. O caráter hermenêutico da filosofia da religião. **Plura, Revista de Estudos de Religião**, v.1, p. 38-53, 2010. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/6/7>> . Acesso em: 28 de out. 2013.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do espírito**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

KIERKEGAARD, S. A. **As obras do amor**: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Tradução: Álvaro L. M. Valls. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KÖRTNER, U. H. J. **Dogmática como exegese consequente?**: sobre a relevância da exegese para a teologia sistemática em conexão com Rudolf Bultmann. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/189/213> Acesso em: 15 nov. 2013.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LINN, V. W. Teologia e psicanálise na obra de Eugen Drewermann. *Psicologia, Saúde e Religião: em diálogo com o pensamento de Paul Tillich*. **Revista semestral de estudos e pesquisa em religião**, São Bernardo do Campo, ano 13, n. 16, p. 161 – 175, jun. 1999.

MARINEAU, R. F. **Jacob Levy Moreno, 1889-1974**: pai do psicodrama, da sociometria e da psicoterapia de grupo. São Paulo: Ágora, 1992.

MARTÍN, E. G. **Psicodrama do encontro**: Jacob Levy Moreno. Tradução de Maria de Jesus A. Albuquerque. São Paulo: Ágora, 1996.

MENEGAZZO, C. M; ZURETTI, M. M; TOMASINI, M. A. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora, 1995.

MONTEIRO, R. (Org.). **Técnicas fundamentais do psicodrama**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MORAES NETO, A. V. Unidade Funcional. In: ALMEIDA, W. C (Org.). **Grupos: a proposta do psicodrama**. São Paulo: Ágora, 1999. p. 59-67.

MORENO, J. L. **The North-West Psychodrama Association**. Impromptu, Edition, 2010.

_____. **Quem sobreviverá?** Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do sociodrama, São Paulo: Daimon, 2008.

_____. **Psicodrama – teoria de ação e princípios da prática**. São Paulo: Daimon, 2006.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Tradução: José Carlos Vitor Gomes. 3. ed. Campinas: Livro Pleno, 1999.

_____. **Autobiografia Jacob Levy Moreno**. CUSCHNIR, Luiz (Org.) São Paulo: Saraiva, 1996.

_____. **As Palavras do Pai.** Tradução de José Carlos Landini e José Carlos Vitor Gomes. Campinas: PSY, 1992.

_____. **O teatro da espontaneidade.** Tradução: Maria Silva Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1984.

_____. **Fundamentos do psicodrama.** Tradução de Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1983.

_____. **Psicodrama,** São Paulo: Cultrix, 1978.

_____. The Religion of God-Father. In: JOHNSON, Paul E. **Healen of the Mind:** a psychiatrist's search for faith. Nova York: Abingdon Press, 1972.

MORENO, Z. T. **A realidade suplementar e a arte de curar.** São Paulo: Ágora, 2001.

NAFFAH, N. A. **Psicodramatizar:** ensaios. São Paulo: Ágora, 1980.

PALMER, R. E. **Hermenêutica.** São Paulo: Edições 70, 1987.

PANNENBERG, W. **Filosofia e teologia:** tensões e convergências de uma busca comum. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Paulinas, 2008.

PERAZZO, S. **Psicodrama:** o forro e o avesso. São Paulo: Ágora, 2010.

PEREIRA, V. M. A hermenêutica de Schleiermacher e a questão da individualidade. **Argumentos**, ano 4 n. 8, p. 242-249, 2012.

PITZELE, P. A. **Scripture Windows:** Towards a practice of Bibliodrama. Los Angeles: Alef Design Group, 1998.

RICOEUR, P. **Hermenêutica e ideologias.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A hermenêutica bíblica.** São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Do texto a ação – ensaios de hermenêutica.** Porto: RÉS, 1989.

ROESE, A. **Bibliodrama:** a arte de interpretar os textos sagrados. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ROHDEN, L. **Hermenêutica Filosófica:** entre a linguagem da experiência e a experiência da linguagem. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

RUBINI, C.; WEEKS, B. Imaginação e Psicodrama. **Revista de Psicodrama**, São Paulo, v. 14, n.1, p.143-150, 2006.

YAZBEK, A. C. Apontamentos Elementares Acerca da Hermenêutica De Friedrich Schleiermacher. **Revista Eletrônica do Grupo Pet- Ciências Humanas, Estéticas e Artes**, São João Del-Rei,. Ano 5, n. 5 - jan./dez. 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/5_Edicao/apontamentos_elementares_sobre_a_hermenutica_de_schleiermacher_andr_yazbek.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2013.

WEIL, P. **Psicodrama**. Rio de Janeiro: CEPA, 1978.

WEIL, P.; SCHUTZENBERGER, A. A. **Psicodrama Triádico**. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.